

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CRISTINA RIBEIRO VILLAÇA

**ENTRE MUSAS E DOUTORES:
UMA LEITURA DA OBRA DE PEDRO NAVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Doutor em Literatura Comparada

Orientadora: Professora Doutora EURÍDICE FIGUEIREDO

Niterói

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CRISTINA RIBEIRO VILLAÇA

**ENTRE MUSAS E DOUTORES:
UMA LEITURA DA OBRA DE PEDRO NAVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutor em Literatura Comparada

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Eurídice Figueiredo (orientadora)
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Eneida Maria de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais

Professora Doutora Marília Rothier Cardoso
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Professora Doutora Ana Cristina Chiara
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professora Doutora Matildes Demétrio
Universidade Federal Fluminense

Professor Doutor Paulo Bezerra
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Maria Elizabeth Chaves de Mello
Universidade Federal Fluminense

Niterói 2007

A meus pais,
a meus irmãos
a meu filho Felipe

Dedico este trabalho

Ao José Manuel

À Jovita

À Lúcia

Às tias Juju e Ilva

A Hugo Tavares

Agradecimentos especiais

Agradeço especialmente a Eurídice Figueiredo pela confiança, pela orientação dedicada, pela amizade e pela seriedade.

Agradeço a Philippe Lejeune pela generosidade e por aceitar orientar-me durante minha estadia em Paris.

Agradeço às professoras Eneida Maria de Souza, Marília Rothier Cardoso, Ana Cristina Chiara e Matildes Demétrio pela participação na banca.

Agradeço à Laura, amiga de todas as horas pela confiança e incentivo.

Agradeço aos tios Pierre e Juju pela generosidade e afeto.

Agradecimentos

À CAPES pela bolsa-sanduíche que me foi concedida por quatro meses em Paris.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da UFF.

À Casa de Rui Barbosa pela disponibilidade.

À Maria Luiza, Therezinha Scher e Silvina pela amizade e sugestões.

A Roberto, Mônica, Érika, Denise, Márcia, Zeca, Maria, Daniel, Álvaro, José Sette, Keka e Gudi pela solidariedade e pelo afeto.

A André, Sylvie, Denis, Célia e Aparecida meus protetores em Paris.

A Daniel, Valérie, Janie, Elodie, Alex, Cécile pelo afeto e amizade.

À professora Françoise Simonet-Tenant pela generosidade e pelo interesse no meu trabalho.

A meus alunos e a Dora pela presença constante e incentivo.

À Rita pela paciência e pela presença.

A Paulo Penido pela disponibilidade e permissão para consulta do Arquivo Nava.

A Marcos Fiuza pelas indicações de leitura e empenho na procura de livros.

A Maria Lúcia Pereira pela generosidade.

Ao Dr. Edson Zaghetto pelo interesse no meu trabalho e incentivo.

A Angela, Paula e Alessandra pela paciência e pelo trabalho de impressão

Sumário

Apresentação	11
--------------	----

Parte I:

O médico que cura

1. A obra médica de Pedro Nava	18
Discurso científico e crônica literária	19
Entrando no Território	25
Livros Velhos de Medicina	26
O médico-escritor	29
De Epidauro ao Brasil	33
O Doutor Torres Homem	35
O elogio médico	38
Escritos médicos	43
2. A formação do médico	46
“Reinventando as Humanidades”	55
3. O método de trabalho	59
Primeira fase: o colecionador	60
Segunda fase: o arquivista	62
Terceira fase: o anatomista	64
4. Medicina e Literatura: uma relação simbiótica	67
Literatura: fonte para a Medicina	68
Médico-paciente: uma relação delicada	71

Parte II:
O médico que se cura

1. A obra memorialística de Pedro Nava	82
Em busca de um tempo perdido	84
Formação do médico-escritor	85
A influência modernista	88
“O trabalho da citação”	93
O correspondente contumaz	102
2. O arquivista da memória	105
Memória: entre o esquecer e o lembrar	108
A escrita: uma leitura de si	113
Escrever para não morrer	114
3.O arqueólogo da memória	116
O memorialista: entre a ficção e a história	120
Memórias de morte	126
4.O anatomista da memória	127
O Defunto	136
5. Memórias Rebeldes	146
Considerações Finais	157
Referências Bibliográficas	161

Resumo

Este trabalho propõe uma leitura crítica da obra de Pedro Nava. Analisando sua obra médica publicada na década de 1940, observam-se as perspectivas literárias, o método de trabalho do escritor e um estilo particular os quais revelam a presença do homem de letras por detrás do médico historiador. Esta obra médica contém o grão que germinará em sua obra memorialística publicada trinta anos mais tarde. A estreita relação entre o médico-escritor e o escritor-médico mostra que essas duas características são fortemente enraizadas e indissociáveis na obra de Nava.

Palavras-chave: medicina e literatura, memória, autobiografia.

Résumé

Le présent travail propose une lecture critique de l'œuvre de Pedro Nava. En ce qui concerne son œuvre médicale publiée dans les années 1940 on peut déjà observer les tendances littéraires, la méthode de travail de l'écrivain et un style particulier qui révèlent la présence de l'homme de lettres derrière le médecin historien d'une part, et d'autre part annoncent le futur mémorialiste des années 1970. En effet l'œuvre médicale contient en germe les *Memórias* publiées trente ans plus tard. L'étroite relation entre l'écrivain-médecin et le médecin-écrivain fait que ces deux identités soient toujours présentes et indissociables dans toute l'œuvre de Nava.

Mots-clés: médecine et littérature, mémoire, autobiographie.

Apresentação

Depois de ser limitada ao romance, teatro e poesia no século XIX, a literatura vai reconquistar no século XX uma parte de seus territórios perdidos. O poema em prosa, os relatos de viagem, as biografias, as correspondências, as memórias, os diários e a autobiografia adquiriram *status* e a escrita de si passou a ocupar lugar privilegiado.

No Brasil, José Veríssimo, em 1898, lamentava a falta na nossa literatura de “memórias próprias ou alheias, correspondências, depoimentos pessoais e íntimos, curiosos à leitura e geralmente úteis à História” (Resende, *O Globo*, Domingo, 26/10/1980). Otto Lara Resende também lastima que “tenhamos despertado tarde para a memorialística” (Resende, *O Globo*, Domingo, 26/10/1980). A partir de 1930, por circunstâncias históricas, as memórias, políticas ou não, começam a surgir. No fim dos anos 1960 e na década de 1970 houve um surto memorialista que se dividiu em dois grupos: “o dos exilados, legitimamente mais autobiográfico, centrado no indivíduo e o dos que herdaram dos velhos modernistas, cuja ambição era a de recapturar uma experiência não só pessoal como também do clã senhorial em que inseria o indivíduo” (Santiago, 1989, p.32). Pedro Nava integrou o segundo grupo e, apesar de sua formação modernista, só começou a escrever sua obra literária cinquenta anos depois, o que lhe proporcionou um olhar crítico e já distante do Movimento modernista dos anos 20. Apesar de não ter sido exilado, os anos de ditadura impulsionaram a escrita das *Memórias*:

Eu não teria sido um escritor de memórias se não tivesse tido minha época de exteriorização literária num momento em que estávamos debaixo de uma ditadura, uma ditadura militar. E comecei a escrever,

talvez para me livrar desse espantinho, para conversar comigo mesmo na impossibilidade de fazer isso com outros (Nava, Entrevista *Folha de São Paulo*, 15/05/1984).

Mas a trajetória do memorialista havia começado antes da explosão das *Memórias*. Nos anos 1940 Nava publicara dois livros sobre a história da medicina e já nessas obras ficava evidente que sua veia literária permitia ao médico-historiador ultrapassar as fronteiras do discurso científico. De fato, esses livros podem ser considerados memórias médicas devido não apenas aos temas abordados mas, sobretudo, pela forma incomum de escrever de um historiador que interfere no texto e, quando lhe faltam dados, completa as lacunas dos documentos com sua imaginação. Para escrever a história da Medicina, Nava transitou entre a pesquisa médica e seu interesse pelo passado e, apesar de tratar de assunto científico, percebe-se a sombra do literato acompanhando discretamente o historiador, ou seja, o médico-escritor encontrou uma maneira de disfarçar a literatura sob a capa da história médica e, ao mesmo tempo, preservar seu status de médico bem sucedido. Em 1952 Nava publica, no *Correio da Manhã*, a crônica “Evocação da Rua da Bahia”, em homenagem ao cinquentenário de Drummond, texto que consta agora como “Anexo” de *Chão de Ferro* (pp.349-354). A crônica “caiu no conhecimento de todo mundo” (Nava, Entrevista a Cora Rónai Vieira, *Jornal de Brasília*, 28/06/1974) e foi a partir dela que Fernando Sabino e Otto Lara Resende começaram a estimular Nava a escrever suas memórias. Em 1972, com a publicação de *Baú de Ossos*, Nava insere-se no *boom* da escrita memorialista brasileira. Entretanto, a opção pelo gênero memorialístico é anterior às *Memórias* e está ligada, certamente, à possibilidade que esse gênero oferece de rever o passado através de um olhar crítico do presente. Observando sua obra

médica, pode-se dizer que a memória é seu gênero de expressão e foi nele que Nava se consagrou.

A hipótese de trabalho a ser verificada nesta tese consiste em considerar a obra médica e literária de Pedro Nava como um todo indivisível e complementar. A leitura das *Memórias*, sua obra mais conhecida, desperta a curiosidade do leitor para um médico-escritor que, enquanto exercia a medicina, publicou poemas, crônicas, dois livros sobre a história da medicina e inúmeros artigos sobre temas médicos. Assim, sua obra memorialística representa, não sua estréia como homem de letras, mas a continuação de um percurso, iniciado nos anos 1920, que deve ser levado em consideração, pois revela as outras faces do memorialista, e tão importantes quanto ela, isto é, a do desenhista, do poeta e sobretudo, a do médico. Nava é, antes de tudo, escritor. No entanto, a Medicina levou-o a olhar o mundo sob o prisma do médico que observa, ausculta e diagnostica de tal forma que se pode dizer que a medicina compõe o chão das memórias e o olhar do médico prefigura e torna-se indissociável do olhar do escritor. O presente trabalho divide-se em duas partes que tratam respectivamente da obra médica e da obra memorialística de Pedro Nava. Entretanto, pretende-se mostrar que medicina e literatura não se opõem mas tornam-se complementares pois representam dois lados inseparáveis de um médico-escritor que “não dissocia nada” (Nava, Entrevista a Lourenço Dantas Motta, *O Estado de São Paulo*, 15/02/1981) em sua obra.

A primeira parte analisa sua obra médica – *Território de Epidaurou, Capítulos da história da medicina no Brasil*, a *Biografia do Doutor Torres Homem* e outros escritos médicos – que foi, de certa maneira, abandonada ou apenas superficialmente

citada nas diversas teses, nos diversos artigos e nos trabalhos acadêmicos escritos sobre Pedro Nava; o interesse maior focalizava sempre sua obra memorialística. Seus dois livros sobre Medicina tratam da história e da prática da medicina no Brasil não só no aspecto científico mas também social, antropológico e cultural. E, apesar de ter como objeto temas ligados à Medicina, “a marca da vocação literária aparece ali indisfarçável” (Resende, *O Globo*, 20/05/1984), o que permite considerá-la como precursora das *Memórias*. De fato, em *Território de Epidauro e Capítulos da história da medicina no Brasil*, estão presentes as múltiplas assinaturas do médico-escritor: sua formação humanista, seu interesse de colecionador, o diálogo com as outras artes, a presença da literatura, o olhar do anatomista, a mescla estilística e a influência modernista. A capacidade de manipular o registro da oralidade, consequência de sua formação feita através da “roda de conversa familiar mineira e mesclada ao seu vasto saber erudito e as muitas leituras literárias” (Arrigucci Jr., 1992, p.70), resultou em uma obra que não se confina à simples demarcação dos limites da história da medicina.

Além disto, Nava utilizou nesses livros de medicina o mesmo método de trabalho de que trinta anos mais tarde lançaria mão para escrever as *Memórias*, isto é, quando a documentação era escassa para as demandas da pesquisa, recorria à oralidade e completava com “a imaginação poética as insuficiências dos documentos, imprimindo assim o aspecto literário que elas têm” (Aguiar, 1999, p.160). O fato de anotar tudo o que ouvia com “a intenção de incorporar certas histórias no seu trabalho” (Aguiar, 1999, p.159), conferiu à sua obra médica um caráter “oscilante, formal e informal, de um historiador *sui-generis*, cujo discurso mescla com naturalidade a

ciência e a literatura” (Aguiar, 1999, p.160), de tal modo que muitos trechos poderiam fazer parte das *Memórias*.

Além do método, outros temas desenvolvidos nessa obra médica foram retomados pelo memorialista – a grande obsessão pela morte, a necessidade de pintar o retrato de uma geração, a preocupação genealógica – e constituíram um *leit-motif* das *Memórias*. De fato, analisando apenas *Território de Epidauro* e *Capítulos da história da medicina no Brasil*, constata-se que “a escolha do gênero já aponta a inclinação do espírito de Nava, a busca do tempo perdido como uma necessidade de compreensão total da vida e do próprio fenômeno do tempo” (Machado. In: Nava, 2004, orelha do livro). O historiador lança mão da literatura que está presente “do começo ao fim nesses livros de medicina; seja executando sua forma envolvente de escrever, seja citando ou fazendo referências a outros escritores” (Aguiar, 1999, p.160). Essa obra médica é extremamente importante pois anuncia a obra memorialística e funciona como “documento para as relações Medicina e sociedade brasileira no período de 1890-1940” (Vale, 2001, p.61), o que permite afirmar que o historiador da medicina já possuía todas as ferramentas do futuro memorialista.

A segunda parte analisa as *Memórias* como uma continuação de sua obra médica. A opção pelo gênero memórias aconteceu, de fato, muito antes de iniciar a escrita de sua obra literária pois, mesmo sendo limitados pelo tema, *Território de Epidauro* e *Capítulos da História da Medicina no Brasil*, buscam recuperar a história da medicina no Brasil do mesmo modo que as *Memórias*, intentam reconstruir um passado soterrado. Na elaboração das *Memórias*, o escritor amplia, e muito, o material

arquivado ao longo da vida mas utiliza o mesmo método de trabalho do historiador (coleccionar, seleccionar e fichar o material recolhido).

Observa-se que a escrita das *Memórias* intentou a criação de um espaço especial no qual estruturam-se os fantasmas e representou de certa forma, uma catarse possibilitando ao memorialista libertar-se do passado, aliviar suas próprias inquietações, seu pessimismo em relação ao ser humano e exorcizar sua grande obsessão pela morte. Talvez por não conseguir extravasar suas angústias, Nava tenha escolhido, como profissão, a medicina que dá o estranho poder de curar os outros mas não de curar a si mesmo. Ao encerrar suas atividades médicas o escritor finalmente pode “debruçar-se na obra que sonhava e, de certo modo, precisava escrever” (Aguiar, 1999, p.165). Nesse sentido, a escrita memorialística/autobiográfica funcionaria como processo terapêutico e prática curativa. A literatura torna-se a grande aliada do médico, uma espécie de antídoto contra a morte, a possibilidade de vencer o tempo, a chama que o mantém vivo: “Se hoje tivesse de parar de escrever, seria homem morto” (Nava In: Holanda, *O Globo*, 24/04/1981). Tendo como objetivo o auto-conhecimento e, sobretudo, o conhecimento do ser humano, Nava entregou-se à reconquista do tempo perdido pela via do memorialismo transformando sua escrita em processo clínico.

Parte I

O médico que cura

Aprendi nas enfermarias mais que com os livros. Quando via que não podia fazer nada – dava um instante minha mão e sem nojo amparava as testas molhadas durante os arrancos do vômito que me batizava: Tu és médico.

Pedro Nava

A obra médica de Pedro Nava

A primeira parte deste trabalho tem como objetivo estudar a obra médica de Pedro Nava. O interesse por essa obra, composta de dois livros sobre a história da medicina, *Território de Epidauro* (1947) e *Capítulos da história da medicina no Brasil* (1949), alguns artigos médicos e a biografia do *Doutor Torres Homem* (cujo manuscrito encontra-se na Casa de Rui Barbosa), não se deu de imediato mas foi o resultado de um longo amadurecimento.

Na década de 1940 Nava já era um médico conhecido, estava em pleno exercício de sua carreira e publicou dois livros sobre a história da medicina. Já de início, intriga o fato de *Território de Epidauro* não ter tido a devida acolhida pela crítica no momento de sua publicação, em 1947: “apenas alguns poucos registros apareceram na imprensa, para dar notícia de um médico que citava Machado de Assis com familiaridade” (Resende, *O Globo*, 20/05/1984). Entretanto, apesar da pouca divulgação, o livro não passou despercebido no meio literário. Rachel de Queiroz escreveu uma crônica, *O justiceiro arauto*, e Drummond reconheceu nele o jovem literato dos anos 20 e se pronunciou enviando a Nava uma carta onde dizia:

Este “Território”, tão inteligente, tão rico de perspectivas para o leigo, a quem você desvenda aspectos tão pitorescos, poéticos e humanos da medicina – é uma espécie de pagamento de dívida. O livro saiu digno de você, cheio de ilustração sem pedantismo, e vazado numa forma literária gostosíssima (Drummond de Andrade, 6/09/1947)

O que causa surpresa, porém, é que, excluindo esses raros elogios, *Território de Epidauro* foi, de certa maneira, esquecido ou superficialmente citado nas diversos artigos, ensaios e trabalhos acadêmicos, o que demonstra um certo desinteresse por essa obra. O

que causa maior estranheza, porém, é o fato de ele não ter tido nenhuma repercussão no meio médico, apesar de ser um livro escrito por médico e destinado, em princípio, a esse público. Em 1949 Nava retorna à cena com *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Mas, como o anterior, este livro não teve repercussão nem entre os médicos, nem entre os historiadores.

Somando silêncio e esquecimento, compreende-se o fato de esses livros terem ficado quase 60 anos sem serem reeditados. Foi somente em 2003, por ocasião das comemorações dos 100 anos de seu nascimento, que *Território de Epidauro* foi republicado e *Capítulos da História da Medicina*, em 2004. Uma primeira questão se coloca: por que esses livros ficaram esquecidos por tanto tempo? Por que não interessaram aos médicos?

Discurso científico e crônica literária

Em *Território de Epidauro (Crônicas e histórias da história da Medicina)*, Nava se propõe a identificar as influências portuguesa, espanhola e francesa na Medicina brasileira, destacar a importância de Carlos Chagas para a Epidemiologia, fazer anotações sobre a biografia do médico Torres Homem, estudar alguns manuscritos de Medicina Popular do fim do século XVIII e princípio do XIX, além de analisar a Medicina como arma de classe e instrumento demagógico. Todavia, ao iniciar a leitura do livro, o leitor depara-se, não com uma história da Medicina, como sugere o subtítulo, mas com um texto que soa literário. Talvez isto explique porque o livro foi, de certa maneira, rejeitado pelos médicos, mas não escapou do olhar aguçado de Rachel de Queiroz e de Carlos

Drummond de Andrade. Otto Lara Resende também captou esse tom literário e compartilha com Drummond a idéia que, apesar de ser obra de médico, *Território de Epidauro* possui uma “forma literária” (Drummond de Andrade, 6/09/1947). A afirmação é duplamente interessante pois, se por um lado confere um aspecto singular a esse livro de história da medicina, por outro lado distancia seu autor do historiador tradicional, que tem o documento histórico como fonte de suas pesquisas. De fato, além de Nava não se limitar ao caráter documental, interpretando muitas vezes, a seu modo, a história, sente-se a presença do escritor aflorando sistematicamente no texto do historiador de medicina. O que, certamente, levou Otto Lara Resende a afirmar que *Território de Epidauro* teria deixado “escapar pelo pesponto científico” o “jucundo e insopitável talento literário” de Nava, e “transcende o interesse específico, para situar-se na linha de *Namoros com a Medicina*, de Mário de Andrade, de médico que namora a vida, o amor, a morte e todas as suas ciências” (Resende, 19/06/1976).

Namoros com a medicina, composto de dois ensaios – “Terapêutica musical” e “A medicina dos excretos” – publicado no final dos anos 1930, “inaugurou no Brasil um verdadeiro sistema de investigação das informações que o folclore pode fornecer ao estudo das concepções empíricas do povo, sobre a doença e os remédios” (Nava, 1947, p.25). Nava retoma, em parte, no seu *Território*, o mesmo tema do livro de Mário de Andrade, isto é, a mescla do elemento erudito ao popular da medicina que se praticava no Brasil, destacando a mistura que se deu entre tradição acadêmica e tradição popular.

Interessa ao médico-historiador resgatar a influência que exerceram os conhecedores de plantas, os feiticeiros e curadores, na arte oficial e na terapêutica clássica. Nava transgride assim a ordem oficial, ao afirmar que a medicina brasileira

origina-se na arte curativa popular que a precedeu. O autor remonta às práticas médicas do povo que, segundo ele, “são quase todas filhas da Feitiçaria” (Nava, 1947, p.60), criticando os modernos pontífices da medicina que,

acastelados na sua ciência, desprezam alto os modestos manejadores das ervas. Não tomam conhecimento dos decaídos representantes da tradição órfica, senão como concorrentes indignos e merecedores apenas da atenção policial – por exercerem por vocação, a Arte que tantos têm apenas como profissão (Nava, 1947, p.60).

Seu interesse pelas práticas médicas do povo vai “desde o uso interno das plantas à sua aplicação externa nos banhos de descarga. Do emprego mágico de certos tópicos à imposição curativa da mão dos taumaturgos” (Nava, 1947, p.61). Nava destaca, por exemplo, a importância das plantas para a Medicina Popular Brasileira:

A dosagem das plantas e, mais, das propriedades de benefício e malefício das graciolas e anêmonas, dos narcisos e acônitos, dos heleboros e colchicos e da posologia mortal dos cogumelos e das cinco cicutas foram mérito e prestígio dos bruxos (Nava, 1947, p.60).

Em um outro capítulo de *Território de Epidauro*, faz um estudo interpretativo de quatro receitas de medicina caseira no século XVIII e evidencia sua importância.

Primeira receita:

Beber Vinagre do Reino hua colher, duas de vinho e agua quanto baste e deve ser quente. – Para por sobre aparte Vinho fervido com alecrim efazer cataplasma com oq baste de miolo depam (Nava, 1947, p.97-99).

Segunda receita:

Huma mão xeya de solidonia, outra dita de baçorinha doce, outra dita de giruão, outra dita de Raiz de funxo, outra da. de raiz de cordão de frade dos grandes, Huma mão xeya de semte. de funxo, 7 limoins galegos, Huma mão de palhas de alhos, 6 folhas de boboras, Hu pedacinho de fumo depitar, tudo Secoza em barril emeio dagua q. mingui ametade se ajuntee 5 cabeças deseboas brancas ao m. Cozimento. guarde empanelas. tomara oduente Huma siringa ordinaria pa ficar com ela ajuntando a cada siringa hu bocado de sal e Huma colher deazeite e Hu palmo de casca de capoeira branca (Nava, 1947, p.100-101).

O interesse dessas receitas “não é apenas o acerto das indicações dos ingredientes. O que chama atenção é a incorporação à terapêutica de vários simples vegetais de origem genuinamente brasileira, já em inícios do século XVIII” (Nava, 1947, p.102). É importante lembrar que, para o médico-historiador, “não há livros inúteis em medicina”, todas as fontes são “indispensáveis para uma boa compreensão da evolução da Arte em nosso país, tanto no seu aspecto culto, oficial e erudito, como no seu aspecto popular – o conhecimento de documentos de várias naturezas” (Nava, 1949, p.6-7). Veja-se outro exemplo que Nava transcreveu de um manuscrito de Medicina Popular do fim do século XVIII :

Receita para escrebutto

Tomará huã Libra de Rais de Suma eaporã com tres frascos da Agoa acozinhar que deminua dous frascos equifique em hum frasco Só, edepois firã coar por hum pano etornará aarear o Tacho (eporã) o Cozim.to aofoguo no coal lhe aJuntará huã Li(bra de Asu)car ecomesará aferver que fique emmey (...) clarificado (...) arã todos os dias duas (...) Manhã e duas aNoite ao deita (...) decada m (...) o frasco (tomara) hu (...) eterã nove Dias deResgoardo nao (...) Enem Semolhar (Nava, 1947, p.157).

Nesse caso, ele copia tal e qual a receita manuscrita, sem corrigir a ortografia, o que confere um aspecto arqueológico a seu texto. Isto porque, consciente da impossibilidade de ter a receita completa, o médico conserva-a faltando pedaços, fragmentada, e vai utilizar o método de recomposição, o mesmo do arqueólogo que parte do fragmento para recompor o que se perdeu, para reconstituí-la. Essa técnica, adotada pelo historiador da medicina, é importante pois prefigura o método do memorialista dos anos 70, que também vê-se obrigado a completar, com sua imaginação, os relatos fraturados e perdidos no tempo.

Retomando *Namoros com a Medicina*, outro aspecto que chama a atenção é o estilo de Nava, que segue os passos de Mário de Andrade. A maneira descontraída,

agradável e, ao mesmo tempo, cuidadosa de transitar entre o discurso científico e a crônica literária revela a grande erudição de Mário de Andrade que, certamente, “influenciou o autor de *Território de Epidauro*” (Aguiar, 1999, p.152).

Nesse tempo a minha linguagem, evidentemente, não era minha linguagem. Assim como se fala alemão, inglês e francês, eu, nessa época (a modernista) falava ‘mário-de-andrade’. Eu tinha uma tal influência do Mário que usava todos os modismos, todos os cacoetes, coisas que hoje não usaria mais e coisas que continuo usando. (Nava, Entrevista a Ricardo Azambuja, nov.1977).

Em seus livros de medicina, Nava não hesita em citar os amigos Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, “prova que o médico, já ilustre, não conseguiu sufocar o escritor. Nem omitiu a presença dos velhos amigos, a quem se ligou na juventude por profundas afinidades” (Resende, 20/05/1984). Há uma passagem em *Território de Epidauro* reveladora da contaminação da obra de Mário de Andrade:

Mário de Andrade, nos seus *Namoros com a Medicina*, estudando a terapêutica pelos excretos, acentua a “noção sacrificial” inerente à sua prática. E a intenção propiciatória, como a de expiação, não acompanham apenas a medicação imunda, senão que se ligam também à que arde, dói, queima, escarifica, marca ou mutila (Nava, 1947, p.18.).

À “medicação imunda” da medicina dos excretos, Nava acrescenta “a que arde e dói”, ao falar das injeções, que são recusadas pelos pacientes, menos pela dor que provocam do que pelo horror da introdução de um corpo estranho no corpo.

É comum encontrarmos pacientes que se recusam terminantemente a admitir o seu emprego, sem outra explicação senão o fato de ainda não terem, até o momento da indicação que lhes é feita, permitido o uso dessa via de introdução dos medicamentos. E isso é sempre dito, no tom afirmativo onde transparece uma espécie de orgulho pela manutenção dessa como que virgindade do corpo, pelo zelo da sua inviolabilidade – que lembra um pouco a jactância, o gabo, a autodignificação dos que nunca apanharam, dos que têm uma cara onde, jamais, ninguém encostou a mão, ou dos machacados do passado, cuja barba não conhecia o aviltamento da navalha. Barbas em catadupa, cujos fios eram arrancados inteiros e entregues como penhor da palavra

dada, segundo costume patriarcal onde está, na íntegra, o aspecto litúrgico da cerimônia sacrificial (Nava, 1947, p.18).

Atrás do relato do médico que observa a reação de seus pacientes, há a presença do literato que compara a recusa da injeção “à virgindade do corpo, ao zelo de sua inviolabilidade”, ampliando sua visão até alcançar o hábito dos brasileiros antigos em selar seus compromissos com o fio de suas barbas. Ao explicar a resistência dos pacientes ao uso das injeções, percebe-se o entrelaçamento do médico-narrador que vai-se misturar ao imaginário do escritor, culminando no psicólogo e no antropólogo.

Cabe ressaltar que Nava teve a intenção, neste pequeno volume, de evidenciar apenas sua faceta de médico-historiador, como declarou a Lara Resende: “esse livro tem um objetivo profissional. É só um título para a carreira no magistério” (Resende, 20/05/1084). Não gostava que “suspeitassem da arte literária” nele e dizia que “enquanto exercia a Medicina, a literatura prejudicaria a imagem do médico” pois “a musa faz mal aos doutores e o médico não é levado a sério quando o consideram um literato ou manifesta qualquer superioridade intelectual flagrante. Por isso, a abandonou (abandonei). Nem queria que soubessem que ele (eu) escrevia” (Nava, Entrevista *O Globo*, 10/04/1982). E acrescenta: “Esse preconceito existe e foi usado contra mim” (Nava, Entrevista a Lourenço Dantas, *O Estado de São Paulo*, 15/02/1981). Sua declaração revela que foi a repressão dos colegas de profissão, acrescida, provavelmente, do medo de ser rejeitado ou de ter seu prestígio diminuído no meio médico e entre os pacientes, que o levou à situação extrema, isto é, à negação de sua relação com a literatura. De fato, desde que se formou em Medicina em 1928, abandonou a literatura, tendo continuado a escrever sobre temas médicos, publicando cerca de 400 artigos sobre reumatologia e outros assuntos afins.

No entanto, contrariando o discurso médico, como notou Lara Resende, em *Território de Epidauro*, “mesmo tendo procurado esconder o escritor, para fazer sobressair o médico, a marca da vocação literária aparece ali indisfarçável” (Resende, *O Globo*, 20/05/1984). Parafraseando Joaquim Aguiar, pode-se dizer que Nava dá uma excelente demonstração da “mescla estilística de ciência e literatura” com que compôs o seu livro, o que permite sugerir que o médico não conseguiu reprimir sua vocação de literato – que jamais o abandonou na verdade – e que teimava em brotar no texto médico, apesar de podada a cada floração.

Entrando no Território

Território de Epidauro reúne uma grande variedade de temas nos seus 22 capítulos dando a impressão de que Nava compilou artigos independentes. Entretanto, percebe-se sua habilidade em conferir uma unidade ao livro, a qual está diretamente relacionada à escolha de temas recorrentes que são a Medicina oficial e popular, as biografias de alguns mestres, as origens da Medicina Brasileira, o médico e o doente, temas que funcionam como fios condutores de seu relato. A escolha dos temas não é aleatória e convida o leitor a uma viagem aos primeiros tempos da colonização, revelando informações fundamentais para o conhecimento e a compreensão de nossa história, sobretudo porque Nava soube transformar uma história da medicina, tema árido à

primeira vista e destinado a um público restrito, em um livro instrutivo e de leitura prazerosa, acessível a um público mais amplo.

Uma leitura, mesmo superficial, do índice do livro é suficiente para evidenciar a grande variedade dos assuntos tratados. Já de início causa surpresa o fato de Nava não respeitar a indicação de títulos, subtítulos e bibliografia, o que constitui, sem dúvida, uma ruptura com os moldes clássicos de um livro sobre a história de Medicina. De fato, ele transita entre assuntos diversos, entregando-se, “ao vaivém dos assuntos” (Aguiar, 1999, p.162). Além disso, o fato de escrever de forma ensaística e não colocar notas bibliográficas reforça a impressão de que seu livro é um trabalho em aberto, resultado de suas inúmeras leituras e de sua extensa cultura.

A formulação de certos títulos parece dialogar com a literatura como “Um título à procura de autor”, que remete imediatamente a Pirandello; “Colegas de ontem e de sempre”, que lembra Machado de Assis; “Entre bruxos e doutores” surpreende por ser incomum em um livro sobre a História da Medicina ou ainda “Da Medicina como Arma de Classe e Instrumento Demagógico”, no qual o médico critica severamente alguns colegas e o “interesse religioso, o interesse partidário e o interesse de pessoa” (Nava, 1947, p.135). Essa diversidade torna seu livro uma obra de difícil classificação.

Livros Velhos de Medicina

“Livros Velhos de Medicina” é o título de um capítulo de *Território de Epidauro* no qual Nava apresenta o livro velho como fragmento de uma época, dotado de valor simbólico e sentimental, portador da “mesma poesia dos daguerreótipos que o tempo

embaçou, das sobrecasacas imperiais guardadas por órfãs nonagenárias, das grinaldas amarelas das noivas sovertidas” (Nava, 1947, p.132). A comparação com tais objetos coloca o Livro Velho como uma testemunha do passado capaz de despertar uma emoção comparável àquela de folhear um antigo álbum de retratos da família ou herdar um objeto que tenha pertencido a um antepassado. O Livro Velho representaria o que restou, um elo entre o presente e um passado que o escritor deseja resgatar. Entretanto esse desejo é sempre negado e provoca um sentimento estranho, um misto de prazer e angústia, pois o passado irrecuperável representa uma falta. O Livro Velho transforma-se no fantasma de um tempo morto o autor busca ressuscitar através da afetividade. Transformando-se em uma “re-significação de um passado revelado” (Chnaiderman, 1988, p.65), o objeto ganha vida através da emoção que é capaz de despertar.

Além do lado afetivo, Nava ressalta a importância do livro raro de medicina enquanto documento da ciência e história médica e que tem valor inestimável como fonte de informação, “principalmente os livros velhos e julgados pelo tempo”. Para o historiador, os livros velhos que não foram modificados em seu conteúdo representam uma “lição de acerto” e os que estão totalmente errados “servem ao menos para conduzir ao conhecimento e à análise do erro”, possibilitando assim “evitar sua repetição e prevenir da contumácia” (Nava, 1949, p.6).

É a procura desse “tesouro” que apaixona o autor. Sua busca lembra a trama do romance policial pois encontrar o objeto precioso requer “astúcias de caçador e atenção de assassino emboscado, espreitado anos a fio com paciências de preso e diligências de policial” (Nava, 1947, p.132). Ao longo do capítulo, Nava traça o tortuoso trajeto que todo colecionador é obrigado a percorrer para “a conquista áspera e excitante do livro

velho” (Nava, 1947, p.131). A busca do livro perdido leva-o a desvendar endereços ocultos no labirinto das ruas do centro do Rio de Janeiro, nas lojas dos “alfarrabistas da rua São José, da rua da Constituição e da rua Regente Feijó”, adotando atitude semelhante à dos decifradores de mapas de tesouros escondidos. O perambular por lojas, que seriam “um misto de livraria, ferro velho e armazém de roupa usada”, exige-lhe astúcia e perspicácia para, entre “farrapos sem nome, utensílios sem forma e máquinas deslocadas”, pinçar e capturar “as teses de Torres Homem, a biblioteca do autêntico e remoto Dr. Francisco Praxedes de Andrade Pertence, os atlas veneráveis de Mayor e de Velpeau e o precioso, o inincontrável primeiro volume das *Mémoires de l’Académie Royale de Médecine*, datado de 1828” (Nava, 1947, p.131).

Ao encontrar-se, finalmente, no local do tesouro, o rastreador do Livro Velho deve ainda ter a perícia do profissional para reconhecer, atrás do “livro imundo, empoeirado, rasgado, fosco, desconjuntado, fervilhando de bichos”, o objeto precioso, “que vai ser espanado página por página, ungido em cada ferida, esticado, passado a ferro, restaurado, reabilitado” (Nava, 1947, p.131). A reconstituição do Livro Velho metaforiza o trabalho cuidadoso do médico e o processo de cura do doente. Uma vez totalmente restaurado, o novo Livro Velho será “reintegrado na vida das estantes vivas” (Nava, 1947, p.132) da mesma forma que o doente, na vida social.

O colecionador transforma-se em médico dos livros velhos: “renovar o mundo velho – eis o impulso mais enraizado no colecionador ao adquirir algo novo”, diz Walter Benjamin, e por isso, o colecionador de livros velhos “está mais próximo da fonte do colecionador que o interessado em novas edições luxuosas” (Benjamin, 1987, p.229).

Nava foi, no início da carreira, médico de hospital e depois escolheu como ramo da Medicina, a Reumatologia, “especialidade essencialmente morfológica” (Nava, 1978, p.37). Seu interesse pela recuperação dos ossos, das articulações e músculos assemelha-se a seu interesse pela recuperação do “corpo” do livro. Não se trata, pois, para o médico-restaurador, apenas de cuidar do livro velho, metáfora do homem velho, mas revela, principalmente, seu interesse pelo resgate, mesmo que fragmentado, desse homem-livro velho, símbolo do passado. Essa metáfora do colecionador como médico estabelece o ponto de confluência do médico e do escritor.

O médico-escriptor

A medicina é minha esposa legal,
a literatura a minha amante.

Tchekhov

Para escrever sua história da medicina Nava foi de um extremo cuidado na escolha das palavras, “eu tenho nos meus trabalhos médicos uma marca literária, um certo capricho na maneira de escrever” (Nava, Entrevista a Ricardo Azambuja Arnt, *Ele & Ela*, nov. 1977). A afirmativa é interessante e permite sugerir a idéia que, quando escreveu *Território de Epidauro*, o médico, acreditando ser impossível retornar à literatura, colocou na medicina toda sua energia criativa e encontrou uma maneira de fazer literatura com ela. De fato,

talvez se possa dizer que os seus melhores momentos sejam aqueles em que se percebe com nitidez a mistura do artista com o pesquisador, fazendo subir, assim, a voltagem literária do texto, sem contudo sobrecarregar a clareza da exposição e o andamento das idéias (Aguiar, 1999, p.162)

Isto só foi possível graças à habilidade do escritor que, através de um conjunto de procedimentos, transforma a história da medicina em obra literária. O estilo do futuro memorialista, exuberante, excessivo e “suntuoso”, como observou Mário de Andrade ao comentar seus poemas dos anos 20 (Andrade, 1982, p.90), aflora em diversas passagens de *Território de Epidauro*. Veja-se um exemplo da mescla estilística naveana ao falar dos feiticeiros no capítulo “Entre Bruxos e Doutores”:

Guiados pela força invencível da tendência – lucíferos isolados desafiando as fustigações, as cunhas, as fogueiras e as estrapadas – bruxos e sagas procuram nos ermos e nas humildades sua farmácia maldita.(...) Flores lívidas e viscosas do estramônio. E a solanácea das solanáceas – a apaziguadora beladona. Eram as plantas do bem-estar, as ervas “consoladoras” que o povo ia buscar com os prepostos do Demônio – feiticeiros, “boas-damas”, “Belas-damas” (*bela-donna*). Bastam esses três exemplos; o *Hyosciamus Niger*, a *Datura Stramonium* e a *Atropa Belledonna*, para que se erga um monumento à Feitiçaria, que com elas deu à Medicina as possibilidades terapêuticas representadas pelo manejo das preparações onde entram a hiocina, a hiocina e a atropina (Nava, 1947, p.60).

Aí está uma pequena amostra de sua arte em fundir elementos diversos na elaboração de um estilo pessoal e intensamente mesclado, prova que o narrador assimilou perfeitamente “a idéia modernista de que a poesia tanto podia estar nos grandes como nos pequenos assuntos” (Aguiar, 1998, p.174). Tão importante quanto o léxico são as “técnicas particulares de sua escrita” – a enumeração, a contaminação do real e do fantástico, o uso do lugar-comum – que permitem falar numa “verdadeira estilística da universalização” (Candido, 1989, p.63). Veja-se uma passagem sobre a noção de “corpo estranho” na medicina popular:

Essa noção, nascida da contusão, da perfuração, da pedrada e da ponta da flecha, ganhou em complexidade e foi depois, por extensão e analogia, a causa responsável do tumor, do sangue alterado, do humor corrompido. Foi miasma absorvido e foi Diabo no corpo. Tudo tem a feição de objeto, de agente, de “corpo estranho”. Interpretação renitente e bem viva até hoje, garantindo entre os leigos, a aceitação e a popularidade nunca diminuída das medicações esvaziadoras e expulsivas. *As reclamadas purgas, os apetecidos diuréticos, os desejados vomitivos, os bem-vindos esternutatórios, as abençoadas sangrias, as almejadas ventosas.*(grifo nosso) (Nava, 1947, p.19)

No trecho citado, a figura do médico desdobrou-se na do historiador da cultura, no conhecedor das crenças populares transmitidas de geração a geração. Além disto, ilustra seu estilo imaginativo capaz de unir elementos opostos – o real e o simbólico, a ciência e as superstições – onde uma imagem chama a outra para formar frases justapostas. Percebe-se o escritor impregnando, sabiamente, com sua literatura, o discurso do historiador. Note-se a frase enumerativa sobre os hábitos dos leigos no uso de certas medicações. A enumeração é uma das particularidades da escrita de Nava e tem papel fundamental como traço de seu estilo, porque mescla componentes variados e adequa-se perfeitamente à abundante documentação utilizada na elaboração da história da medicina. Ela funciona como mola mestra e é utilizada para as recapitulações de pessoas, nomes, doenças, hábitos e genealogias.

Apesar de a enumeração ser “tão velha como o mundo” (Spitzer, 195, p. 340), Nava atribuiu-lhe um uso moderno e aproxima-se do que Edouard Glissant denomina “acumulação”, que consiste em listar, inventariar elementos heteróclitos (Glissant, 1996, p.272). Segundo o autor, “a poética da listagem (de objetos, de pessoas, de atributos) é diretamente derivada da oralidade do conto” (Glissant, 1996, p.274).¹ É nesse sentido que se dá tal procedimento em Nava, já que ele dá a impressão de contar uma história.

Toda a imaginação humana vive impregnada da riqueza do simbolismo do “complexo do sangue”. “Dar o sangue”. “Sangue real”. “Voz do sangue”. “Direito do sangue”. “Laço de sangue”. “Comprar com o sangue”. “Lavar com o sangue”. “Suar um suor ou chorar lágrimas de sangue”. Idéias de violência, brandura, elevação, parentesco, prerrogativa, primogenitura, altruísmo, sacrifício, remissão, vingança, preito, obrigação, bravura, moleza – tudo identificado ao sangue – essência do indivíduo, princípio vital por excelência, representação sintética do ego e sua parte mais nobre (Nava, 1947, p.25).

¹ Todas as citações, cujas referências remetem a edições em francês, foram traduzidas por mim.

Ao falar do “complexo do sangue”, ele transcende o significado da palavra sangue ao resgatar muitas idéias que se escondem por detrás das expressões assinaladas, que evocam múltiplas significações, ampliando seu sentido primeiro e dando uma nova dimensão à sua história da medicina. Do mesmo modo que o escritor chama “as palavras de seu sono de dicionário”, o médico-historiador chama “do limbo do esquecimento as coisas” (Salomão, 1974, p.20).

Além de um estilo próprio, o aspecto incomum do historiador da medicina se revela no modo como ele escreve a história. Assim, logo abaixo do título *Território de Epidauro* vem o subtítulo “Crônicas e histórias da História da Medicina”, que não aparece na capa, mas na folha de rosto. Esse subtítulo é de grande relevância, pois anuncia, logo de início, a singularidade de Nava pelo fato de ele não se limitar ao “conhecimento mediante documentos” (Veyne, 1982, p.3) que o historiador tradicional privilegia, mas optar pela heteroglossia, isto é, pelas diversas vozes que fizeram a História. Ao transcrever seus testemunhos, Nava legitima a voz dessas “testemunhas do passado”, dando-lhes a oportunidade de se manifestarem, revelando, desta maneira, o que nunca tinha sido escrito.

O médico-historiador adequa-se mais ao que se chamou a Nova História, termo que se refere ao título de uma coleção de ensaios editada pelo francês Jacques Le Goff e que Peter Burke definiu como “a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional, a visão do senso comum da história” (Burke, 1992, p.10). Segundo Le Goff, a Nova História “consiste numa enorme dilatação do documento; o recuo do documento escrito e a busca do documento oral, que é interrogar os silêncios da História, a entrada em cena do documento imaginário” (Le Goff et alii, 1986, p.34).

Willi Bolle analisa a relação entre a micro e a macro-história, tal como estabelecida por Walter Benjamin em quatro categorias. Destaca-se entre elas o *tableau*, gênero muito apropriado, segundo Bolle, “para completar a pesquisa ‘macro-histórica’ de uma época, por meio de quadros micrológicos da cultura cotidiana” (Bolle, 1998, p.82). Nava reconstrói, assim, em *Território de Epidauro*, uma história feita de *tableaux*, de fragmentos esquecidos, de não-ditos da história oficial, construindo um gênero misto capaz de “fundir elementos autobiográficos com observações antropológicas sobre a história dos costumes, as quais, por sua vez, são permeadas de reflexões filosóficas” (Bolle, 1998, p.83). Graças ao seu caráter descontínuo, o *tableau* possibilita uma nova alternativa “contra as formas historiográficas convencionais, de cunho linear e causal” (Bolle, 1998, p.83) e torna possível revelar os usos e costumes, os caracteres e os conflitos.

De Epidauro ao Brasil

Em *Capítulos da história da medicina no Brasil*, Nava aprofunda algumas questões tratadas em *Território de Epidauro*, faz a introdução ao estudo das instituições médicas brasileiras, a história das doenças epidêmicas no Brasil, além de identificar momentos da História da Medicina Científica no Brasil.

Esse segundo livro segue a linha de *Território de Epidauro* e mantém o mesmo tom ensaístico, instrutivo, cheio de humor e de leitura agradável de se ler mas é um pouco mais condensado, com apenas 8 capítulos e bibliografia no final de cada um, obedecendo,

aparentemente, ao modelo clássico de um livro que pretende escrever a história da Medicina. No entanto, já no primeiro capítulo “Introdução ao Estudo da História da Medicina no Brasil”, constata-se a presença de um historiador nada convencional, dono de uma metodologia própria que, além de não se ater a seguir a bibliografia indicada, participa ativamente do texto, acrescentando dados e subvertendo a ordem tradicional. A ordem cronológica, por exemplo, essencial para se fazer a história linear, é aqui relegada ao segundo plano e aparece, “não como base e sistema, mas como processo auxiliar à maneira de referência” (Nava, 1949, p.2).

Nos *Capítulos*, Nava retoma certos temas desenvolvidos no *Território*, tais como as origens de nossa medicina, o ciclo da influência francesa, o ciclo da influência portuguesa e o estudo da medicina popular brasileira. Mantém também o equilíbrio entre “a pesquisa de cunho histórico-sociológico e o rigor médico, oferecendo ao leitor uma sondagem em aspectos decisivos da formação psíquica do povo brasileiro” (Machado, In: Nava, 2004, orelha do livro). A observação de Ubiratan Machado alude ao desejo de Nava de compreender o espírito humano, e ao mesmo tempo, porque revela a formação médica ideal, que visa estudar o ser humano como um todo, “a Medicina do médico capaz de passar do Território de Morgagni-Laennec, onde se estudam os órgãos e os sistemas, para o território de Epidauro, onde se cuida do Homem de corpo e alma” (Gama, In: Nava, 2003, p.36). De fato, para Nava, medicina, é antes de tudo, conhecimento humano.

Enquanto exercia a medicina, Nava tinha plano de escrever uma obra, em cinco volumes, sobre a história da Medicina. *Território de Epidauro* era o primeiro volume desse projeto, abandonado já no segundo volume, *Capítulos da História da Medicina no*

Brasil (1949). O terceiro e o quarto volumes seriam a segunda série do *Território* e dos *Capítulos*, e o quinto volume anunciado seria um estudo biográfico intitulado *O doutor Torres Homem*, sobre a vida e a obra do médico brasileiro João Vicente Torres Homem (1837-87). O projeto do Autor não foi levado adiante e os três últimos volumes não foram publicados. Não se sabe a razão que o teria impedido de levá-lo adiante. Provavelmente por falta de tempo pois, enquanto médico, dedicou-se integralmente a seu trabalho em hospitais, na universidade e em seu consultório. Possivelmente também, “dividido que sempre foi entre a profissão, a literatura e a pintura, que praticava com certo talento, tenha lhe faltado fôlego para o cumprimento da promessa publicada em *Capítulos da História da Medicina no Brasil*” (Aguiar, 1999, p.153).

O Doutor Torres Homem

Fazendo parte de seu projeto de escrever a *História da Medicina*, Nava pesquisou e escreveu aproximadamente trezentas páginas sobre a vida e a obra de Torres Homem, pioneiro da clínica médica que, segundo ele, foi “no século XIX um fenômeno brasileiro tão inexplicável na ciência, como Machado de Assis o foi nas letras” (Nava, 1981, p.39), mas esses escritos não foram publicados. A explicação de tal fato veio muitos anos depois, no *Galo das Trevas*, quinto volume das *Memórias*. Nava identificou as “razões inconscientes” que o levaram à não continuidade do livro anunciado sobre Torres Homem:

Esse esboço transformei-o num quadro a óleo-lembrança dos tempos em que escrevia aquele livro que jamais acabei. Sabem? o que o interrompeu. Quem? Getúlio Dornelles Vargas e Henrique de Toledo Dodsworth. Essa biografia era, de minha parte, um trabalho de admiração pelo prodigioso mestre. Se derramava em ternura pela terra em que ele nascera. Com a punição dos assinantes do *Manifesto Mineiro* o coice que tomei daqueles dois, colocou-me em estado de náusea pelo governo. Esse nojo confundiu-se com o trabalho em que eu estava empenhado. É curioso: jamais pude juntar uma linha aos dois capítulos que tenho prontos na gaveta. São independentes um do outro e fazem dois ensaios que nas suas quase trezentas páginas podem dar um livro de tamanho apresentável. Aquele quadro lembra minha fase “Torres Homem” (Nava, 1981, p.40).

Esta obra, cujo manuscrito encontra-se disponível para consulta na Casa Rui Barbosa, nos Arquivos de Pedro Nava, metade manuscrita e a outra metade datilografada, deverá ser publicada em breve.

Já de início chama a atenção a técnica de composição do estudo biográfico pois o pacto de leitura é quebrado e o leitor depara-se com uma mescla da história da vida e dos procedimentos médicos de Torres Homem com comentários pessoais e informações. De fato, Nava ultrapassa o território da biografia e escreve a história da Medicina no Império, utilizando um estilo solto, e interferindo no texto com o acréscimo de dados, dando a impressão que quis dar vazão ao desejo reprimido do escritor. É esse desejo reprimido de colocar no papel sua coleção de vários saberes que, certamente, levou-o a ultrapassar, graças à sua formação humanista, o já extenso campo da medicina em busca do conhecimento maior do ser humano.

Ao mesmo tempo, Nava segue a mesma metodologia utilizada nos dois livros anteriores e resgata formas arcaicas como a *laudatio* e a enumeração. O elogio médico, já desenvolvido em *Território e Capítulos*, atinge aqui seu apogeu e o Dr. Torres Homem é sempre citado como “o pai da nossa arte” (Nava, s/d, p.217), “o grande clínico” (Nava, s/d, p.200), “o grande mestre patricio” (Nava, s/d, p.209), transformando-se no modelo a

ser seguido na maneira de abordar o paciente, na linguagem a ser utilizada com o doente; na “atenção, prudência e caridade” (Nava, s/d p.195), qualidades imprescindíveis para ser considerado um bom médico.

Por que teria ele escolhido Torres Homem entre inúmeros médicos e cientistas igualmente importantes como Miguel Couto, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas? O próprio Nava explica discretamente os motivos. O que parece ter atraído o historiador foi, sem dúvida, o conteúdo e a contribuição importante de Torres Homem na área da pesquisa e da clínica médica. Mas, tão importante quanto o valor médico, foi o “aspecto sugestivo devido ao conteúdo poético” (Nava, s/d, p.216) do texto do grande clínico brasileiro, que pesou na sua escolha. O aspecto poético confirma o interesse do historiador pela poesia e pela literatura, como se pode depreender desta passagem:

Além do nome e outros dados, lá estão os bairros da cidade ou as ruas de residência dos pacientes do mestre. Ilha do Governador, Jardim Botânico, Ilha das Cobras, Pilar, Pedregulho, ou mais precisamente as ruas da Assembléia, da Alfandega, do Ipiranga, D. Manoel, Lavradio – são alguns exemplos, entre muitos outros que poderíamos apontar para demonstração. Além do seu valor indicativo para o conhecimento progresso da geografia médica do Município Neutro, pois a maioria dos pacientes citados eram portadores de doenças epidêmicas, a toponímia de Torres Homem assume, para o leitor moderno, o pitoresco de um passeio pelo Rio antigo quando nos refere os nomes de vias hoje desaparecidas ou rebatizadas como o Cais da Imperatriz, a rua da Pedreira da Glória, a rua das Violas, ou as de Santa Isabel, Prainha, Ajuda, Mataporcos, Areal, Conde d’Eu, Lampadosa, Nova do Ouvidor, Partilhas e Princesa dos Cajueiros (Nava, O Doutor Torres Homem, s/d. p.216).

No trecho citado o aspecto sugestivo é evocado pelo “conteúdo poético que assume uma simples enumeração de locais quando cheios de reminiscências e tradições”. (Nava, s/d, p.216). Torres Homem, “evidentemente não queria fazer arte lírica com a citação do nome de nossas ruas” (Nava, s/d, p.217). Assim, “a simples especificação de ruas como as do Cano, da Vala, de Matacavalos” (Nava, s/d, p.216) desperta o leitor atento que vai “enchê-las com sua imaginação dos fragmentos coloniais e imperiais

armazenados pela retentiva” (Nava, s/d p.217). Segundo Nava, “a repetição do nome dos largos, morros, estradas, becos, travessas, praias e praças da velha cidade carioca, funciona então com valor estético semelhante ao do verso iterativo de Péguy ou do poema enumerativo de Walt Whitman” (Nava, s/d, p.217). E acrescenta: “é o que compreendeu Manuel Bandeira na sua prodigiosa *Tragédia Brasileira* onde a citação sucessiva e marcada dos bairros de moradia de Misael e Maria Elvira preparam, prolongam e acentuam a expectativa do desfecho dramático” (Nava, s/d, p.217). O exemplo mostra a interferência do escritor, que não perde a oportunidade de enriquecer qualquer assunto com informações suplementares provenientes, na sua maioria, da literatura.

O elogio médico

Com o objetivo de resgatar e valorizar sua formação médica, Nava vai “iluminar o trabalho e a vida dos grandes mestres do passados, os agentes da sua formação” (Aguar, 1999, p.154). *Território de Epidauro e Capítulos da história da medicina* são “livros escritos por Pedro Nava em louvor dos pioneiros da medicina brasileira” (Le Moing, 1996, p.170). Nesse processo de enaltecimento, o historiador vai recuperar a *laudatio*, isto é, o hábito de tecer elogios, que era “difundido na Roma antiga com o intuito de perpetuar a memória de homens célebres, ou seja, preservá-los da morte e conferir-lhes

uma *apoteosis*” (Pereira, 2001, p.227).² O costume da *laudatio* se perdeu ao longo do tempo mas restou dela uma forma em textos como “A Vida de..., no ensino do latim nas escolas, no ensino religioso, em especial, nas vidas de santos ou pelos evangelhos e nas orações fúnebres, tanto em literatura laica, quanto nas obras sagradas” (Pereira, 2001, p.227). O elogio médico utilizado por Nava inspirou-se no modelo estabelecido pelas Sociedades de Medicina Tradicionais, como a francesa. No Brasil, “a falta de regulamentos próprios levou os médicos a adotarem os modelos da Faculdade de Paris na Bahia e no Rio de Janeiro” (Pereira, 2001, p.227).

Na Idade Média a *laudatio* não se limitava às pessoas; cidades e países também eram louvados por sua localização e suas qualidades. Nava resgatou também esse aspecto:

Só o século de Péricles, no esplendor de suas letras e de suas artes, pode ser a simetria, a correspondência, o acordo, a correlação, do que representou para o Mundo a sabedoria da França no século XIX (Nava, 1947, p.14).

Ele menciona os ensinamentos das escolas clínicas francesas, tratando a França como uma “fonte de onde jorrou com um fulgor nunca visto, tudo o que de grande e de eterno produziu a Medicina no século XIX” (Nava, 1947, p.73). Em um outro momento o elogio estende-se aos médicos franceses:

A medicina da mais ilustre nação latina transportou-se a alturas que a de qualquer povo jamais pôde superar, porque nenhum outro foi venturoso o bastante para gerar, na mesma centúria, um anatomista como Bichat, um fisiologista como Claude Bernard, um patologista como o segundo Chauffard, um etilogista como Pasteur, nem cirurgiões como Dupuytren e Larrey e, muito menos, internistas como

² Para um estudo detalhado sobre o elogio médico, ver a tese de Doutorado “Das Aparas do Tempo às Horas cheias: uma leitura das Memórias de Pedro Nava” de Maria Luiza Medeiros Pereira, Campinas: 2001.

Laennec, Rostan e Louis, com Grisolle, Bretonneau e Jaccoud, como Trousseau, Potain e Dieulafoy (Nava, 1947, p.14-15).

e ao espírito francês que se trasladou para o Brasil:

o decreto de 3 de outubro de 1832 vai inaugurar um período em que, entrava em declínio a autoridade lusitana e despedia seus primeiros clarões, o influxo avassalador, irresistível e dominante do gênio francês (Nava, 1947, p.14).

O elogio tem como objetivo principal tornar o homem e seus atos exemplares, convincentes, úteis e acessíveis a todos, numa retórica especial com vocabulário e estilo próprios. Se uma pessoa deve ser louvada, é preciso mostrar que “ela supera tudo o que lhe é semelhante, servindo-se para esse fim, de uma forma especial”, que Curtius denominou “sobrepajamento” (Curtius, 1996, p.216). Nava adotou esse procedimento para enaltecer seus eleitos que, por terem tido vidas exemplares, deverão servir de modelo para futuras gerações. Além disso, a homenagem de “um membro de uma associação por outro membro tem por objetivo pesar os méritos pessoais e os serviços públicos prestados” (Pereira, 2001, p.228).

Nava adotou o costume romano, cuja figura principal é a hipérbole, e utilizou-a, sistematicamente, como uma maneira digna de prestar homenagem aos grandes nomes da medicina universal, dos quais ele se coloca como descendente. Para Pereira, a base do elogio médico é biográfica pois, “a história de um médico empenhado no exercício da profissão começa com temas recorrentes retomando as raízes familiares”. (Pereira, 2001, p.228). Dito isto, torna-se compreensível a importância conferida

ao lugar e a data de nascimento; o nome de batismo e o da família; os principais professores; a entrada na faculdade e as viagens; os interesses no estudo; os métodos de estudo; a lista das obras publicadas; os fatos mais marcantes da vida privada e pública, além do destaque ao caráter, a dedicação à saúde em geral, o momento da morte e o ensinamento para a posteridade (Pereira, 2001, p.228).

É com o intuito de transmitir o testemunho positivo de médicos e cientistas ilustres, cuja contribuição para humanidade é notória, que Nava tornou-se mestre na arte de unir dados biográficos a um estilo próprio. Entretanto, ele afirma que

a biografia dos grandes médicos não tem interesse de data ou de anedota. O que nelas interessa é o *exemplo* dado pelos que reúnem ciência à consciência, porque sua separação, como dizia Rabelais, significa apenas ruína da alma – “...*science sans conscience, n'est que ruine de l'âme*” (Nava, 1949, p.2).

São, pois, “as contingências da formação moral e intelectual de um cientista” e as situações exemplares de sua vida “que podem interessar à inteligência e influir na consciência dos que se deixam marcar pelos modelos de exceção” (Nava, 1949, p.3)

Ao longo de sua obra médica proliferam cientistas e médicos exemplares: Carlos Chagas, “tipo completo de cientista” (Nava, 1947, p.87); “uma das mais vastas inteligências brasileiras” (Nava, 1947, p.90) ou Torres Homem “O maior clínico geral de seu tempo” (Nava, 1949, p.43); “o mais ilustre cardiopatologista brasileiro”, “o maior professor do seu tempo” (Nava, 1947, p.74-75); “uma das figuras mais altas que já produziu a Medicina Brasileira”(Nava, 1947, p.103); há outros, “entre os quais merece altar à parte esse prodigioso Pedro Ernesto” (Nava, 1947, p.65) ou “a Santíssima Trindade Valladolid-Homem-Castro” (Nava, 1947, p.75). Nesta passagem Nava se refere a Manoel de Valladolid Pimentel:

Notabilidade médica e professor egrégio da Faculdade, ele foi o precursor, o João Batista da Medicina Interna Brasileira, de que o extraordinário Torres Homem seria o Messias e cujos apóstolos se chamariam Francisco de Castro, Martins Costa, Almeida Magalhães, Miguel Pereira, Benício de Abreu, Barbosa Romeu, Dias da Cruz, Cícero Ferreira, Rocha Faria, Azevedo Sodré, Eduardo de Menezes e Miguel Couto (Nava, 1947, p.71).

Utiliza a metáfora para mesclar medicina e religião, empregando um vocabulário referencial cristão – o Messias, João Batista, os apóstolos – na construção do discurso. Pode-se afirmar que Nava sacraliza os médicos citados, elevando-os à categoria de santos

milagrosos, que têm o poder de curar. O francês Ambroise Paré, por exemplo, foi alçado a “semi-deus” (Nava, 1947, p.81).

Outra característica essencial do elogio médico é a narrativa da formação profissional dos biografados, oportunidade para o médico-historiador elaborar um quadro das instituições frequentadas por eles e valorizar os modos de conduta que estariam no cerne do exercício profissional considerado exemplar. A homenagem tem por objetivo “pesar os méritos pessoais e os serviços públicos prestados” e busca fazer “um julgamento para a posteridade em que se interpõem a vida e a obra, pois no interior dessa relação existiria uma “lição” a ser exibida e aprendida pelos pares” (Pereira, 2001, p.228).

Ao mesmo tempo em que dá condições aos pares de se reconhecerem nos retratos dos “grandes” médicos brasileiros, fortalecendo a idéia de grupo e dando-lhe um sentido, a homenagem tem por finalidade enaltecer o profissional que não esquece o país em que vive, praticando a medicina como estudo constante para melhor servir as pessoas indistintamente. É o caso do

prodigioso Pedro Ernesto, ‘médico da casa’ de toda a família carioca, dos doentes de todos os bairros, a que ele deu, em dois anos, mais hospitais e mais amparo do que o deram, somados e reunidos, os outros Prefeitos da Capital. (Nava, 1947, p.65).

ou de Miguel Couto,

que começou modesto periodista dos operários, lavadeiras e “capadócios da Saúde” ou ainda Rocha Faria, que se iniciou na clínica de lombo de burro, pelas mãos de Santos Titára, o santo doutor Titára, – papa e rei de todos os pobres do bairro de Todos os Santos (Nava, 1947, p.65).

Nos exemplos citados, percebe-se que o elogio foi utilizado para homenagear a atuação dos médicos em questão, nos campos social, político e administrativo. Para moldar seu caráter, o médico deve incorporar o que aprende com os outros e, ao mesmo tempo, buscar a si próprio, “é como se a ética médica e o exercício da profissão aí exibidos

desempenhassem o papel de ‘juízes’: por eles investiga-se a alma dos profissionais e expõe-se parte do eu” (Pereira, 2001, p.243).

No entanto, é preciso ressaltar que, embora o elogio represente uma prova de generosidade em relação aos homenageados, não se pode ignorar que há um certo interesse de Nava pois, ao homenagear os grandes nomes da Medicina, certamente, ele quer ser inserido nesse grupo e, principalmente, ser considerado um deles. Ou, dito de outra maneira, fazer pequenas biografias elogiosas de médicos célebres, “não deixa de ser uma maneira de tentar impor sua presença por procuração” (Miceli, 2001, p.86).

Escritos médicos

Além da história da medicina, Nava publicou cerca de 400 artigos médicos, discursos, conferências e prefácios. No intuito de revelar a presença do homem de letras por detrás do médico–historiador, foi feita a leitura da extensa publicação do historiador–médico em revistas especializadas como *Brasil Médico*, *O Hospital*, *Brasil Médico-Cirúrgico*, *Revista Brasileira de Reumatologia*.

Os artigos parecem revelar o desejo de extravasar seu extenso arquivo acumulado. Essa necessidade é o resultado, certamente, de sua grande paixão pela literatura revelada desde a infância e reforçada no contato sobretudo com Mário de Andrade e com o grupo dos Modernistas mineiros nos anos 1920. Sua entrada na faculdade de Medicina não o afastou do meio literário, ao contrário, Nava participou ativamente do movimento modernista mineiro e contribuiu para a *Revista*, primeira publicação que marcava uma preocupação literária e social e adesões ao Modernismo.

Além de uma formação humanista, que lhe permitiu transitar em diversos campos, Nava era um apaixonado pela leitura e leu “meio pantagruelicamente” literatura – “Quando saía da prosa era para mergulhar na poesia” (Nava, 1976, p.47) – “livros de arqueologia, biologia, história, botânica, religião, filosofia, sociologia, crítica e gramática” (Nava, 1977, p.190). Além disto, Nava tinha também o dom da oratória e uma grande desenvoltura com as palavras. Não admira, pois, o grande número de conferências, discursos proferidos e convites para paraninfo ou para homenagear grandes nomes da Medicina brasileira enquanto exerceu a profissão de médico. Assim, o discurso de homenagem é uma oportunidade para distinguir-se na arte de falar e escrever, podendo desenvolver aí “as maravilhas da retórica, das incantações, dos fervores e dos êxtases” (Peter, 2001, p.20).

Entre os inúmeros escritos médicos, o discurso pronunciado como orador oficial da Academia Nacional de Medicina em homenagem à memória de Aloysio de Castro merece destaque pois representa uma pequena amostra da arte do escritor: seu estilo excessivo, o uso da enumeração e de galicismo, as intervenções pessoais revelando sua erudição.

Nava começa seu discurso de maneira inusitada, explicando ao público o que é um elogio e as regras que ele deve seguir:

Numa tribuna como esta (Academia), quando fazemos o elogio ou o necrológico, importa-nos pouco saber se falamos de um puro, de um douto, de um sábio ou de um bom, porque nossa obrigação é o encômio, o gabo, o louvor e dentro da apologia todos são a retidão, a própria erudição, a sapiência mesma e a excelência de todas as virtudes (Nava, 2004, p.75-76)

A laudatio exige grande habilidade pois

este, (o orador) tem de constar do que sobrou de intacto depois de nossa trajetória pela selva escura da vida e pelo bestiário sinistro da convivência humana. Abstrair essa quintessência é muitas vezes difícil

e pede a manipulação de arrobas de minério rude para que se apurem uns poucos grãos de metal mais nobre (Nava, 2004,p.76).

A citação é uma amostra do estilo de Nava que, ao lançar mão da metáfora do minerador, acentua o aspecto poético do texto. Percebe-se também, quando a ocasião é propícia, a sua habilidade em inserir, no texto, suas idéias pessoais. Neste exemplo ele dá sua opinião sobre a vida e a convivência humana. Mas, quando o texto não dá brecha, ele cria espaço para suas intervenções, artifício do escritor, que constrói seu texto transformando-o em espaço possível para o diálogo, aparentemente impossível, entre temas diversos.

Em outro momento, ao citar Aloysio de Castro como “o mais fino, o mais representativo e o mais acabado dos humanistas dentre os médicos brasileiros” (Nava, 2004 B, p.88), ele não perde a oportunidade para criticar aqueles que “não levam o médico a sério quando o consideram um literato ou quando manifesta qualquer superioridade intelectual” (Nava, Entrevista a *O Globo*, 10/04/1982):

E nem se diga a tolice de que nele (Aloysio de Castro), como em qualquer outro, a música e a poesia pudessem ter prejudicado o médico. Uma idéia de tal modo rombuda só pode buscar sua origem na impotência, na incapacidade, na insuficiência e na inépcia (Nava, 2004 B, p.89).

Ao defender o médico que se interessa pela poesia, Nava aproveita para expor suas idéias e se defender enquanto médico-escritor:

Nele (Aloysio de Castro), como em todo médico artista, o sexto sentido da poesia só pode aguçar as possibilidades de adivinhação, de invenção, de conjectura e vislumbre indispensáveis a quem tem por objetivo a observação integral deste espetáculo fabuloso que é o homem doente. (Nava, 2004 B, p.89).

Defensor e herdeiro da mesma formação humanista de Aloysio de Castro, Nava apóia-se na literatura para inverter a situação e criticar os médicos limitados, que consideram perda de tempo o interesse pelas artes em geral. Ao contrário dos medíocres, privilegiado é o médico que

lê outros livros além de seus tratados, porque aprende-se tanta psiquiatria nas páginas de um Bleuler como nas de Shakespeare, a mesma psicologia profunda nos livros de um Freud como nos de Proust e, em todos os ficcionistas, a vasta experiência humana que arremata e completa o espírito (Nava, 2004 B, p.89).

O trecho reflete seu gosto pela literatura, confirmando a premissa que o bom médico deveria ter uma cultura ampla que não se restringisse aos únicos conhecimentos da área médica. E completa: “A inteligência de um médico superior transforma tudo em experiência médica. Tudo lhe é útil. Tudo lhe serve” (Nava, 2004 B, p.90). Dessa forma, ao se colocar como descendente dessa família, Nava não só homenageia o médico ilustre mas aproveita para justificar sua paixão pela literatura e pelas outras artes em geral.

A Formação do Médico

A opção de Nava pela medicina estava ligada, por um lado, a um desejo de dar continuidade à vida de seu pai, também médico e que morreu quando ele tinha 8 anos. Por outro lado, ele diz “ter sido levado à medicina com a idéia de combater a morte” (Nava, Entrevista *Revista Status*, 1977) pois a medicina “é mais uma meditação sobre a morte do que sobre a vida” (Nava, Entrevista a Lourenço Dantas, *O Estado de São Paulo*, 1981) ou ainda, como sugeriu Ana Cristina Chiara, “na sombra da inconsciência, é tentado pelo risco de estar próximo da Doença e da Morte” (Chiara, 1989, p.64).

Ao ingressar na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte em 1921, Nava ia ao encontro da carreira que escolhera e conheceria os primeiros mestres na medicina, decisivos para sua formação. Nessa época, Nava dedicava-se também ao desenho e à pintura. A imagem através da pintura, do desenho, da caricatura, do retrato e da fotografia, constituirá instrumento fundamental para o memorialista, que vai utilizá-la

como suporte e complementação para as lacunas da narrativa de memória. Segundo Arlindo Daibert,

palavra e imagem sempre estiveram em contato ao longo da história da pintura ocidental, quer através das legendas e das inscrições características da pintura medieval ou do primeiro renascimento; quer, de maneira mais sutil e dissimulada, nos títulos que acompanham as pinturas, explicitando, ampliando ou restringindo o poder narrativo das imagens (Daibert, 1995, p.75).

Nava, como o artista mineiro, também recorre à imagem para complementar seu discurso literário. Seu texto funciona como ponto convergente para vários sistemas artísticos que são articulados pela linguagem verbal com a qual dialogam. A imagem, ao mesmo tempo que explicita e amplia o texto do memorialista, imprime um caráter visual à sua obra. O desenho foi sua primeira manifestação artística e desde a adolescência fazia caricatura dos habitantes da pensão onde morou com os tios, além de seus professores do Pedro II e do Anglo Mineiro. Nos anos vinte, ao mesmo tempo que cursava a faculdade, freqüentava também o Café Estrela e fazia parte do grupo dos Modernistas mineiros. O gosto pela caricatura vai reforçar sua adesão ao movimento. Ao rememorar essa época, Nava dizia:

As mesas brancas me tentavam. Eu sacava do lápis e ia enchendo o mármore de meus esboços [...] Figuras de bailarinas escalpeladas e mostrando musculatura a nu. A cara de feijão do Verlaine, parecida com a do Dr. Modesto Guimarães. A da descoberta recente, Wilde, revelação do Carlos e cuja cabeça eu reproduzia como melancia de olhos fechados, os símbolos em fuso, em pregas divergentes como raios dum solzinho e os inevitáveis e gordos e afoitos pimbaus se erigindo de pentelheiras abertas como asas de arcanjos (Nava, 1978, p.100).

Esse gosto do traço do caricaturista vai permanecer no memorialista e o desenho vai ser substituído pela palavra e transformar-se em caricatura verbal, verdadeira arma que ele empregava para se vingar de seus desafetos e que, de certa forma, funcionava como catarse: “Depois de caricaturar meus rancorizados eles perdem completamente o

travo e posso pensar neles até com piedade. Liberto-me do ódio. Porque este, como amor (logicamente, como amor) – acompanha o defunto também” (Nava, 1978, p.199).

Além das caricaturas, Nava deu igual importância ao retrato para falar daqueles que admirava. É nessa galeria que ele vai colocar os mestres da faculdade de Medicina: “Lembro que estimávamos nossos professores e sobretudo que os admirávamos profundamente” (Nava, 1976, p.332). Alguns deles merecem destaque pois contribuíram para sua formação profissional: “os professores a quem devo minha formação foram Henrique Marques Lisboa, Luís Ademo Lódi, Borges da Costa, Carlos Pinheiro Chagas e um assistente de clínica, Ary Ferreira, que ele só valia por uma congregação inteira” (Nava, Entrevista a Estácio Medeiros, *O Estado de São Paulo*, 5/06/1983).

Henrique Marques Lisboa, professor de história natural médica, foi um dos mestres que mais venerou, “uma das molas mestras” de sua iniciação médica. A maneira de apresentar o professor revela sua admiração:

Tinha uma voz de baixo, presença esportiva, sorridente e agradável. Bigodes espessos e de voluta. Pele muito clara, corada nas faces e azulada pelo escanhoamento da barba. Ria facilmente e gostava da vida. Falava de modo rápido, sem empolamento, jamais em tom discursivo (Nava, 1976, p.327).

Marques Lisboa logo punha seus alunos “em contato com a Arte Médica e (lhes) dava *status* de médico” (Nava, 1976, p.327) e o entusiasmo que o mestre provocava em seus alunos era devido não apenas à sua “presença agradável”, mas também porque era um pesquisador conhecido, contemporâneo de Carlos Chagas e discípulo de Oswaldo Cruz. Lisboa era grande admirador de Pasteur, alinhava-se na tradição da medicina francesa e pertencia a uma geração de

fisiologistas, bacteriologistas, veterinários, médicos militares, tropicalistas, que com a descoberta de bactérias e protozoários patogênicos, dos fenômenos imunitários e alérgicos, dos soros, das vacinas, dos vetores – apontavam então à mocidade interessada no estudo do homem, perspectivas tão vertiginosas como as abertas à

investigação atual pela desintegração atômica e pelos aparelhos interplanetários (Nava, 1976, p.327).

Um outro professor que exerceu grande fascínio sobre Nava foi Luís Adelmo Lódi, que ensinava anatomia humana. O estudo do corpo humano “servia tanto ao médico, que aprendia a manipulá-lo cientificamente, quanto ao desenhista, que adquiria técnica no contato direto com as formas e os volumes, ou indireto, nos manuais franceses de anatomia” (Aguiar, 1998, p.109): “Percorríamos o Testut e nos embasbacávamos principalmente com as pranchas de Devy, Dupret, Boulenaz, Dernaz, Amiel e Blanchet que são os autores de desenhos e gravados dos músculos” (Nava, 1978, p.93).

Uma grande parte de seus professores da Faculdade de Medicina foi formada na tradição científica francesa, alicerçada nos princípios humanistas. Segundo Moacyr Scliar, “na Europa do século XIX os médicos recebiam uma educação ampla, liam textos literários, eram músicos e pintores amadores” (Scliar, 1998, p.9). Esta formação humanista estava na base do ensino médico brasileiro que, a partir de 1830, substituiu a influência portuguesa pelas idéias francesas. Segundo Nava, “a necessidade de outros moldes estrangeiros atirou-nos nos braços da França, no amor e na admiração da qual os brasileiros encontrariam ainda uma maneira indireta de serem antiportugueses” (Nava, 1949, pp. 39-40). Foi essa cultura francesa que influenciou uma enorme geração e marcou direta, ou indiretamente, vários campos da vida espiritual brasileira. Durante a segunda metade do século XIX a influência cultural francesa atingiu o auge e “assumiu a forma de uma colonização cultural indiscriminada, estendendo-se desde a moda à culinária, desde a comédia de boulevard ao tratado de direito constitucional. Paris nos ensinava a ver, sentir e pensar” (Rouanet, 1998, p.315).

Os princípios humanistas visando a uma cultura universal influenciaram diretamente o estudo da medicina brasileira:

A unidade de cultura e de pensamento que deu brilho e força às maiores gerações de internistas que já possuímos, – se não se assentou nas bases de uma escola clínica genuinamente brasileira, – alicerçou-se nos ensinamentos das escolas clínicas francesas, fonte de onde jorrou com um fulgor nunca visto, tudo o que de grande e de eterno produziu a Medicina no século XIX (Nava, 1947, p.73).

Nava, herdeiro dessa tradição, alinhava-se à medicina francesa, a

linha de centro da clínica médica brasileira – nobilitada por sua saída das mãos de Miguel Couto, Francisco de Castro, Torres Homem e o criador da medicina interna: Manuel Valadão Pimentel, barão de Petrópolis. Essa escola de origem nitidamente francesa teve sempre como adversa, a outra, a mais germânica, de Rocha Faria, Nuno de Andrade e Agenor Pinto (Nava, 1983, p.297).

O fato de pertencer a uma família tradicional, embora empobrecida, permitiu-lhe o acesso a uma boa educação. Assim, sua formação deve muito às letras francesas, “desde o Colégio Pedro II, onde fez o secundário, até a Faculdade de Medicina, onde a leitura dos manuais franceses era decisiva” (Aguiar, 1999, p.158). Além disto, o convívio com os modernistas mineiros “versados nas artes e na literatura francesas ampliou consideravelmente seu repertório cultural francês” (Aguiar, 1998, p.103).

A França teve presença marcante ao longo da história brasileira e, apesar de nunca ter exercido hegemonia política ou econômica sobre o país, é pelo viés cultural que se caracteriza sua influência entre nós. Segundo Antonio Candido desde o início do século XIX a França desempenhou no Brasil o papel formador que as culturas clássicas da Grécia e de Roma exerceram na Europa (Candido, 2005). Nava também refere-se à França do século XIX como sendo “o centro do mundo pensante, a capital da inteligência

humana, a meta para onde acorriam de todos os recantos da terra os que se deixavam arrastar pela paixão das artes e pelo amor da ciência” (Nava, 1949, p.40).

Eurídice Figueiredo e Paula Glenadel fazem um breve panorama dessa influência francesa no Brasil que, certamente, teve muitos aspectos positivos em termos culturais. A convite da corte portuguesa no Brasil em 1816, veio ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, chefiada por Joachin Lebreton e composta por um grupo de artistas plásticos: os pintores Jean-Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay; os escultores Auguste Marie Taunay, Marc e Zèpherin Ferrez e o arquiteto Grandjean de Montigny. Todavia, apesar da grande contribuição, a missão francesa teve também aspectos menos positivos, “como a imposição do academismo na arte, o que suscita um certo desprezo pela herança do barroco, que havia sido tão produtivo na escultura, na pintura, na arquitetura” (Figueiredo e Glenadel, 2006, p.13), ao introduzir no Brasil o estilo neoclássico, então em voga na Europa. Na política, a França representava “os ideais igualitários e iluministas, fruto da Revolução Francesa de 1789, cuja repercussão no Brasil foi tão importante quanto o modelo da independência americana” (Figueiredo e Glenadel, 2006, p.13). Em 1889, com a Proclamação da República, a filosofia positivista de Auguste Comte foi adotada como referência para as bases do novo regime.

Todavia, não se pode omitir a alienação que a presença francesa também produziu, “particularmente devido à sua pretensão universalista, que levava a uma espécie de aniquilamento dos povos dotados de um lastro cultural diferente” e considerava a produção local como “subalterna, regionalista, provinciana, ou de segunda classe” (Figueiredo e Glenadel, 2006, p.14). A própria elite intelectual brasileira voltada para a Europa sofria do que Mário de Andrade denominou a “moléstia de Nabuco”, uma

doença tropical, “transmitida aos jovens pelo bacilo das ninfas européias” e que referia-se ao fato de os “brasileiros andarem sentindo saudades do cais do Sena em plena Quinta de Boa Vista” (Santiago, 1996, p.41).

A França permitiu uma grande abertura na trajetória de Nava tanto no campo da literatura quanto no da medicina. Sente-se o peso da cultura francesa na definição de Nava do bom médico. Este deveria, antes de tudo, ser um humanista e estender seus conhecimentos às ciências e às artes em geral, da qual faziam parte a literatura e a filosofia. Além disto, o médico-escritor não queria apenas ser um bom médico mas ser também um bom historiador da Medicina. Seu projeto de escrever a história da medicina brasileira estaria ligado a uma necessidade de se auto-explicar, de se incluir na tradição médico-científica do Brasil e de ser um continuador da profissão de seu pai. Para tal, era preciso mergulhar no passado para buscar suas origens, “os fundadores de sua família profissional” (Aguiar, 1999, p.154). Para realizar esse projeto, ele volta no tempo e empreende um “esforço notável, infelizmente não de todo cumprido, de explicação do Brasil” (Aguiar, 1999, p.154), construindo um esquema explicativo de sua formação, bem dentro do espírito da época de composição de seus livros.

O termo formação é importante e afirma o desejo do médico de fazer parte de uma “aspiração coletiva de construção nacional” (Arantes, 1997, p.13). De fato, desde a década de 1930, no Brasil, trata-se de

verdadeira obsessão nacional a recorrência do termo formação nos principais títulos da ensaística de explicação do caso brasileiro: *Formação do Brasil contemporâneo*; *Formação política do Brasil*; *Formação econômica do Brasil*; *Formação do patronato político brasileiro*; *Formação da literatura no Brasil* etc. – sem contar que essa palavra emblemática designa igualmente o assunto de clássicos que não a trazem enfatizada no título, como *Casa-Grande e Senzala e Raízes do Brasil* (Arantes, 1997, p.11).

No início dos *Capítulos*, Nava dita as normas que o historiador de medicina deveria seguir para fazer de sua obra uma “atividade útil, viva e cheia de ensinamentos” e não “um trabalho mais ou menos inútil, bizantino e apenas pitoresco” (Nava, 1949, p.1). Para se aprender e estudar a História da Medicina, é preciso, segundo ele, antes conhecer um pouco de Medicina, o que só se consegue “vendo, tratando e pelejando” (Nava, 1949, p.2). Entretanto, chama a atenção para o fato de que não basta ser um bom médico para ser um bom historiador da Medicina. Era necessário também preencher requisitos básicos que ele próprio enumerou: ter conhecimentos filosóficos, médicos, literários, religiosos, etnográficos e lingüísticos. É dentro desse espírito que escreveu seus dois livros.

Pode-se observar que, para empreender sua historiografia médica, Nava, baseado em sua própria experiência, parte em busca da história da formação do pensamento científico brasileiro, para o qual “a medicina, primeiro a clínica e cirúrgica, depois a experimental, mais para o fim do século XIX, seria território premente e privilegiado” (Aguiar, 1999, p.155).

Transitando entre sua experiência pessoal, o discurso científico e “apontamentos colhidos em conversas com as testemunhas do passado” (Nava, 1947, p.67), escreve a história da Medicina, apontando seus defeitos e qualidades, “por dentro, como uma história vivida, intensamente experimentada no dia-a-dia, relatando-a como a narrativa da formação de um espírito diante da vida” (Arrigucci Jr, 1987, p.89). Mais que simples relatos sobre a medicina, seus livros mesclam elementos sociológicos, históricos, literários e políticos, além de científicos, funcionando como um amálgama de saberes, como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, proporcionando, graças a esse caráter híbrido, uma certa unidade ao quadro da cultura

brasileira da época. Além de traçar a história da formação de um médico de seu tempo, Nava acabou delineando um panorama histórico da medicina no Brasil e conferiu à sua obra médica, “o valor de documento histórico e testemunho de uma época” (Miceli, 2001, p.84).

Ao pretender fazer a história da medicina, ele é impulsionado a utilizar o método da recomposição para reconstruir o que se perdeu e lança mão da “prática arqueológica entregue ao traço e à impressão de vários sujeitos, que se responsabilizam, de forma plural e múltipla pela sua escavação” (Sousa, 1998, p.82). Privilegiando os casos, as histórias que o povo conta, ouvindo o relato dos doentes e dos curadores, pesquisando manuscritos de Medicina Popular dos séculos XVIII e XIX, Nava recupera o não-oficial, o outro lado da história que não foi escrita e, ao deixar falar essas outras vozes completa, explica e acrescenta dados incomuns à história da medicina no Brasil, enriquecendo e muito, seus livros.

Esse procedimento permite aproximá-lo do grupo de escritores que, a partir do Modernismo, procuraram unir a tradição acadêmica à tradição popular através da literatura. Nava revela, assim, suas múltiplas assinaturas: além do médico e historiador, o ensaísta, o cronista, o antropólogo e o homem de letras. A importância que ele confere à crônica aparece no subtítulo de *Território de Epidauro: crônicas e histórias da história da Medicina*. Deste modo, Nava insere-se na tendência dos seus contemporâneos pois a crônica moderna é o gênero que, “floresceu em nosso país especialmente nas décadas de 1930, 40 e 50, como gênero bem nosso” (Candido, 1992, p.17). Nos anos 30 Rubem Braga “entra para a história literária exclusivamente como cronista. Suas crônicas são mero extravasamento do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios por

ele carregados de significado” (Coutinho, 1971, p.120). Nava, ao escrever a história da medicina, utiliza a crônica como uma construção do cotidiano “através da seleção que o leva a registrar alguns aspectos e eventos e abandonar outros” (Neves, 1992, p.76). Nesse sentido, suas crônicas da história apresentam-se como documentos pois relatam imagens de uma época. Assim, mesmo no período em que esteve “afastado” da literatura, dedicando-se quase com exclusividade à Medicina, o escritor manteve-se atento à vida literária nacional. Esse questionamento cultural do Brasil que interessou os escritores da época está presente na sua obra médica o que, de certa forma, confirma a hipótese que escrever sobre a História da Medicina tenha sido uma estratégia para fazer surgir o escritor que se escondia atrás do médico-historiador .

“Reinventando as Humanidades”

A partir de 1945, no Brasil, a influência americana entrou em ascensão e a influência francesa, apesar de não desaparecer totalmente, especializou-se e se concentrou na filosofia e nas ciências humanas. O primeiro passo para o afastamento da cultura francesa foi dado quando o Brasil resolveu “abolir o ensino obrigatório do francês” (Rouanet, 1998, p.316) e “tudo o que havia no nosso ensino secundário de ciência e de humanismo, no sentido da informação desinteressada das artes e das letras, da investigação do Homem e do Mundo, – foi alijado como carga supérflua” (Nava, 1947, p.77).

É preciso, todavia, evitar mal-entendidos, isto é, identificar o inglês com a tecnocracia e o francês com as humanidades. Segundo Rouanet a diferença fundamental

entre o francês e o inglês é que “a língua francesa sempre foi o vetor da respectiva cultura, o que não parece ser a vocação do inglês” (Rouanet, 1998, p.316); ou seja, “na fase da hegemonia parisiense, junto com o francês vinham Corneille, e Molière, Victor Hugo e Rimbaud e na hegemonia americana, não se pode dizer que junto com o inglês venham Donne e Shakespeare, Byron e Joyce” (Rouanet, 1998, p.316).

Nava, em 1947, pensava de forma semelhante e dizia que no caso particular dos médicos em que, “para o exercício normal da profissão é dispensável o apuro nas ciências básicas e nas artes, o desamparo das humanidades resultou numa mentalidade imediatista” (Nava, 1947, p.78). “Por que ao jorro translúcido (França) passamos de repente a preferir águas pobres de rasas cacimbas (EUA)?” (Nava, 1947, p.77).

O fato de ser um seguidor de princípios humanistas pouco compatíveis com o caráter cada vez mais técnico da medicina, levou-o a criticar duramente a nova influência americana. Nessa nova “mentalidade imediatista” não havia mais lugar para “conversar com o doente, entender o doente, saber ouvi-lo com paciência. Consolar com a presença, a palavra oportuna, a bendita mentira, o santo perjúrio. Ser bom e simples” (Nava, 1981, p.404), características essenciais que todo médico deveria possuir. Nava reivindica pois, uma reumanização da medicina, um retorno do contato humano, do “médico da casa; conselheiro, orientador e amigo” (Nava, 1947, p.65).

Essa nova mentalidade prática e utilitária incentivou a fragmentação pela divisão do trabalho, onde “cada um conhece cada vez mais sobre cada vez menos” (Rouanet, 1998, p.323). Além disto, uma boa formação humanista, “prepara muito mais eficientemente para um mercado de trabalho em constante mutação tecnológica que qualquer formação profissionalizante *stricto sensu*” (Rouanet, 1998, p.323).

A observação de Rouanet ilustra o que, segundo Nava, aconteceu com a Medicina Brasileira que “nasceu e se ilustrou sob a influência da formação francesa” mas “a partir do momento em que foi buscar novos modelos, fragmentou-se em especialidades e perdeu a sua unidade doutrinária” (Nava, 1947, p.82) e a figura do clínico geral competente tornou-se cada vez mais rara. Nava tinha uma idéia da medicina bem particular e achava que “o seu grande erro tinha sido de se especializar, pois só o face a face com a morte e com o diagnóstico de morte o médico coloca-se diante de sua impotência e do que deveria ser sua modéstia” (Nava apud Le Moing, 1996, p.172).

A prática médica cotidiana imerge o médico em um mundo de doença e de morte que, ou “o fecha a qualquer reflexão por proteção e nesse caso ele torna-se apenas um médico técnico ou o coloca como sujeito. O *médico-sujeito* considera o sofrimento do outro como reflexo de seu sofrimento” (Danou, 1994, p.9). Nava pode ser considerado um “médico-sujeito”, que não nega a técnica mas para quem a doença e a morte são razão constante de questionamento. Ou seja, o cultivo das humanidades viria contrabalançar a difusão desenfreada da cultura tecnocrática. É o retorno desse médico que ele clama pois, com o progresso da tecnologia, a especialização da Medicina tornou-se cada dia maior, transformando o médico em um técnico e afastando-o do contato com o doente “num plano mais humano e menos comercial” (Nava, 1947, p.65).

Nava era favorável a uma abertura “às influências úteis vindas de todos os quadrantes”. Todavia, esse acréscimo deveria ser “intencional, voluntário e seletivo”, isto é, “sem implicar no repúdio à linha essencialmente européia e latina das origens da inteligência brasileira e principalmente sem a sua substituição súbita e literal por modelos que não se coadunam à nossa tradição” (Nava, 1947, p.82).

A partir dos anos 1980, a inclusão da literatura nos novos programas intitulados “Humanidades Médicas” do curso de medicina nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, representa uma mudança fundamental e há muito desejada, “o complemento necessário do maravilhoso aperfeiçoamento da *machinerie* médica” (Starobinski In: BPI/Centre Pompidou, 2001, p.8) pois visa expandir o horizonte intelectual dos profissionais. A observação pode ser considerada como uma concretização, mesmo que tardia, do que Nava solicitara nos anos 1950, quando a influência americana passou a imperar e privilegiou “o transbordamento da ciência e da técnica” (Rouanet, 1998, p.322), em detrimento do cultivo das humanidades.

Para Nava, medicina e literatura apresentam dois olhares diferentes sobre o mundo que convergem para um ponto comum: o ser humano. Dialogando com ele, o médico-escritor francês Gérard Danou diz que “há o olhar científico que busca a causa das coisas, conceptualiza e utiliza o mundo e seus objetos, e há um olhar sensível intuitivo que aprofunda e colore a forma das coisas” (Danou, 2003, p.133). Ambos falam de dois olhares sobre a realidade que não são da mesma ordem, não podendo portanto, se contradizer, já que ciência e arte se desenvolvem em planos diferentes. Entretanto, para um médico-escritor, as duas artes se entrelaçam e, do mesmo modo que as humanidades precisam do rigor lógico da ciência, a ciência precisa da flexibilidade, da liberdade de imaginação para compreender as relações entre os homens.

O método de trabalho

Território de Epidauro e Capítulos da história da medicina revelam as múltiplas facetas de Nava. Aí depara-se não apenas com o médico humanista que vai se desdobrar no historiador de medicina e no biógrafo mas, também, com o espírito do arquivista e do colecionador:

desde há algum tempo, venho colecionando tudo que encontro e possa servir ao estudo tanto da história como da crônica da Medicina Brasileira. Fotografias desmerecidas pelos anos. Recortes de jornais. Cópias de documentos esquecidos. Receitas antigas. Conversa de velho (Nava, 1947, p.67).

Nessa citação, Nava deixa claro que sua vocação de colecionador, manifestada desde a infância, foi consideravelmente ampliada em função do seu projeto de escrever a história e a crônica da História da Medicina no Brasil. Para tal projeto, o historiador foi em busca de documentos de naturezas diversas e tirou-os do lugar onde se encontravam para reespaçalizá-los em seus livros a serviço da História da Medicina. O resultado foi a criação de um novo espaço, o texto, que abriu possibilidade de um diálogo intenso entre o historiador oficial e aqueles documentos transformados em vozes, uma vez que lhes foi dado o direito de falar. Seu método de trabalho pode ser dividido em três fases, diretamente relacionadas com seu espírito de colecionador no processo criativo.

Primeira fase – trata da acumulação do extenso material: “sempre fui um catador de papel” (Nava, Entrevista *Revista Ipiranga*, 1983).

Segunda fase – consiste na seleção e na organização desse material, uma espécie de esboço do que seria desenvolvido posteriormente e que ele denomina “bonecos” ou

“esqueletos”: “Eu faço umas fichas a respeito de tudo o que me ocorre de interessante, coisas curiosas, e, na hora em que vou escrever, vou arrancando esses pedaços de papel, ponho em ordem, faço um esqueleto e vou tocando” (Nava, Entrevista a Ricardo Azambuja Arnt, Revista *Ele & Ela*, novembro 1977).

Terceira fase – configuração do texto literário: “o cadáver e o boneco ganham vida e discurso, configurando-se no texto datilografado” (Souza, 1998, p.85).

Primeira fase: o colecionador

Assim cresciam e se mascaravam os haveres da infância, em gavetas, arcas e caixas.

Walter Benjamin

Colecionar significa acumular, juntar, reunir. É comum colecionar objetos, livros, fotografias, jornais. Pedro Nava colecionava também conversas, o que parece menos comum. Nesta primeira fase, ele põe em prática o método de tudo arquivar, tudo armazenar, no intuito de um dia colocar no papel o que ficou guardado, fragmentos que ele precisa tirar do esquecimento e sem os quais ser-lhe-ia impossível explorar o extenso material reunido. Todavia o historiador parece privilegiar um material

que não figura nos necrológicos, nos discursos, mas que chega ao nosso conhecimento pela palavra antiga das filhas ou das viúvas, quando repetem as conversas um dia soltas nas varandas ou em torno às mesas de jantar das casas consumidas (Nava, 1947, p.67).

Desejando apreender um passado e resgatar o que lhe chegou em pedaços, através de documentos e fragmentos da memória de outros, o médico-historiador teve que recorrer à oralidade e à sua “imaginação poética” (Aguilar, 1999, p.160) para completar as insuficiências dos documentos. Para tal, o narrador “penetra simpaticamente na vida dos antepassados e dos parentes mortos e não tem outro meio de os configurar senão

apelando para a imaginação” (Candido, 1989, p.61). O resultado é que seu relato “adquire cunho de efabulação” e o leitor, confundindo realidade/imaginário, “o recebe como matéria de romance” (Candido, 1989, p.61).

E isto foi possível porque Nava é um grande contador de histórias. Esse aspecto aproxima-o dos antigos narradores, nos termos propostos por Walter Benjamin, os quais “contavam histórias exemplares para ouvintes atentos e sequiosos pelo saber que elas continham” (Benjamin, 1986, p.198). Para o médico-historiador, tão importante quanto os “documentos declarados”, são “principalmente apontamentos colhidos na conversa com as testemunhas do passado” (Nava, 1947, p.67). O fato de conferir caráter literário à sua obra médica torna Nava um “historiador *sui-generis*, cujo discurso mescla com naturalidade ciência e literatura” (Aguiar, 1999, p.160)

É pertinente observar que, em *Território de Epidauro e Capítulos da história da medicina*, Nava adotou o procedimento de anotar tudo o que ouvia com “a intenção de incorporar certas histórias no seu trabalho”, transformando-as em obras tão científicas quanto literárias. Do mesmo modo que, ao biografar médicos do passado ou simplesmente prestar homenagem àqueles que considerava seus mestres e, consciente da impossibilidade da completude, Nava utilizou o método da recomposição onde “os fatos e as palavras vão igualmente atuar como fragmentos da vida a ser escrita” (Souza, 1998, p.82). Para tal, lançou mão de sua experiência : “A mesma de Cuvier partindo de um dente para construir a mandíbula inevitável, o crânio obrigatório, a coluna vertebral decorrente e osso por osso, o esqueleto da besta” (Nava, 1972, p.41).

Nava apropriou-se, pois, de um arquivo considerável, – documentos, fotografias, frases soltas, citações de livros – ouviu também muitas histórias e relatos de familiares de

médicos e partiu dos resíduos deixados, suplementando-os com suas próprias lembranças e com as lembranças de outros para escrever a história da medicina brasileira.

Segunda fase: o arquivista

A palavra “arquivista” foi escolhida porque, segundo o dicionário, “arquivar” significa conservar, reter na memória, guardar em arquivo. Esta definição ressalta dois tipos de arquivos: o que tem um suporte material – documentos, fotografias – e o outro, retido na memória. São essas as principais fontes que alimentam o trabalho do arquivista.

O amplo material composto de documentos, fotografias, frases soltas, “conversas com os testemunhos do passado” foi, por um lado, minuciosamente organizado em fichários e cadernos de anotações, ou seja, guardado em arquivo. Por outro lado, a extensa cultura e a erudição constituem um segundo arquivo tão importante quanto o primeiro, o qual foi retido pela memória, o que permite considerar a própria pessoa de Nava como seu maior arquivo.

Para escrever sua obra médica, Nava precisou selecionar e colocar em ordem o material desordenado, dando-lhe assim a organização de um arquivo que poderia ser vista como o desejo utópico do memorialista de pôr ordem no caos. A utilização desse arquivo vai depender, logicamente, do tema a ser desenvolvido. Assim, ao se propor a escrever sobre a História da Medicina, o próprio tema representa uma pré-seleção para o arquivista e delimita o material a ser utilizado.

É o texto que vai estimular o historiador pois a memória-arquivo funciona por associação, podendo conectar-se a qualquer assunto, já que tem como suporte sua extensa

cultura. Assim, por exemplo, no capítulo “De Velpeau a Torres Homem”, de *Território de Epidauro*, Nava relata fatos da vida dos dois médicos. Em um dado momento, estimulado pelo próprio texto, Nava acessa seu arquivo da memória : “E Torres Homem é sempre apresentado como a figura rebarbativa, desmazelada e insolente, – onde a feiura de Quasimodo juntava-se à gordura de Falstaff, e a gula de Gargantua, à usura de Harpagão” (Nava, 1947, p.104). Neste exemplo, Nava dialoga com a literatura e enriquece seu texto. A obra médica ultrapassa as fronteiras da medicina ampliando, conseqüentemente, a abrangência de seus leitores.

Tal procedimento remete ao conceito de rizoma desenvolvido por Deleuze e Guattari. Segundo os críticos, “o ideal de um livro seria expor todas as coisas sobre um tal plano de exterioridade, sobre uma única página: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos, pensamentos, indivíduos, grupos e formações pessoais” (Deleuze e Guattari, 1996, p. 17). Nava, ao mesclar o documento com outras vozes e completar seu relato com a imaginação, constrói um sistema múltiplo onde cada linha pode ser conectada a outra, configurando uma verdadeira rede rizomática que amplia, e muito, seu “território”. Além disso, é importante ressaltar que em sua obra médica, já se evidencia uma “certa megalomania” do historiador-memorialista “que quer dominar todas as categorias de ofícios narrativos: a recordação, a pesquisa decifradora e a invenção” (Cardoso, 2001, p.38) e que explodirá na sua obra memorialística, anos depois.

A segunda fase de seu método criativo pode ser considerada como o momento de depuração, de purificação e organização do material acumulado, o que levou Joaquim Alves de Aguiar a denominá-la etapa da “mineração”. A esse material selecionado Nava dava o nome de “boneco” ou “esqueleto” do livro. O boneco, além de referir-se “à

imagem do projeto gráfico de um livro”, liga-se também “à idéia de cadáver, de um corpo já dissecado e preparado para estudo” (Sousa, 1998, p.86).

Para explicar o método de organização desse arquivo, Nava lança mão da “metáfora do baralho”, que ele desenvolve em *Beira-mar*, publicado trinta e um anos depois de *Território de Epidauro*. O fato de Nava explicitar seu método posteriormente à sua aplicação deve, de certa maneira, estar relacionado com a dificuldade na seleção do material, devido à extensão de seu arquivo. Tomando a metáfora do baralho exibida em *Território de Epidauro*, observa-se que Nava separa seus assuntos como se fossem naipes. Os naipes do baralho representam os diversos assuntos por ele tratados, cuja organização é feita pelo próprio índice do livro.

Ao contrário de uma história da Medicina convencional, Nava privilegia a memória como fio condutor de seu relato em detrimento da cronologia, transfigurando o arquivo e criando uma nova relação entre o material colecionado. De fato, em sua obra médica os capítulos são selecionados por temas e não por datas. Isso foi possível graças à sua habilidade em mesclar o artista ao historiador e o médico ao escritor.

Terceira fase: o anatomista

O anatomista, aquele que trata da forma e da estrutura dos seres organizados, serve de título ao trabalho desta terceira fase do método de criação, que é o de dar forma ao material já organizado. Por outro lado, essa escolha foi também inspirada no próprio Nava, devido à sua “curiosidade profunda pela nossa estrutura”, pela “morfologia do

corpo humano” (Nava, 1978, p.72) proveniente das aulas de Anatomia Humana e da manipulação do cadáver.

Essa fase de composição, na qual “o cadáver e o *boneco* ganham vida e discurso” (Sousa, 1998, p.85), exige a habilidade na escolha e manipulação das palavras que vão compor, no ato da escrita, o tecido do texto. Esta é a tarefa do anatomista que se tornaria assim o ponto de confluência do colecionador e do arquivista.

Interessa comparar aqui o procedimento do anatomista-Nava na recomposição do esqueleto, com o do escritor na construção do texto. Assim, para escrever a História da Medicina brasileira, o Autor recupera os arquivos que lhe permitem ter acesso às origens européias, como também às influências do índio e, mais tarde, do negro nessa Medicina.

Nava não coloca bibliografia nem notas de rodapé em *Território de Epidauro*, limitando-se a referências e citações no corpo do texto. Esse fato é relevante por revelar a grande liberdade que ele se permitiu na manipulação dos documentos, contrariando completamente o procedimento do historiador que, em princípio, apóia-se em uma bibliografia.

Ao transgredir essa exigência de uma obra científica, Nava coloca-se como um historiador incomum, que impõe seu ponto de vista e interfere na História, explica alguns fatos na primeira pessoa, critica outros, acrescenta dados quando lhe convém, não se restringindo apenas às fontes disponíveis. Dono de um estilo solto que faz o texto fluir, Nava marca, desde o início, a presença do homem de letras por detrás do historiador.

Seu duplo arquivo – documental e da memória – ultrapassa, pois, o domínio da História e estende-se para um território sem limites, permitindo-lhe transitar livremente pelos diversos campos do saber e se colocar em uma posição de iconoclasta. Assim, ao

falar da influência do índio na Medicina brasileira, Nava questiona sua importância, historicamente reconhecida:

eu acho pouco acreditável que os Jesuítas deles tenham aprendido coisa que valha. ... Admitir o contrário é admitir nos nossos selvagens uma acuidade de observação, uma capacidade lógica para a indução e a dedução, uma aptidão para a análise, um conhecimento de patologia e uma ciência das indicações terapêuticas, que só seriam possíveis nos índios europeizados e românticos, – que foram postos em verso no Y-Juca Pirama e no Canto do Piaga ou transportados para a prosa de Iracema e no O Guarany” (Nava, 1947, p.13).

Essa passagem é uma amostra da composição de seu texto. Na medida em que coloca a literatura como fonte de documentação, o Autor atribui-se autoridade para desmistificar a visão romântica do índio.

Se, por um lado, Nava interfere nas fontes dando sua própria versão da História, por outro lado, quando lhe faltam dados sobre um determinado assunto, ele recorre à sua criatividade para completar as lacunas do texto. Assim, como o anatomista parte do osso para reconstruir o esqueleto, o médico-historiador parte do fragmento para recompor seu relato. É o caso, por exemplo, de um certo doutor Titára, “aquele nome esquisito de pretérito mais que perfeito” (Nava, 1947, p.68) que Nava quis homenagear mas, por lhe faltar a documentação necessária, não hesitou em completar com sua imaginação. Ele teve conhecimento do dito doutor, “na página 342 da 2ª edição das ‘Febres’ do dr. Torres Homem. As informações sobre o Doutor Titára, parcas e longínquas, permitem que se evoque a figura do prático, na meia-luz propícia à interpretação poética de sua vida” (Nava, 1947, p.68). Essa técnica faz com que Nava imprima um ar ficcional a seus relatos, transformando-os em texto literário.

Eu tenho nos meus trabalhos médicos uma marca literária, um certo capricho na maneira de escrever. Existem literatos de todas as profissões, mas causa estranheza um médico-escritor, apesar de existir no Brasil uma boa sociedade de escritores médicos (Nava, Entrevista a Ricardo Azambuja Arnt, *Ele&Ela*, nov. 1977)

Medicina e Literatura: uma relação simbiótica

A associação entre Medicina e Literatura vem de muito tempo e sempre existiram “médicos amando e sabendo escrever” (Peter, In: BPI/ Centre Pompidou, 2001, p.13) não sendo portanto, difícil citar inúmeros nomes de médicos que foram também escritores ao longo da história: Rabelais, Tchekcov, Thomas Mann, Céline, Lobo Antunes, Victor Segalen, Guimarães Rosa, Moacyr Scliar.

Pode-se então perguntar: existe uma relação precisa entre a Medicina e a Literatura? Não se pode afirmar que exista uma associação causal entre o gênio literário e a profissão exercida, apesar de haver uma aproximação entre a arte médica e a arte literária porque tanto o médico quanto o escritor partilham o interesse pelo ser humano: “a prática da medicina representa um verdadeiro mergulho na natureza humana, que é afinal o terreno fértil de inspiração para os escritores” (Scliar, *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 maio, 2004). Além disto, a medicina, não é uma ciência como a física ou a química, já que trabalha com uma margem de incerteza não habitual nas ciências. Assim, se a medicina “é primeiramente um espaço racional ela recorre também ao exercício da intuição, do irracional para se situar entre o factual e o simbólico, entre ciência e magia” (Peter, In: BPI/ Centre Pompidou, 2001, p.24).

Nava integra o grupo dos médicos-escritores que consideram a medicina e a literatura como indissociáveis. Isto porque, se a literatura engloba em seu discurso os saberes de uma época, “a atividade do médico é tributária da civilização que a tornou possível” (Starobinski, In: BPI/ Centre Pompidou, 2001, p.8), o que permite dizer que as grandes obras literárias podem servir de apoio e importante veículo de informação para

os médicos pois, além de “representarem um mergulho na condição humana, situam enfermidade e medicina em seu contexto histórico” (Scliar, 1998, p.10). Além disto, lembra Kaufmann, “a tradição judaico-cristã que é a tradição do Livro e que por isso constitui o quadro fundamental de toda reflexão séria sobre a literatura ocidental há dois mil anos, é feita de medicina, de doenças e curas” (Kaufmann In: BPI/ Centre Pompidou, 2001, p.72).

Para Nava, “Medicina antes de mais nada é conhecimento humano. E este está tanto nos livros de patologia e clínica como nas obras de Proust, Flaubert, Balzac, Rabelais, dos poetas de hoje, de ontem” (Nava, 1978, p.390). A literatura é também fonte inesgotável de documentos preciosos:

O teatro shakespereano é a primeira individualização de vários tipos psiquiátricos; (...) O “Doutor Pedro Recio de Tirteafuera” de Cervantes, o “doutor Sangrado” de Le Sage, o “Doutor Knock” de Jules Romains; (...) os personagens de Molière nos contam mais do exercício clínico, do charlatanismo da época e do local em que estes autores colocaram a sua ficção, que os próprios livros de medicina que lhes foram contemporâneos (Nava, 1949, p.5).

Freud “faz questão de lembrar que as descobertas que lhe são atribuídas – sobretudo o complexo de Édipo – foram feitas antes dele pelos poetas e romancistas”, seu mérito constituindo-se apenas em “traduzir as intuições deles para a linguagem da ciência” (Starobinski, In: BPI/Centre Pompidou, 2001, p. 7).

Literatura: fonte para a Medicina

Assim, a literatura representa um mundo “inexaurível de documentos que podem servir ao médico” (Nava, 1949, p.5) porque “ela não somente coloca as mesmas questões da medicina, como oferece elementos de resposta que devem fazer parte da reflexão

prática de todo médico” (Danou In: BPI/Centre Pompidou, 2001, p.10), servindo de fonte de consulta e possibilitando, deste modo, um outro olhar sobre uma determinada época.

Compartilhando o mesmo ponto de vista, Starobinski diz que “os jovens médicos avançariam muito se lessem ao longo do curso algumas páginas de Balzac e Flaubert, de Manzoni e Tolstói, de Proust e de Virginia Woolf, ou ainda de Tchekcov, Valéry, Kafka e Thomas Mann” (Starobinski In: BPI/Centre Pompidou, 2001, p.8) porque a literatura fala das paixões e misérias humanas que o médico encontra em seu dia a dia nas enfermarias, nos hospitais, no contato com o paciente.

Nesse sentido, deve-se considerar a iniciativa de alguns departamentos de Humanidades médicas que encorajam os médicos a ler romances “afim de se refletir no ato de leitura e devolver às palavras “congeladas” pela monofonia do discurso médico, um certo jogo, entre a palavra e a coisa, uma certa motivação poética do signo” (Danou In: BPI/Centre Pompidou, 2001, p.10-11). Essa prática, que valoriza o saber do paciente sobre ele mesmo, é considerada fonte de ensinamento importante para o médico. Além disto, a literatura pode também ser utilizada “como uma forma de aumentar a compreensão do médico em relação à aproximação com o paciente” (Scliar, *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 maio, 2004).

Segundo Gérard Danou, certos autores americanos, conscientes da importância da literatura e do que se desenvolve no ato de leitura, chegam até a “aconselhar a substituição dos cursos de ética médica pelo estudo de textos literários” (Danou In: BPI/Centre Pompidou, 2001, p.11). Esta concepção utilitarista da literatura, auxilia todavia o “reequilíbrio das relações de poder entre os pacientes e os médicos, facilitando talvez uma troca de perguntas e respostas” (Danou In: BPI/Centre Pompidou, 2001, p.11).

A iniciação à literatura, à história das idéias e da filosofia poderá contribuir para que os estudantes compreendam que a medicina, “esta soma evolutiva de ciências aplicadas, permanece tributária de uma cultura que a produz e que dita os novos modelos e as novas linguagens e que a ciência não é toda poderosa” (Danou, 2001, p.11).

Charles Péguy, em seus *Cahiers de la Quinzaine*, sofrendo de uma gripe forte, demonstra como “toda doença que atinge um de nós, é primeiramente e, sobretudo, um momento, uma parcela sofredora da doença do mundo” (Peter In: BPI/ Centre Pompidou 2001, p.19).

Retrocedendo no tempo, percebe-se que ao longo da história a literatura sempre foi grande aliada da medicina, às vezes antecipando-a – como por exemplo o teatro de Shakespeare para a psiquiatria – outras vezes, englobando em seu discurso, para mostrar seus limites, os saberes de uma época – é o caso de *Madame Bovary*, esse romance ‘sobre nada’, como queria Flaubert, mas que todavia, “fala muito sobre o discurso da ciência e sobre o modelo de valor universal do paciente científico moderno. Hipólito operado por Charles Bovary é vítima dos discursos de Emma e de Hommais” (Danou In: BPI/ Centre Pompidou, 2001, p.10). Flaubert, sem ter um diploma de médico, “era um profundo observador e um verdadeiro clínico. Durante toda sua vida, permaneceu o anatomista do verbo e dissecou até o sofrimento suas frases e seus períodos” (Segalen, 1995, p. 28).

Exemplos de casos médicos, doenças, receitas, taras, ética médica e morte são alguns dos temas ligados à medicina que foram objeto de reflexão de vários escritores e poetas que limitavam sua visão das coisas à observação objetiva, sem nunca terem sido médicos. Por outro lado, os médicos sempre buscaram o conhecimento em textos clássicos e o grande número de médicos-escritores leva a crer que a medicina é

compatível com a literatura, tornando-se, em alguns casos, indissociável, como para Pedro Nava: “Sou tanto médico quanto escritor. Não repudio nenhuma das partes da moeda” (Nava, Entrevista *Revista Manchete*, 1984, p.12).

Médico-paciente : uma relação delicada

Se a literatura pode ser, de certa forma, considerada uma aliada da medicina, por outro lado o médico também pode ser útil e às vezes até determinante para o escritor: “Uma vez médico, médico a vida inteira. Tudo que escrevi ressent-se dessa minha dobra e só pude escrever o que fiz porque tinha a vivência de médico” (Nava, Entrevista *O Globo*, 24/04/1981).

O olhar clínico do médico que observa e registra é comparável à arte do escritor “pois não é qualquer sinal ou sintoma que deve ser registrado; é necessário que haja uma seleção, um recorte do que é relevante para a história clínica do doente” (Frias, 2005, p.61). É com esse mesmo olhar “calculador” (Foucault, 1977, p.101) que Nava dá início à escrita das *Memórias*.

Fascinado pela Anatomia Humana, o médico-escritor transforma sua obra em um grande anfiteatro anatômico onde os cadáveres de seus antepassados são abertos e dissecados com a habilidade de um legista frio: “O bisturi corta a carne do tempo impiedosamente e dela faz jorrar sangue e pus, extrai carne e músculo, estripa a alma do tempo que se foi” (Nava, Entrevista *Revista Visão*, vol.42, nº 2, 29/01/1973).

Atrás do memorialista sente-se, todavia, a presença constante do médico experiente e bem sucedido, espécie de vidente ao diagnosticar as doenças, que observa, contempla e retrata não apenas o paciente, mas transforma sua obra em reflexão e apreciação do ser humano. É pois, com esse olhar aguçado que Nava reconstituiu a história de seus antepassados, seus anos de internato, o período da faculdade, o Movimento Modernista mineiro e rememorou os professores, as aulas, os colegas, as enfermarias, os doentes, os hospitais e a repartição onde trabalhou.

Para ele, do mesmo modo que a literatura pode contribuir para humanizar o médico afinando sua sensibilidade, o exercício da medicina ensina “a lição de humildade nascida da porcaria transitória que somos e da certeza do cutelo semelhante que está suspenso sobre a cabeça do rei e do vilão, do milionário e do pobre” (Nava, 1978, p.80). Para Nava, a morte nivela e coloca todo ser humano na mesma condição: “sempre que vejo pobre humano cheio de empáfia lembro que ele vai morrer e repito em sua intenção as palavras da prece dos agonizantes. (...) a natureza nos adverte diariamente contra o orgulho. Basta ficar sem banho e começamos a feder” (Nava, 1978, p.228).

Para Moacyr Scliar “a gente muda como ser humano quando estuda e pratica a medicina” (Scliar, *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 de maio 2004). O contato com o cadáver humaniza o médico: “o aprendizado nos vem do cadáver. É nossa melhora pessoal e o inconsciente e progressivo despojamento que fazemos de nossa agressividade – ao cortar e mutilar a coisa mais indefesa que existe: o morto” (Nava, 1978, p.73).

A humanização do médico é indispensável pois, sem desprezar a tecnologia, a prática médica é fundamentalmente uma relação entre pessoas, uma relação “solidária” e apesar de “usar vários instrumentos em seu trabalho, o principal instrumento do médico é

ele próprio” (Scliar, *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 de maio 2004). Assim, além dos remédios o médico tem “de se receitar”, como sugeriu o médico e professor Cláudio Basbaum, isto é, fazer parte integrante do tratamento, “como se ele próprio fosse, quem sabe, o mais poderoso remédio que prescreve” (Basbaum, 2002, p.XIII) porque o médico possui um extraordinário poder de cura apenas com sua presença. O paciente espera que “o profissional seja amistoso, cordial, solidário no seu sofrimento e, principalmente, que seja capaz de dar-lhe o apoio emocional de que carece” (Klug, 2002, p.XXI).

O procedimento de conversar com o paciente, procurar conhecer o seu doente é uma herança de uma época anterior ao tecnicismo exacerbado da medicina atual “que a facilidade dos exames complementares atrofia e que a especialização limita e mutila” (Nava, 1947, p.65). Nava considerava o contato com o doente “um dos contatos humanos mais difíceis” pois o médico “é obrigado a *mudar* de acordo com o doente. Deve surpreender a balda do doente e, assim, se mascarar de acordo com o que cada um exige” (Nava, Entrevista, *Jornal do Brasil, Caderno B*, 4/11/1972).

O contato humano torna-se, pois, primordial para o tratamento: “É mais importante conversar muito do que examinar o paciente” (Nava, Entrevista *Jornal do Brasil, Caderno B*, 4/6/1983) porque “é pela forma de conversar que o médico gera afetividade e confiança, não na sua infalibilidade, máscara imposta, hipocrisia aprendida na universidade, mas na sua correção” (Nava, Entrevista *Jornal do Brasil, Caderno B*, 4/6/1983). E completa: “um exame sem palavras pode ser admitido em veterinária. Na medicina – a clínica é entendimento, compreensão e principalmente simpatia entre os dois seres humanos: médico e cliente. Esqueçam disto não...” (Nava, 1983, p.334).

Em vários momentos das *Memórias*, o leitor depara-se com longas descrições de suas experiências médicas e seu aprendizado com o paciente: “E quando via que não podia fazer nada – dava um instante minha mão e sem nojo amparava as testas molhadas durante os arrancos do vômito que me batizava: Tu és Médico” (Nava, 1978, p.359). Assim, é no contato com o doente “o companheiro de cada pensamento, de cada instante, de cada dia” (Nava, 1978, p.198) que o médico se forma: “tínhamos de aprender a conversar bem com o doente, a olhá-lo melhor, a palpá-lo, percuti-lo e auscultá-lo” (Nava, 1978, p.204) pois “quanto mais falamos com ele (o paciente), tanto mais aumentamos nossa recíproca comunicação humana” (Nava, 1983, p.334) e é no hospital que ele desenvolve sua total dedicação e seu aprendizado. Repetindo as palavras de seu chefe Ari Ferreira, Nava considerava o hospital como indispensável ao médico:

Médico sem vivência nas enfermarias não é médico.(...) Além de melhorar e esmerar-se na prática, o médico, dentro do hospital e da enfermaria vive ensinando e aprendendo e mais do que isto – exercendo uma função moral. É por natureza de ofício o amigo dos sem-amigos, família dos sem-família. Vincula-se e compromissa-se com a coletividade de que faz parte. Serve-a servindo justamente os menos protegidos, os mais indigentes, os mais explorados. Tem de dedicar-se completamente para ressarcir um pouco de sua própria culpa – a de ser também um chupim do pobre na sua doença e sua morte. Até esta serve para aprimorar e dar *status* profissional ao médico – integrando-o num gênero da mais torva exploração de classe (Nava, 1978, p.274-275).

Essa dedicação exclusiva ao doente exige do médico além de “uma óbvia competência, a vocação nata de transmitir ao paciente a sensação da sua importância como pessoa” (Ismael, 2002, p.57). No trecho citado de *Beira-mar*, Nava utiliza sua escrita como arma para criticar o médico que não se compromete com “a coletividade de que faz parte”, além de atentar para a exploração do pobre e do doente.

É importante ressaltar que a doença, por sua própria natureza, “priva seu portador do bem supremo da liberdade, pois o doente passa a depender daquilo que a medicina lhe oferece e que muitas vezes não satisfaz às suas expectativas” (Freire, 2002, p.XIX). Aí

entra o médico, que é visto pelo paciente como “um semideus por sua potencial capacidade de curar e por se revestir de poderes quase mágicos” (Freire, 2002, p.XIX). E muitos médicos, julgando-se heróis, esquecem que podem

quando muito, alterar e modificar a vida pelo ferro cirúrgico e pelo veneno remédio. O grande equívoco de todos – doentes e médicos – é julgar que prolongando a vida por alteração de condições, estamos combatendo a Morte. Jamais. Tanto quanto imbatível ela é incombatedível. Prova: só ampliamos vida que existe (Nava, 1978, p.333).

Talvez a medicina precise se reconhecer como problema antes de se representar como solução e “o médico tenha que se vacinar contra o vírus do orgulho” (Freire, 2002, p.XIX) para captar os “estados de alma”, percepção que deveria “preceder sua formação acadêmica e transcender seu conhecimento científico pois é isso que distingue o grande médico dos técnicos em medicina” (Ali Ramadam, 2002, p.XXV). Para tal, e para que a medicina torne-se mais ética, é fundamental “que o médico leia mais livros *sobre* medicina em vez de apenas livros *de* medicina e que se implante o estudo de outras ciências humanas” (Shiller, 2002, p.XXIV).

Um outro aspecto importante na relação médico-paciente é o uso da linguagem médica. Segundo o médico e escritor francês Victor Segalen, a primeira lição que o estudante de medicina aprende é traduzir “a emoção em noções intelectuais, transformar automaticamente as imagens concretas – terrificantes enquanto imagens – em elementos abstratos de diagnóstico, elementos interessantes mas não mais emocionantes” (Segalen, 1995, p.18). Esta passagem da ordem sensitiva para a ordem intelectual, do mundo das imagens para o mundo das idéias, pode ser observada quando se compara o vocabulário utilizado pelo médico e pelo leigo para traduzir o mesmo quadro clínico.

Nava, enquanto estudante, aprendeu nas enfermarias com seu mestre Libânio “uma nova língua – a interpretativa e pitoresca dos pacientes” que ele “tinha de traduzir

para as papeletas” (Nava, 1978, p.330). Por exemplo, o sintoma da paciente que “sentia como se fosse um monte de gelo derretendo” foi traduzido em linguagem médica como “suores e lipotímia”. Cabe, assim, ao médico traduzir a “série de figurações verbais que cada um usava para exprimir suas dores (uma dor como se as carnes estivessem despregando dos meus ossos), suas agonias (meu sangue tem pimenta) e suas aflições (tenho uma canga no pescoço e a cabeça feito mingau)” (Nava, 1978, p.330-331) e fazer repetir, “perguntar como é, captar e afinal transcrever na linguagem técnica com que se classificam as dores, as aflições, as sensações falsas do ptiatismo, as parestesias revestidas de comparações fantasistas” (Nava, 1978, p.331).

Todavia, nessa passagem da linguagem do paciente para a linguagem médica há uma verdadeira transmutação de valores. A intensidade, “o pitoresco da descrição – e conseqüentemente sua repercussão emotiva – perdem-se em prol da precisão do termo médico” (Segalen, 1995, p.18). Essa insensibilidade, o médico a adquire no momento em que substitui automaticamente qualquer imagem pelo termo técnico que a designa. Assim, substituir “barriga aberta” por laparotomia ou “um enorme pedaço de carne” por “o tumor pesava 2500 gramas... era um fibroma pediculado” (Segalen, 1995, p.18), são exemplos da transferência de impressões, isto é, o leigo aceita a imagem como ela é percebida, enquanto o médico a transforma em elementos de diagnóstico e em projetos terapêuticos. Daí o extremo cuidado que o médico deve ter no uso da palavra pois “a utilização de um vocabulário especializado redobra a distância lingüística que o separa do paciente”, principalmente do doente das classes populares (Boltanski, 2004, p.37). Deste modo, é da dedicação do médico ao seu paciente, “da conversa com seu doente que pode nascer uma simpatia humana, uma autoridade dum lado, uma dependência do outro. Uma

hierarquia médico-doente. Uma amizade possível” (Nava, 1983, p.213). Assim, no seu relacionamento profissional, o médico, “além de exercer suas funções baseado no conhecimento científico e nas suas habilidades adquiridas, não pode abdicar do lado humano do seu ofício” e deve procurar sempre ter empatia com o paciente (Friedmann, 2002, p.XVIII).

Em outros momentos a escrita das *Memórias* é utilizada para reforçar suas opiniões e lembrar suas responsabilidades. Assim, ao escolher a profissão de médico, “o destino que ele mesmo se dera”, o médico tem consciência de sua opção e “vai sentir de perto a morte e o desmancho” (Nava, 1981, p.276). E dizia para si mesmo: “mete as mãos na aguadilha, na gosma, no pegajoso, mole e podre. Larga dessas frescuras das flores e dos aromas dos matos – teus perfumes serão o bodum, o xexéu, a creolina, o formol...” (Nava, 1981, p.276). E não se arrependia das manhãs em que “se dera integralmente ao próximo desconhecido” (Nava, 1981, p.276), realizando a primeira manifestação humana, “germe da relação médico-paciente, a chamada ajuda espontânea” (Hossne, 2002, p.XV). Deste modo, ao se colocar como herdeiro da vertente humanística da medicina, “a que enfoca o doente, e não a doença” (Friedmann, 2002, p.XVIII), Nava chama a atenção para o lado humano do seu ofício. Isto é, o médico deveria exercer “permanentemente uma função de educador do povo, ao qual, em cada consulta ou em cada visita, transmite um pouco do seu conhecimento e uma parcela de sua experiência” (Nava, 1949, p.96). O bom médico não deveria pois, se restringir apenas ao saber dos livros mas “se desdobrar em humanidade no exercício da profissão” (Aguiar, 1999, p.158).

A questão ética permeia sua obra médica mas é na concepção do papel social do médico que ela se destaca. Nava dividia seus colegas em dois grupos: os que são médicos

por vocação e os que simplesmente estudaram medicina e transformaram sua profissão em fonte de lucro. Ele chamou os primeiros de “médicos brancos”, “os colegas puros de coração e sentimento – os verdadeiros Médicos, homens de branco e de alma branca, glória duma profissão” e os segundos foram denominados “médicos marrons”, “a infeliz maioria dos apenas formados em Medicina – mas cuja alma não se elevou acima de sua categoria de homens marrons – nódoa permanente da Arte” (Nava, 1981, p.92). Sua simpatia pelo médico de subúrbio é devida à valorização do seu contato mais próximo e humano com o paciente. Nava lastima a presença cada vez mais rara do médico que tem uma vocação natural para curar ou amenizar os sofrimentos de seus semelhantes.

O problema ético também está presente na crítica que faz à arrogância dos médicos que desprezam as contribuições dos “modestos manejadores de ervas”, vendo neles “concorrentes indignos e merecedores apenas da atenção policial – por exercerem por vocação, a Arte que tantos têm apenas como profissão” (Nava, 1947, p.60). E lembra que, em suas origens, a medicina brasileira foi uma mescla da influência da medicina portuguesa e francesa e da medicina local, praticada no Brasil. Assim, se por um lado temos a herança cultural européia, por outro, temos a herança das culturas indígenas e africanas. É nessas heranças que Nava vai buscar os fundamentos culturais da medicina popular brasileira:

os processos curativos do povo fazem parte do seu complexo cultural, da mesma forma que seus sentimentos religiosos, seus hábitos de preparação alimentar, suas manifestações artísticas, sua posição de espírito em face dos antepassados, da morte, da sucessão paterna ou materna, da fraternidade associativa ou de sangue, seus preconceitos e proibições – é natural que esses processos curativos mantenham o mesmo caráter de imutabilidade com que são transmitidos através da vida sucessiva das gerações (Nava, 1949, p.113).

E afirma que “muita conclusão cultural poderia nascer dessas investigações, úteis à sociologia, à antropologia, à antropogeografia e à psicologia profunda da coletividade”

(Nava, 1947, p.60-61). A importância da medicina popular e do conjunto das técnicas de tratamento empregadas pelos especialistas não reconhecidos pela medicina oficial (curandeiros, feiticeros, raizeiros, etc.) foi objeto de pesquisa da socióloga Maria Andréa Loyola. Em seu livro *Médicos e Curandeiros* (1984), a autora pesquisou as práticas de saúde da população residente em Nova Iguaçu, seguindo as técnicas da investigação antropológica. O resultado da pesquisa demonstra que o uso de certas práticas populares revela a existência de estratégias da população frente à carência e ineficiência dos serviços oficiais de saúde (públicos e privados), bem como formas de resistência à dominação e ao autoritarismo dos médicos. Representam, portanto, “um saber próprio sobre o corpo e sobre o processo saúde-doença, que se opõem às concepções dominantes da medicina científica” (Cordeiro, 1984, orelha do livro). Nava já havia chamado a atenção para essa questão em 1949 e defendia a medicina popular que “com todo o seu lastro de superstições, de rezas, de amuletos, de ervas e o seu lado antigo e humano fala muito mais ao espírito popular que uma medicina oficial pouco acessível” (Nava, 1949, 131-132), ao mesmo tempo em que criticava a medicina oficial “exercida por tantos técnicos com indiferença e de modo mecânico, através de um sistema de assistência hospitalar geralmente obsoleto e de ambulatórios na sua maioria inoperantes” (Nava, 1949, p.132).

Andréa Loyola afirma que certos autores, folcloristas em sua maior parte, consideram “o conhecimento e as técnicas da medicina popular como sobrevivências folclóricas de uma época passada, de regiões rurais e comunidades tradicionais isoladas e atrasadas, ligando o desaparecimento dessas ao desenvolvimento da urbanização” (Loyola, 1984, p.3). Todavia a existência dessas práticas terapêuticas “na periferia dos

grandes centros e talvez, mesmo nos grandes centros, mostra que a medicina popular não é um fenômeno limitado unicamente às regiões rurais ou isoladas” (Loyola, 1984, p.4). Ao contrário, “ela não só é extremamente praticada no meio urbano como constitui uma alternativa e faz concorrência à medicina oficial, considerada pelas classes dominantes e por aqueles estudiosos como a única legítima” (Loyola, 1984, p.4).

Pode-se dizer que a permanência da medicina popular nos grandes centros urbanos brasileiros está ligada ao fato de seus praticantes serem “muito mais próximos e acessíveis que o profissional, cujos serviços têm preços que os transformam em mercadoria proibida para o grosso da população” (Nava, 1949, p.131).

Um outro aspecto importante da obra médica de Nava é a consciência da realidade brasileira que, segundo ele, desde a colonização caracterizava-se “pela falta de médicos de um lado e abundância de doenças de outro” (Nava, 1949, p.125). Assim, ao se propor a escrever a história da medicina brasileira, Nava traça um verdadeiro panorama do problema da higiene pública e da saúde no Brasil e transforma sua obra médica em “documento para as relações medicina e sociedade brasileira no período de 1890-1940” (Vale, 2001, p.61) do mesmo modo que nas *Memórias* buscará reconstituir o Brasil das primeiras décadas do século XX.

Parte II

O médico que se cura

Escrever memórias: uma necessidade freudiana
de fazer a catarse, a confissão.

Pedro Nava

*On calme, on use ses chagrins en les confiant.
Peut-être en écrivant cette histoire de ma vie, me
débarrasserai-je des souvenirs qui m'obsèdent...*

Marcel Proust

A obra memorialística de Pedro Nava

Por causa da medicina, contive muito tempo o que havia de literário em mim. Mas minhas memórias estouraram feito aneurisma.

Pedro Nava

A segunda parte deste trabalho visa analisar a obra literária de Nava como uma continuação de sua obra médica. Não se pretende aqui rastrear tudo o que já foi dito e escrito sobre as *Memórias*, mas antes, chamar a atenção para os títulos sugestivos de trabalhos acadêmicos, artigos e livros que fizeram delas seu objeto de estudo. Constata-se uma grande variedade de pontos de vista, uma diversidade de assuntos que, no entanto, convergem para um ponto de união, isto é, a obra memorialística de Nava.

Há trabalhos acadêmicos, teses e dissertações sobre a obra naveana: neste grupo, alguns priorizaram o processo de construção do texto, como por exemplo *A escrita frankenstein de Pedro Nava* (Celina Fontenele Garcia) ou *O processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra Beira-mar e Pedro Nava e a construção do texto* (Edina Panichi); outros analisaram as entranhas do texto memorialístico como *Vísceras da memória* (Antônio Sérgio Bueno), *Espaços da Memória* (Joaquim Alves de Aguiar) e *A solidão povoada* (Monique Le Moing); há aqueles que preferiram trabalhar com o gênero memorialístico como *Memórias Videntes do Brasil* (José Maria Cançado), *As Memórias Indiciárias de Pedro Nava. Entre a História, a Autobiografia e a Ficção* (Maria Luiza Medeiros Pereira) ou ainda destacaram um aspecto predominante como, por

exemplo, *Um Homem no limiar:sobre a Morte na obra de Pedro Nava* (Ana Cristina Chiara) e *O Desejo e a Morte nas Memórias de Pedro Nava* (Marta Campos).

Alguns títulos de artigos escritos por especialistas revelam que as *Memórias* interessaram estudantes, professores, escritores, poetas e críticos de renome: “Móvil da memória” (Davi Arrigucci Jr.), “Baú de Surpresas”, “Nava e o Chope entre Amigos” (Carlos Drummond de Andrade), “Poesia e Ficção na Autobiografia” (Antonio Candido), “A página do lado” (Flora Süssekind), “O memorialista como colecionador” (Marília Rothier Cardoso), “Pedro Nava, o risco da memória” (Eneida Maria de Sousa), ou ainda “Uma categoria de Investigação: A Saudade” (Margarida Salomão). Há, finalmente os amigos que também se manifestaram para homenageá-lo “Pedro Nava” (Otto Lara Resende), “Homenagem a Pedro Nava (Afonso Arinos), “Nava” (Manuel Bandeira), “Correspondente Contumaz. Cartas a Pedro Nava” (Mário de Andrade), “Nava e o Rio” (Rachel Jardim), “Uma boa lembrança” (José Mindlin) além de vários poemas dedicados a ele: “Balada de Pedro Nava” (Vinícius de Moraes), “Pedro Nava a partir do nome” (Carlos Drummond de Andrade), “A Pedro Nava” (Nogueira Moutinho), “Naveana do Galo-das-Trevas” (Luiz Carlos Guimarães), “Um poema para Pedro Nava” (Alphonsus de Guimaraens Filho) entre muitos outros. Tem-se, assim, uma amostra dos trabalhos e a confirmação que sua obra memorialística é tema central da maioria dos estudos.

Em busca de um tempo perdido

As *Memórias* começaram a ser publicadas em 1972, com *Baú de Ossos*, livro rigorosamente estruturado em quatro capítulos. Dois falam sobre os antepassados de Nava e os dois outros, sobre a sua infância, terminando na morte de seu pai, fato que mudou a vida da família. *Balão Cativo* (1973) dá continuidade ao primeiro volume e começa relatando a mudança para Juiz de Fora e a instalação da família na casa de sua avó materna. O primeiro capítulo relata esse período, de 1911 a 1913, que marcou Nava pelo resto da vida. Essa época retrata a dura experiência da rejeição familiar pois, tanto ele quanto sua mãe e irmãos, eram desprezados pela avó. O segundo capítulo narra a mudança para Belo Horizonte, logo depois da morte de sua avó, a vida no Ginásio Anglo Mineiro, nos anos de 1914-1915. O terceiro capítulo refere-se ao ano de 1916, quando o adolescente muda-se para o Rio de Janeiro para cursar o secundário no Colégio Pedro II e descreve sua convivência com os tios Alice e Antonio Sales. O quarto capítulo começa a narrar sua experiência de aluno do célebre colégio público, criado durante o Império. Os três primeiros capítulos de *Chão de Ferro* (1976), terceiro volume das *Memórias*, continuam o relato do período no colégio Pedro II enquanto o quarto capítulo relata a volta de Nava para Belo Horizonte e seu ingresso na Faculdade de Medicina em 1921. *Chão de Ferro* apresenta uma configuração diferente dos volumes anteriores e contém três anexos. São textos curtos e aí está incluída a crônica “Evocação da Rua da Bahia”, que foi publicada anteriormente em 1953, no jornal *Correio da Manhã*.

O quarto volume, intitulado *Beira-mar* (1978), refere-se ao período de 1921 a 1928 e corresponde à sua formação médica e literária. Apesar do título evocar o Rio de

Janeiro, todos os acontecimentos referidos passam-se em Belo Horizonte. A expressão *Beira-mar* foi sugerida por Lúcio Costa, como mostra o anexo III de *Chão de Ferro* e remete “ao desejo de deixar a capital mineira e seguir para o Rio” (Aguiar, 1998, p.44).

Galo das Trevas (1981) e *Círio Perfeito* (1983) são os últimos volumes e correspondem ao relato da sua vida profissional. Nesses dois volumes, a narrativa passa a ser na terceira pessoa através de Egon, uma espécie de duplo de Nava. Há ainda *Cera das Almas* que abrangeria os anos de 1945 a 1947, que ficou inacabado e foi publicado em 2006.

As *Memórias* estruturam-se de maneira bastante equilibrada. *Baú de Ossos* e *Balão Cativo* falam dos antepassados e de sua infância; *Chão de Ferro* seria o livro de sua adolescência; *Beira-mar*, livro-eixo, corresponde à passagem da vida de adolescente à vida adulta e relata sua formação médica e literária; *Galo das Trevas* e *Círio Perfeito*, os livros de sua maturidade. *Cera das Almas* anuncia sua morte.

Formação do médico-escritor

Em 1972, com a publicação de *Baú de Ossos*, Pedro Nava tira a máscara do médico e vai assumir plenamente, sem disfarces, o seu amor oculto pela literatura. Durante quarenta anos a medicina – usando as palavras de Tchécov – foi sua esposa e a literatura, sua amante. É assim que, ao aposentar-se, Nava vai concentrar toda sua energia literária na escrita memorialística: “Por causa da medicina contive muito tempo o que

havia de literário em mim. Mas minhas memórias estouraram feito aneurisma” (Nava, Entrevista *O Estado de São Paulo*, 17/12/72).

Os anos 20 correspondem ao período de formação tanto do médico, quanto do escritor, em Belo Horizonte. O ano de 1921 marca sua entrada na Faculdade de Medicina; no ano seguinte, Nava conheceu Carlos Drummond de Andrade, através do amigo Aníbal Machado e em 1924, já por intermédio de Drummond, é apresentado a Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros, na famosa visita dos modernistas de São Paulo a Belo Horizonte. Nessa época, Nava fazia parte também do “Grupo do Estrela”, nome que se dava aos rapazes do Modernismo mineiro que se reuniam no Café Estrela de Belo Horizonte e era constituído, a princípio, por Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade: “Foi por causa deles que fomos nos conhecendo e tornando-nos amigos Abgar Renault, Mário Cassasanta, Aníbal Machado, João Alphonsus de Guimaraens, Gabriel de Rezende Passos (...)” (Nava, 1978, p.175). O *Grupo do Estrela*, sem dúvida, alargou o horizonte de leitura do jovem literato enriquecendo, assim, sua já extensa cultura humanista. Nesse mesmo período, escreveu poemas, publicados esparsamente, e dedicou-se também à pintura e ao desenho.

Desenhista talentoso, Nava ilustrou *Folhas que caem*, livro de poesias de Batista Santiago em 1921, fez três desenhos para *Juiz de Fora, poema lírico* de Austen Amaro (1925), oito guaches para a edição de *Macunaíma* de Mário de Andrade (1929) e três aquarelas para *Roteiro lírico e Ouro Preto* (1937) de Afonso Arinos de Melo Franco. Sua formação literária desenvolveu-se paralelamente à sua formação médica, o que, seguramente, contribuiu para sedimentar sua dupla atividade de médico e escritor,

tornando-as complementares e indissociáveis: “Minha obra literária não deixa de ser obra de médico” (Nava, entrevista à *Revista Veja*, 17/04/1974).

Um fato importante para a vida do grupo do *Estrela* “foi a visita, logo depois da Semana Santa de 1924, da caravana paulista” (Nava, 1978, p.183). A convite de Drummond, Nava foi “ver os paulistas no Grande Hotel”:

Este contato de Cendrars, Tarsila e dos dois Andrades conosco, deu-nos a consciência de nossa posição e de sua possível importância – se atuássemos vivamente. A correspondência de Mário de Andrade para nós dá a confirmação do que afirmo, ao mesmo tempo que da preponderância do admirável autor de *Macunaíma*, na evolução posterior de nossas idéias e nossa ação”(Nava 2003 B, p.34).

A simpatia por Mário de Andrade foi imediata: “quando o vi no Grande Hotel, senti de estalo a imensa simpatia, a amizade em estado nascente e a enorme influência de sua personalidade sobre o raro que eu escreveria em moço e o demais que venho fazendo depois que passei da idade” (Nava, 1978, p.192). Ao descrevê-lo, Nava enuncia

o mundo de coisas que foi esse diabo d’homem: foi primeiro músico. Aluno de música e professor de música. Além disso e coisa diferente o musicólogo insigne e crítico dessa arte no grande sentido. Seu historiador. (...) Trouxe (a música) inteira como contribuição presente em toda sua poesia. Filósofo na amplitude do termo foi psicólogo, filólogo, esteta da língua, glotólogo dono dos mistérios da palavra, folclorista a que não escapou nenhum detalhe de nossa cultura (Nava, 1978, p. 192).

Ao falar de *Macunaíma*, Nava descreve “este caldo de cultura onde fermentaria aquela anedota imensa e prodigiosa que será sempre rapsódia hino nacional desse Brasil que se congrega e separa, se junta e se despedaça como no complexo de depeçagem de seu autor” (Nava, 1978, p.193).

Em 1925, Nava participou como autor de alguns poemas e colaborou, ao lado de Francisco Martins de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e

Gregoriano Canedo, na criação de *A Revista*, que divulgava as novas estéticas do grupo modernista:

Seu aparecimento, em julho de 1925, marca data histórica na nossa literatura. Tanto a do estado como a nacional. Seu interesse é extraordinário não só porque revelou ao Brasil a existência de um grupo característico e atuante, como deu a esse próprio grupo a consciência de sua força e de seu valor (Nava, 1978, p.210).

A influência modernista

O Modernismo foi extremamente importante para a obra de Nava e funciona como um lugar para onde “convergem as linhas da vida do aprendiz de médico e de escritor” (Aguiar, 1998, p.172). No Brasil, por falta de modelo próprio, diversas áreas do conhecimento, dentre elas a medicina e a literatura, sofreram influência européia e, sobretudo, da França que ditava os modelos a serem seguidos. Entretanto tal situação destinava-se apenas às classes privilegiadas da população que vivenciaram de certa forma um processo de assimilação à cultura européia. O Modernismo vai romper com esse modelo ao inaugurar uma nova fase, ao mesmo tempo de nacionalismo e assimilação das contribuições externas, num movimento dialético criador. Isso é visível na obra de “Mário de Andrade e de Oswald de Andrade, que fundiu em alta temperatura a psicanálise, o primitivismo dos vanguardistas europeus, o quebra-quebra dos dadaístas, para definir posições tão brasileiras que parecem conter apenas os sucos da terra” (Candido, 2002, p.118-119). Daí a importância da doutrina de Oswald de Andrade da “Antropofagia”, apresentada no manifesto de 1928 que, de certo modo, identifica o

processo da nossa cultura à devoração ritual dos canibais do período de colonização: “devorar a Europa, incorporando-a de tal forma que os seus valores se tornem o nosso sangue, dissolvendo-se na economia profunda do organismo nacional” (Candido, 2002, p.119).

Segundo Haroldo de Campos, a “Antropofagia não envolve uma submissão mas uma transvalorização capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução” (Campos, 1981, p.10). Nava, sendo grande admirador da cultura européia, sobretudo francesa e, ao mesmo tempo, fruto de uma formação modernista, utilizou o modelo europeu como referência mas devorou-o antropofagicamente como queria Oswald de Andrade. Veja-se esta passagem de *Baú de Ossos*:

(De Genoveva de Brabant) tenho recordações pessoais e não as recordações de Proust. Recordações que não posso sacrificar porque o último também as teve. Não as roubei. Como também não roubei o que escrevi (...) sobre as analogias do solo desigual da casa de minha avó paterna – oscilante sobre as dunas de Fortaleza – e o da Basílica de São Marcos – ondulante às marolas da laguna de Veneza. É a verdade. Para os que acharem que não, que é plágio, safadeza, construção em terreno alheio – eu respondo com um convite à leitura de Afrânio Coutinho na sua introdução à *Obra Completa* de Machado de Assis, edição Aguilar, onde se expõe toda a *teoria do molho* (Nava, 1972, p.306).

Aqui, para descrever suas recordações o memorialista toma como referência o modelo de Proust porém não se trata de “plágio” mas de uma adaptação à sua experiência pessoal.

Nava absorveu e deglutiou as diferentes influências que recebeu, seguindo o ritual antropofágico de Oswald ao devorar criticamente o legado cultural universal e, apesar de em sua obra transparecer sua formação humanista importada, não se trata de uma transposição mecânica e sim, de um ajuste aos seus propósitos, para representar a

sociedade brasileira. Assim, os modelos europeus deixam de ser paralizantes e passam a ajudar a preservação do imaginário brasileiro, por sua vez híbrido e compósito.

Em 1925, no prefácio de *A Revista*, Nava relata os anseios modernistas:

éramos profundamente brasileiros, nacionalistas e tradicionalistas – apesar de nossa posição esteticamente avançada. O que combatíamos eram as ‘tradições tumulares’, os ‘espantalhos acadêmicos’, o passado que nem um museu. Queríamos-lo sempre forte e inspirador do presente e como tanto, delineador do futuro. Renegávamos a ação sapadora dos regionalismos – que víamos com maus olhos (Nava, 2003 B, p.36).

Todavia, “em vez de publicar na década de trinta, como seus companheiros” (Cardoso, 2001, p.35), Nava começa a editar suas *Memórias* em 1972, já em plena revisão crítica do movimento modernista. Para reconstruir as ruínas do passado, o memorialista recua no tempo, mas reavalia o passado com a lente do presente, o que lhe possibilita lançar um olhar crítico sobre aquelas ruínas. E se, por um lado, sua obra “tem o movimento modernista como plataforma de lançamento recuada, geracional e ideológica e os modernistas como seus mais próximos companheiros de viagem”, por outro, ela “desconjunta o projeto modernista por dentro, expandindo-o para fora e também do lado de fora da sua configuração histórico-cultural de origem: é seu deslocamento e anamorfose” (Cançado, 2003, p.64). As *Memórias* podem ser assim consideradas como “a soberba e expansiva exploração de uma linha de fuga que já havia no modernismo”, como se Nava e sua obra “fossem cair adiante do programa do modernismo, num espaço literário no qual já não há modernismo enquanto tal, embora haja imensamente Mário de Andrade” (Cançado, 2003, p.64).

Nos anos 1920, Mário de Andrade reivindicou a sistematização da fala brasileira numa língua própria com o desejo de tornar válida a dicção nacional. Nava, nessa época se correspondia com o escritor modernista e enviou-lhe dois curtos poemas, “Prelúdio número um” e “Educação sentimental”, para que Mário de Andrade opinasse

criticamente. Ele respondeu à carta do jovem poeta e chamou a atenção para “certos abasileiramentos de linguagem”, afirmando que ele estava “fazendo uma criação pessoal demais”, mas confessou que, “de todos os que se puseram a abasileirar a própria fala” achava Nava “o mais pessoal e interessante nesse ponto e o que se parece apenas consigo mesmo e não que esteja influenciado por alguém”. E completou dizendo: “a solução de você tem isso de valiosíssimo que por mais que você empregue termos e modismos caboclos você conserva uma suntuosidade artística na dicção que é eminentemente literária e não oral” (Andrade, 1982, p. 89-90). Essa “suntuosidade artística” explodiria nas *Memórias* quarenta anos mais tarde.

Mário de Andrade sempre se preocupou com a questão da “língua brasileira”, que ele considerava “o estandarte mais colorido da radicação à pátria” (Andrade, 1978, p.244). Alertava para o perigo “de se fazer uma fotografia do falar oral”, quando, na realidade, o que se buscava era “uma organização literária” (Andrade, 1978, p.53-54). Para ele, “a importância de uma organização não apenasmente popular inculta regional” era importante mas, sobretudo, o objetivo maior era uma “organização geral”, incluindo “todos os meios brasileiros burgueses e populares” (Andrade, 1978, p.53-54). Sua influência na formação literária de Nava foi fundamental e a prosa das *Memórias* “parece resultado de uma integração abrangente e literariamente organizada de uma quantidade espantosa de elementos das mais diversas procedências”, onde “termos regionais e coloquialismos, palavrões, estrangeirismos, nomes próprios, palavras esquecidas, vocabulário médico e científico em geral”, se mesclam e se transformam “em um conglomerado de elementos harmoniosamente interligados que fluem e seduzem o leitor, e tudo sem perder a soltura e a naturalidade da fala” (Arrigucci Jr., 1987, p.72-73). Nava

publicou suas *Memórias* “numa linguagem extremamente saborosa, de uma prolixidade que fascina proustianamente o leitor” (Candido, 1989, p.215) e criou um estilo “suntuoso, opulento e vertiginoso”, cuja marca é a mistura de níveis: coloquial e erudito, irreverente e convencional, cômico e sério, escatológico e sublime” (Aguiar, 1998, p.173), que o levou a se considerar “muito barroco, muito excessivo” (Nava, Entrevista *Revista Manchete*, 1984, p.13). Um estilo abarrocado mas “crivado pela experiência modernista, vivida com paixão” (Aguiar, 1998, p.173).

E, apesar de suas *Memórias* serem obra genuinamente brasileira, nelas o local e o universal são colocados lado a lado por se tratar de um escritor sintonizado ao mesmo tempo “com o que melhor produziu a cultura européia e com a cultura do seu país” (Aguiar, 1998, p.173).

Vários procedimentos de linguagem como a enumeração, a hipérbole, o lugar-comum, já esboçados em sua obra médica, vão estourar nas *Memórias*. Merece destaque o uso dos galicismos que Nava utiliza de maneira particular, ao empregar com naturalidade “palavras francesas aportuguesadas tornando-as necessárias à anatomia e ao sentido das frases”, revelando assim seu profundo conhecimento em relação a “uma de nossas culturas matrizes” (Candido, 1989, p.68-69).

No entanto, não se trata, no seu caso, “do hábito *snob* e colonial predominante no primeiro quarto do século XX, de intercalar a palavra ou a frase francesa, deixando-as intactas como pedras preciosas” (Candido, 1989, p.69). Ao contrário, Nava vai devorá-las antropofagicamente e incorporá-las de tal forma que elas deixam de ser ornamento.

Seguem alguns exemplos de *Baú de Ossos* (Nava, 1972) e *Chão de Ferro* (Nava, 1976)) seu *enlisamento* nas camadas do povo (Nava, 1972, p.152); depois *estompavam-se*

(Nava, 1972, p.233); *enjambando*, pulando e passando (Nava, 1972, p.306); *rebondissava* em pulos (Nava, 1972, p.341); *assomando* a bengaladas, damas em chamas (Nava, 1972, p.207), mais viva e *tremblotante* que bunda de moça e seio de menina (Nava, 1976, p.101), no Rio a doença *surpassou-se*, e derrubou (Nava, 1976, p.201), mas conservados, ele apenas grisalhando, *bedonando* (Nava, 1976, p.258). As frases estão desligadas do período completo pois interessa aqui revelar apenas a simbiose operada entre as duas línguas em Pedro Nava. Esse procedimento permitiu-lhe brincar com as palavras, escolhê-las, criá-las, combiná-las, tornando-as fundamentais para a composição e o ritmo de seu texto.³

O trabalho da citação

Falar de si com as palavras dos outros
é uma operação mágica

André Bolzinger

O reencontro consigo mesmo exigia que o memorialista abrisse seu baú para dele retirar seus antepassados, amigos, inimigos, professores, colegas e conhecidos que ele transformou em personagens para construir suas *Memórias*. A forma de sua escrita memorialística assemelha-se ao que Michel Foucault denominou *hypomnemata* isto é,

³ Ver artigo de Agenor Soares dos Santos *Francês e Francesismos em Pedro Nava*, Suplemento Literário de Minas Gerais, n.728, 13 set. 1980. Ver também de Antonio Candido “Poesia e Ficção na Autobiografia” in: *A educação pela noite e outros ensaios*, 1989, p.69).

“livro de vida onde eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunho ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória (Foucault, 2002, p.135).

E, do mesmo modo que os *hypomnemata* não constituem uma “narrativa de si mesmo” (Foucault, 2002, p.137), as *Memórias* não são um simples relato de vida mas uma construção, uma ‘constituição de si’, porque seu movimento visa “captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler; pela recorrência do discurso, pela prática citacional” (Foucault, 2002, p.137-138). Um livro de memórias é construído também com a memória dos outros, com o que se leu e ouviu, sendo permitido que outros relatos, outros textos, contaminem o texto do memorialista.

Este procedimento de recorrer ao “já-dito” foi o que Nava utilizou para escrever as histórias da história da medicina. De fato, o trabalho do historiador consiste em “constituir uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas e oferecê-las assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação” (Foucault, 2002, p.135).

Em sua obra médica Nava “se entusiasma com aquilo que outros já fizeram” (Adorno, 1986, p.168), do mesmo modo que, ao se decidir a escrever memórias, ele lança mão não apenas de documentos e histórias vividas mas enriquece seu texto com suas leituras. As referências a obras literárias, a escritores, poetas e pintores compõem um extenso material que Nava arquivou e assimilou ao longo da vida. Esse material acumulado permitiu-lhe, não apenas reconstruir o passado através de várias vozes, mas conferir uma enorme pluralidade ao texto porque o memorialista não se limita a resgatar apenas sua história pessoal, ele aparece como um espectador vivo de seu tempo.

As *Memórias* representam uma possibilidade de dar vazão ao que foi retesado. Para isto, o memorialista, ao mesclar suas experiências vividas aos acontecimentos históricos, ao recorrer às artes plásticas, à Medicina, a testemunhos e a leituras pessoais cria uma verdadeira rede interligada na qual vários assuntos se conectam para representar uma época. Nava convida o leitor para uma viagem no tempo tendo como guia um narrador que domina muitos saberes e que, apesar de remeter ao passado, devolve a narrativa ao presente, conferindo à sua obra uma forte impressão de modernidade. Nesta trajetória o papel de sua leitura vasta e diversificada foi fundamental. Paralelamente, sua escrita parece se organizar através do trabalho da citação que representa o ponto de fusão da leitura e da escrita.

A prática da citação foi extremamente utilizada em sua obra médica e não poderia ser diferente já que, para Nava, o historiador da medicina deveria transitar em todas as áreas do conhecimento, ser um humanista que “busca suas fontes em documentos de várias naturezas” (Nava, 1949, p.7). Assim, apesar de a história da medicina ser o tema dominante desta obra, o leitor reconhece, em algumas passagens, a presença do futuro memorialista que mescla sabiamente ciência e literatura.

Finalmente, ao aposentar o médico, o escritor dos anos 20 não mais precisará se esconder e retorna à cena em grande estilo, encontrando nas memórias o gênero de expressão que lhe permitiria abrir as comportas e deixar fluir tudo o que foi retido durante quase 50 anos. Assim, as *Memórias* representam um lugar apropriado para o memorialista tratar de assuntos diversos, tempos remotos, uma infinidade de lugares que conheceu e de pessoas com quem conviveu ou apenas ouviu falar. Apesar da grande diversidade de temas e histórias abordados, o narrador não se perde e se guia por fios

condutores que organizam o texto e unificam sua obra, transformando a multiplicidade em unidade.

A literatura é uma dessas linhas mestras que conduzem seu relato. Nava sempre se disse um amante dos livros e, quando decidiu escrever, naturalmente lançou mão de seu profundo conhecimento da literatura e transformou suas leituras em escrita, o que lhe permitiu dialogar com “o texto de escritores com os quais se identifica” (Garcia, 1997, p.70). Nava afirma e reafirma constantemente a convergência de grandes escritores sobre suas memórias. Estão presentes em sua obra referências, citações, epígrafes, alusões, paródias de autores como Baudelaire, Rabelais, Rimbaud, Malraux, Anatole France, entre muitos outros, e especialmente Marcel Proust, eleito como guia quando o assunto é memória. Proust é citado sistematicamente nos seis volumes e é uma influência que Nava não nega, antes proclama.

O escritor francês é um dos modelos que o memorialista adota, repetindo a atitude do próprio Proust que sentia um grande prazer em fazer pastiches de seus autores preferidos, como uma maneira de penetrar nesse autor, no seu modo de se ver e de ver o mundo. No caso das *Memórias*, não se trata de *mimesis* porque o texto do memorialista é gerado por uma intertextualidade ativa que não é repetição. Ler é tentar recriar em si o que sentiu um autor escolhido, nascendo dessa recriação, o prazer da leitura. Para Proust a leitura criativa não é passiva e Nava oferece o modelo de um leitor ideal, que tem a habilidade de imprimir sua marca na “construção que elaborou com a ajuda de material alheio” (Sénèque, 1990, p.63).

Segundo o autor da *Recherche*, a leitura pode ser positiva ou negativa. Positiva quando é incitadora, “cujas chaves mágicas nos abrem do fundo de nós mesmos, a porta

de lugares que jamais teríamos sabido penetrar, exercendo um papel saudável em nossas vidas” e negativa “quando a leitura torna-se perigosa e ao invés de nos despertar para a vida pessoal do espírito, ela se substitui à vida” (Proust, 1993, p.41). A literatura torna-se algo em movimento, que exige um trabalho ativo e criador da parte do leitor.

Quando começa a escrever as *Memórias* Nava passa de leitor a escritor e, apesar de não negar a influência de Proust em sua obra, absorveu o modelo estrangeiro antropofagicamente fazendo não cópia de uma cultura importada mas uma obra brasileira feita de elementos que conferem à sua escrita a dignidade da reconstrução. Em outras palavras, “não deixemos intactas as leituras que absorvemos mas tratemos de digeri-las” (Sênèque, 1990, p.62). Pode-se dizer que Nava digeriu a obra proustiana ao longo de suas releituras, “o Proust eu li e reli e continuo a ler e a reler” (Nava, Entrevista *Revista Status*, janeiro 1977, p.11-16), “já li de fio a pavio umas sete vezes” (Nava, Entrevista *O Estado de São Paulo*, 15/02/1981) e mesmo se nas *Memórias* reconhecemos “a origem, o resultado teve um gosto diferente” (Sênèque, 1990, p.62). O que nos faz concordar com Antônio Dimas quando disse: “Pedro Nava haverá de funcionar como um fantasma benéfico, um referencial para aqueles que pretenderem trilhar o caminho do tempo perdido” (Dimas, *O Estado de São Paulo*, 18/09/1976).

Sêneca também via a leitura como uma prática de si e em suas *Cartas a Lucílio* dizia a seu discípulo que “não é possível tudo tirar do fundo de si próprio nem armar-se por si só com os princípios de razão indispensáveis à conduta: o auxílio dos outros é necessário” (Sêneca apud Foucault, 2002, p.138-139). Como considerava a escrita indissociável da leitura, aconselhava “a passar de uma à outra e encontrar um equilíbrio entre as duas: assim, tudo o que a leitura recolheu, a escrita reunirá em uma composição”

(Sénèque, 1990, p.61). Nava bebeu na mesma fonte e rompeu com a noção de autoria ao adotar a intertextualidade como uma forma de contaminar e ao mesmo tempo se deixar contaminar no contato com outras obras. Afonso Arinos, em suas memórias, afirma que “não há assuntos novos em literatura, mas somente uma maneira original de tratá-los” (Arinos apud Garcia, 1997, p.78), o que é confirmado por Nava: “Esse portão de ferro prateado, eu o abro com as mesmas chaves da memória que serviram ao nosso Machado, a Gérard de Nerval, a Chateaubriand, a Baudelaire, a Proust” (Nava, 1972, p. 303). Mesmo sendo originais, as *Memórias* não escondem o trabalho invisível e constante das inúmeras leituras sedimentadas e adormecidas mas prontas para reviverem a cada vez que o próprio texto as desperta. Às vezes elas são chamadas, como se o memorialista quisesse retribuir o prazer que lhe proporcionaram durante toda a vida; em outros momentos, elas vêm auxiliá-lo ou simplesmente ilustrar seu texto e mais freqüentemente fazem companhia ao narrador em sua viagem solitária ao passado. Assim, não admira o lugar de destaque que ocupam em sua obra as referências a escritores e poetas e, sobretudo, o grande uso de citações.⁴

Antoine Compagnon, em seu livro *La seconde main ou le travail de la citation*, a define como “um corpo estranho num texto porque não me pertence, porque me apresso dela (...) uma cirurgia estética em que sou ao mesmo tempo o esteta, o cirurgião e o paciente” (Compagnon, 1979, p.31-32). A metáfora de Compagnon aproxima o trabalho do médico ao do escritor, permitindo uma comparação entre os atos de cortar, costurar e dissecar do anatomista com o trabalho do memorialista que também corta, cola e organiza

⁴ Para um estudo mais aprofundado sobre o trabalho da citação na obra naveana ver *A Solidão Povoada* de Monique Le Moing e *A escrita Frankenstein de Pedro Nava* de Celina Fontenele Garcia.

para construir sua escrita. O processo de colar citações “é uma espécie de cirurgia, que pressupõe a retirada de determinado fragmento de um corpo e seu implante em um outro” (Bueno, 1997, p.127), cujo resultado vai depender da habilidade do cirurgião-escritor. Ser cirurgião era o sonho do jovem médico Nava que não o realizou porque “naquele tempo a cirurgia estava nas mãos de poucos, enfeudada completamente. Só era acessível a um amigo, ao filho, ao parente de cirurgião” (Nava, Entrevista a Remy Gorga Filho *Jornal do Brasil*, 4/11/1972), e por isso optou pela Reumatologia, “a especialidade que mais tende a combater o que degrada a beleza do corpo humano” (Nava, Entrevista a Remy Gorga Filho, *Jornal do Brasil*, 4/11/1972).

Mas quando se aposenta, o médico se recolhe para libertar o escritor reprimido que, em troca vai realizar o velho sonho, transformando-se em hábil cirurgião das palavras. Toda a “carga agressiva do moço que quis ser cirurgião” (Nava, Entrevista a Remy Gorga Filho, *Jornal do Brasil*, 4/11/1972) transferiu-se para o velho memorialista que, realizando uma verdadeira “operação médico-cirúrgica”, enxerta citações em seu texto com a destreza de cirurgião plástico que “não exhibe suas suturas” (Bueno, 1997, p.133).

Os exemplos de citações em sua obra tanto médica quanto memorialística são muitos. Veja-se esta passagem de *Chão de Ferro*:

Ah! Chão prodigioso, tinto de todas as gradações! Partindo dos graves de trombone do marrom até às clarinadas amarelouro do petit pan de mur de Vermeer de Delft que é como chama de nastro ardente e ondeado de cabeleira pré-rafaelita ou, então, cintilação posta pelos mestres venezianos no penteado das doggarezzas (Nava, 1976, p.139).

O exemplo, além de evidenciar sua cultura, mostra que a pintura constitui elemento fundamental para o memorialista como suporte complementar para sua escrita. Para que o leitor visualize o tom exato da cor que quer evocar, Nava lança mão do

famoso quadro de Vermeer, que tanto impressionou Proust, além de aludir à pintura italiana. Tal como em uma cirurgia, o escritor experiente enxerta no corpo do seu texto a frase proustiana que se integra, sem rejeição, ao novo contexto.

Nava transita entre a citação epigráfica e a citação integrada ao texto. A epígrafe é “a citação por excelência” (Compagnon, 1979, p.337) e tem várias funções:

primeiramente de explicar o texto, explicitar seu sentido. Uma segunda função consiste em comentar o texto, do qual ela sublinha ou precisa indiretamente a significação e a terceira diz respeito à identidade do autor e ao efeito indireto que sua presença determina num texto, isto é, a função de legitimação: é um sinal, um índice da cultura do autor (Garcia, 1997, p.82).

As epígrafes utilizadas pelo médico-escritor explicam seu texto e constituem um fio condutor para o leitor. Elas são o resultado de suas leituras e procedem de obras brasileiras, portuguesas, inglesas e francesas, de definições de dicionários, do *Gênesis*, da História, de médicos, enfim de tudo o que lhe pode ser útil. Nava utiliza o exergo: “citar antes de começar é dar o tom deixando ressoar algumas palavras cujo sentido ou forma deveria dominar a cena” (Derrida, 2001, p.17). Assim, *Território de Epidauro* começa com uma epígrafe explicativa:

Ficavam esses Templos em pontos cercados por florestas verdejantes, regados por águas frescas e soprados por ventos favoráveis. Em busca da pureza dos ares, da virtude das águas e da excelência dos lugares, – as multidões, desejosas de saúde e ávidas de cura, acorriam a Pérgamo e a Cós, às portas de Titania e ao território de Epidauro (Nava, 1947, p.7).

Nava remonta às origens gregas da Medicina revelando seu interesse pelo passado e, ao resgatar o sentido mítico e sagrado do templo do deus da Medicina, retorna ao lugar de origem da profissão que escolheu, colocando-se como descendente de Asclépio, o primeiro médico da humanidade. Esse retorno à Grécia evoca também Hipócrates, o Pai da Medicina, descendente de Asclépio, que Nava admirava tanto por sua formação

humanista, como pelo seu grande conhecimento da filosofia. Neste livro, a epígrafe introdutória anuncia seu tema, a história da medicina, e revela a cultura do autor.

Nas *Memórias*, as epígrafes são numerosas; algumas são colocadas em exergo em posição estratégica no início de cada volume, no início de cada capítulo e outras espalhadas por todo o texto explicando, justificando o trecho que virá ou legitimando o autor.

A primeira epígrafe de *Baú de Ossos*, cujo título é o do poema *Profundamente* (epígrafe e poema transcritos do livro *Libertinagem* de Manuel Bandeira), revela as intenções do memorialista “de reconstituir o passado pela revivificação da memória do escritor. *Profundamente* tem uma relação direta com o gênero de escrita, com o tema e com o objeto de sua escrita” (Garcia, 1997, p.80-81), isto é, a morte e seus mortos.

Às vezes, a epígrafe serve também como escudo protetor. Em *Beira-mar*, por exemplo, Nava prepara o leitor e se defende de possíveis críticas com duas epígrafes para anunciar que sua única intenção é testemunhar: “Je n’ai pas dénigré mes ennemis, je n’ai pas loué mes amis, j’ai dit leur conduite envers moi” (Eugène Sue, *Mathilde*) e logo em seguida: “Um livro de memória não tem lugar para piedade” (Ribeiro Semente sobre o livro de Brousson: *Anatole France en pantoufles*).

Além da citação epigráfica, Nava utiliza sistematicamente a citação integrada, o que permite dizer que seu texto é construído de fragmentos, de referências, de citações que foram absorvidas e transformadas pela escrita, como neste exemplo de *Baú de Ossos* que trata de uma explicação sobre a memória:

Duas coisas sucedem ou são feitas no mesmo dia. Entretanto o tempo igual passa desigual sobre cada.(...) É por isto que Proust dizia que nossa memória habitualmente não dá lembranças cronológicas – *mais comme un reflet où l’ordre des choses est renversée*...(Nava, 1972, p.306)

Segundo Foucault “é a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve” (Foucault, 2002, p.144). Este parece ser o caso de Nava que assimilou de tal forma a obra proustiana que a frase em francês é absorvida e se insere naturalmente no texto do memorialista, formando com ele um todo indivisível.

O Correspondente Contumaz

O título refere-se à correspondência entre Pedro Nava e Mário de Andrade entre 1925-28 e 1943-44, somando no total 12 cartas. Durante os anos 20, ainda estudante de medicina, em Belo Horizonte, Nava enviava poemas e desenhos a Mário, que se colocava na posição de crítico. É deste modo que, ainda “aprendiz de poeta e desenhista” (Andrade, 1978, p.12), Nava inicia sua formação, e apesar de talentoso, os conselhos e críticas de Mário de Andrade vão contribuir, de maneira decisiva, para seu amadurecimento. As cartas enviadas por Mário de Andrade a Nava, entre 1925 a 1944, foram publicadas em *Correspondente Contumaz*, livro que afirma a influência e a importância do modernista na formação do jovem escritor:

Para mim foi, é, será o Mário de Andrade permanente, o dos sempre, um destes poucos homens a quem na vida real dei o título de Mestre. Minha tolerância, meu não-moralismo, minha libertação, minha liberdade nasceram dele e de seu filho *Macunaíma* (Nava, 2003 B, p.37).

Nava coloca Mário de Andrade como Mestre de toda sua geração: “sua amizade serviu para ditar-lhe cartas que espalhou pelo Brasil ensinando seus moços. Estava sempre de braços abertos sempre pronto para a palavra pedida” (Nava, 1978, p.193).

A correspondência entre o jovem estudante e “o intelectual renovador, maduro, criador, messiânico e habitante da *paulicéa desvairada*” (Andrade, 1982, p.13), tem valor documental e revela o universo de preocupação de Mário de Andrade: “música, modernismo, literatura, etnologia, folclore, artes plásticas, religião, doença, política cultural, patrimônio histórico, trabalho intelectual, biografia, fatos diversos” (Andrade, 1982, p.18-19), testemunhando um momento cultural brasileiro. Sua influência foi determinante para Nava :

Nesse tempo a minha linguagem, evidentemente, não era minha linguagem. Assim como se fala alemão, inglês e francês, eu, nessa época (a modernista) falava ‘mário-de-andrade’. Eu tinha uma tal influência do Mário que usava todos os modismos, todos os cacoetes, coisas que hoje não usaria mais e coisas que continuo usando (Nava, entrevista a Ricardo Azambuja Arnt, *Ele & Ela*, nov.1977).

Os anos 20 foram decisivos para Nava pois sua formação literária desenvolveu-se simultaneamente à sua formação médica o que, seguramente, contribuiu para sedimentar sua dupla atividade. Medicina e Literatura tornaram-se, assim, “dois compartimentos de uma mesma cultura” (Scliar, 2004, p.9) e da mesma maneira que em sua obra médica percebe-se a mão do escritor, sua obra literária “não deixa de ser obra de médico” (Nava, Entrevista *Revista Veja*, 17/04/1974): “Minhas memórias são um trabalho de médico. Quando, por exemplo, exponho um conceito de melhoria política ou social, estou procurando resolver alguma coisa, curar” (Nava, Entrevista *Jornal do Brasil*, 4/06/83).

Em 1927, ao terminar o curso de Medicina, Nava passa a exercer sua profissão rompendo, assim, aparentemente, com seu passado literário, que parecia enterrado sob o peso do silêncio. Em 1938, entretanto, retorna à cena literária com a publicação de “O Defunto”, dedicado ao amigo Afonso Arinos de Melo Franco, um longo poema que

representa sua manifestação literária mais conhecida depois de sua participação no Modernismo mineiro. O poema funciona como antecipação de uma das grandes questões que Nava desenvolverá e que será o *leit-motif* de sua obra memorialística, isto é, a morte. Seu aparecimento foi como um grito naquele silêncio do escritor.

Em 1947, Nava rompe novamente esse silêncio e publica *Território de Epidauro* sobre a História da Medicina. Esse fato foi motivo de grande alegria para o amigo Drummond, que dizia nunca ter-se conformado de Nava “continuar sem o nome na capa de um livro” (Drummond de Andrade 6/09/1947).

A partir de então, Nava sela definitivamente suas duas faces e não mais separa o médico do escritor. Em 1949 publicou *Capítulos da História da Medicina no Brasil* e durante sua vida médica publicou cerca de 300 artigos sobre medicina. Em 1953 volta à cena ao publicar a crônica “Evocação da Rua da Bahia”, em homenagem ao cinquentenário de Drummond, onde se vê uma amostra do estilo do futuro memorialista dos anos 70.

Estas publicações permitem dizer que, durante o longo período que vai de 1927, ano de sua formatura, a 1968, quando começa a escrever sua obra memorialística, o literato dos anos vinte não abandonou o médico, apenas saiu de cena para situar-se nos bastidores. *Território de Epidauro*, não representa, pois, uma nova ruptura, mas, antes, uma forte interação entre o médico e o escritor.

Sua obra médica contém, em germe, o que Nava desenvolverá nas *Memórias* quase 30 anos mais tarde e deve, pois, ser considerada como indissociável de sua obra memorialística: “Não dissocio nada na minha obra” (Nava, Entrevista a Lourenço Dantas, *Estado de São Paulo*, 15/2/81); “Ser médico ajuda a ser escritor” (Nava, Entrevista

revista *Fatos e Fotos*, 7/11/1976). É, pois, com o olhar do médico que o escritor dá início às *Memórias*:

A influência médica é, em mim, total. Eu não julgo, diagnostico. Eu não aconselho: prescrevo. Eu não ouço nem escuto: ausculto. Eu não olho, nem vejo: inspeciono. Eu não seguro, nem passo a mão: toco, palpo, percuto. Tendo todos os sentidos voltados para o modo de ser médico, minha literatura sofreu inevitavelmente a marca que a profissão deixou em mim” (Informativo Sociedade Brasileira de Reumatologia, 1983).

O arquivista da memória

Nava decidiu escrever suas memórias para “guardar recordações familiares e não deixar que fossem esquecidas”? (Nava, Entrevista à *Revista Status*, janeiro 1977, pp.11-16); para evocar o passado ou “repovoar” sua vida tornada vazia depois da aposentadoria? ou, como ele disse, “simplesmente para contar a (minha) sua vida, o que tinha visto, o que tinha passado, as lutas em que (eu) ele tinha (me) se empenhado”? (Nava, Entrevista *Correio das Artes*, 26/06/1983) ou por todas essas razões? O fato é que, ao aposentar-se, Nava pendura o jaleco do médico e põe-se, finalmente, a escrever:

Quando fui envelhecendo para a medicina e os clientes rareando, resolvi voltar à minha literatura da mocidade. Fazer o quê? Numa geração que já tinha dado em Minas Drummond, João Alphonsus, Emílio Moura. Romance? Numa geração que tinha dado o mesmo João Alphonsus e Ciro dos Anjos? Resolvi: vou contar a história de toda essa gente de cambulhada. Foi assim que me sentei à minha máquina de escrever (Entrevista a Estácio Medeiros, *O Estado de São Paulo, Suplemento Cultura*, 5/06/1983).

A opção pelo gênero memorialístico, provavelmente, está relacionada ao fato de ser este gênero o mais propício para retornar ao passado. Esta escolha permitiu-lhe dar vazão ao enorme material acumulado ao longo de sua vida, ocupando assim na cena

literária brasileira, “o lugar que para ele estava reservado desde os anos 20” (Aguiar, 1998, p.15). Nava sentou-se para escrever a história de toda uma geração, por dentro, como uma história vivida, recuperando a tradição mineira do antigo hábito de contar casos e repetir “as conversas soltas nas varandas ou em torno às mesas de jantar” (Nava, 1947, p. 67). Todavia, observando cuidadosamente seus livros sobre a historiografia médica, percebe-se que sua opção pelo gênero memorialístico já havia sido determinada desde os anos 40 pois *Território de Epidauro* e *Capítulos da história da medicina no Brasil*, podem ser lidos como memórias médicas já que, memorialista congênito, Nava se volta para o passado no intuito de resgatar as crônicas da história da medicina desde seus primórdios, como se fosse buscar as próprias origens. Para isto “iluminou o trabalho e a vida dos grandes mestres do passado, os agentes de sua formação com a mesma paixão com que pintaria nas Memórias os retratos de seus antepassados” (Aguiar, 1999, p.154).

Esse fato é importante e reforça a hipótese de que os livros de Pedro Nava podem ser lidos como uma só obra indivisível e sua obra memorialística ser vista como uma continuação de sua obra médica. Aliás, muitos trechos desses escritos médicos caberiam perfeitamente nas *Memórias* pois são feitos da mesma matéria. Essa veia memorialística está, de certa maneira, associada a seu espírito de colecionador manifestado desde a infância : “gostava de ficar pelos cantos olhando tudo, ouvindo tudo, guardando tudo, tudo. Armazenando na memória os fragmentos de um presente jamais apanhável” (Nava, 1977, p.228 e *Jornal do Brasil*, 7 de janeiro de 1976). O colecionador transformou-se em arquivista de sua própria família; arquivista em todos os sentidos, o que lhe possibilitou acumular um verdadeiro arsenal de guardados que foram transformados em matéria prima para o médico-escritor. Certamente, o fato de colecionar todo tipo de coisa – desde

documentos, quadros, livros, objetos, desenhos, cartas, diários, fotografias, papéis, histórias, receitas de cozinha, bulas de remédio, frases soltas, recortes de jornal e lembranças – permitiu-lhe escrever dois livros sobre a história da medicina brasileira. Do mesmo modo que, mais tarde, ao iniciar a escrita das *Memórias*, ele lança mão dos guardados da família que conseguiu salvar, tornando-se “o proprietário legítimo do espólio” familiar:

Refiro-me ao Major, meu avô materno. (...) Sua mudança foi pretexto dum verdadeiro *branlebas* nos seus guardados e ele passava o dia distribuindo objetos, jogando for a roupas velhas, suas fardas, suas espadas ferrugentas. (...) Chegou a vez dos retratos de família e da papelada do Halfeld. Passava com maços tirados de suas gavetas (...) e despejava tudo nas latas usadas de querosene que nos serviam de lixeiras. Aquela liquidação apertou meu coração. Ousei pedir. Se ele não quisesse mais eu guardava aqueles documentos e os retratos. (...) Sem esse arquivo, eu não teria podido completar a história de minha família matema e seria impossível o *Bau de Ossos*” (Nava, 1978, p.13).

As *Memórias* representaram, talvez, uma válvula de escape para extravasar o que foi reprimido e, suas quase 1300 páginas revelam “a medida da compulsão narrativa do escritor” (Aguiar, 1998, p.30), que intencionou resgatar a história de toda uma época, transformando-se em “herdeiro e transmissor do legado de várias gerações” (Arrigucci Jr., 1987, p.69). Assim, longe de ser fruto da inspiração, a organização da escrita das *Memórias* foi o resultado de “laboriosa pesquisa seguida de mais de uma etapa de organização e articulação do material, cuja versão redigida ainda sofreu numerosas rasuras e reelaborações” (Cardoso, 2003, p.45).

É importante destacar que esse procedimento já havia sido adotado pelo historiador de medicina dos anos quarenta e confirma a hipótese de que sua obra médica

antecipa sua obra memorialística não apenas no método de trabalho mas também na habilidade em unir o olhar médico à mão do escritor.

Memória: entre o esquecer e o lembrar

Escrever memórias significa transitar entre o esquecer e o lembrar. O reencontro com o passado, através da escrita das *Memórias*, exercia também função terapêutica: “Porque a gente, retomando uma lembrança, que é um pouco traumatizante no sentido freudiano, e a transformando literariamente, opera algo semelhante à digestão, à metabolização – é o bife incorporado à nossa carne. Não foi suprimido, foi incorporado” (Nava, Entrevista *Jornal do Brasil, Caderno B* 4/11/1972). Assim, se por um lado a memória tem a função de guardar e conservar, por outro, ela significa libertação:

lembrando estamos provocando esquecimento. Depois de escrito, o que foi ressuscitado estará, então, definitivamente morto. Tenho experimentado isto com a evocação de personagens que me eram odiosos e que depois de fixados por mim no físico que me desagradava, no procedimento que me revoltou – como que falecem na minha lembrança e até adquirem, quando reaparecem, um aspecto indiferente e às vezes quase tolerável (Nava, 1978, p.199).

Deste modo, ao ressuscitar seus mortos através da escrita literária, o memorialista recupera no presente espectros de um passado que ele quer esquecer e só assim poderá libertar-se definitivamente. Libertar-se dos fantasmas significa, além de matar um passado, possibilidade de, ao rever os outros, rever a si próprio já que escrever memórias é, sobretudo, um reencontro consigo mesmo; decifrar o outro é, de algum modo, correr o risco de uma decifração de si. O reencontro com os desafetos transforma-se em vingança, uma oportunidade de “ir à forra”: “Depois que eu fiz a personagem, deixei o defunto

quieto lá no seu lugar” (Nava, Entrevista *Revista Status*, janeiro 1977, p.11-16). Nesse caso, a escrita rememora para poder esquecer definitivamente.

Tal procedimento remete ao ensaio de Freud “Das Unheimlich”. O termo alemão significa “tudo o que deveria permanecer oculto, secreto e que entretanto se manifesta” (Freud, Tomo III, 1981, p.2487), “algo familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão” (Freud, 1976, p.301). Alguns autores consideram *unheimlich* “tudo o que está relacionado com a morte, com cadáveres, com a aparição dos mortos, espíritos e os espectros” (Freud, Tomo III, 1981, p.2498).

Na passagem citada de *Beira-mar*, ao desenterrar seus desafetos, Nava dá oportunidade de vir à luz o que ficou recalçado. Os antigos fantasmas ouvindo a voz da memória são exorcizados à medida que vão ressurgindo das trevas. O texto representa, assim, um espaço especial, um lugar fronteiro, no qual o que estava morto tem a possibilidade de reviver, pois “a ficção é esse espaço-entre, é moldura onde se estruturam os fantasmas” (Brandão, 1996, p.124). As *Memórias* funcionariam como oportunidade de reverde a partir do momento em que a escrita é utilizada como arma de desabafo:

meus rancorizados passam a me pertencer como pertenci a eles no preciso instante em que me ofenderam, humilharam e fizeram sofrer minha infância. Vivos ou mortos eu tenho de suprimi-los o que faço ferindo pela escrita – já que esta é a arma que me conferiu a natureza (Nava, 1978, p.199).

Ressignificar o passado através da escrita possibilita liberar o que estava oculto.

Segundo Freud, essa simbolização pode ter um valor catártico:

é na linguagem que o homem encontra um substituto ao ato, substituto graças ao qual o afeto pode ser ab-reagido quase da mesma maneira. Em outros casos, é a própria palavra que constitui o reflexo adequado, sob a forma de lamentação ou como expressão de um segredo (confissão) (Laplanche e Pontalis, 1967, p.61).

A linguagem é uma arma poderosa para o memorialista:: “Temos dois terrores, a lembrança do passado e o medo do futuro. Pelo menos um, a lembrança do passado, é

anulado pela catarse de passá-lo para o papel" (Nava, 1983, p.412). O termo grego *catharsis* significa purificação. Segundo Laplanche e Pontalis, na catarse “o efeito terapêutico buscado é o de uma ‘purgação’, uma descarga adequada dos afetos patogênicos, permitindo ao sujeito evocar e mesmo reviver os acontecimentos traumáticos aos quais esses afetos estão ligados e ab-reagi-los” (Laplanche e Pontalis, 1967, p.60).

Pode-se dizer que, no caso de Nava, a linguagem funciona como processo catártico e possibilita a cura. Ao “praticar ato de amor com os inimigos – fazendo a terapêutica cirúrgica de seu esquecimento” (Nava, 1978, p.199), ele vai “extirpá-los, amputá-los e erradicá-los” definitivamente através da escrita.

Se, em alguns momentos, porém, a memória tem a capacidade de trazer à tona, em outros, ao contrário, ao invés de lembrar, ela faz esquecer. Às vezes o esquecimento é benéfico e mesmo indispensável:

No que se precisa esquecer, nisto, a memória é exímia. Desvia na hora certa. Duas coisas sucedem ou são feitas no mesmo dia. Entretanto o tempo passa desigual sobre cada. Ao fim de anos, uma parece remota e a outra lateja presente e quando o acaso de nota tomada, de diário escrito, mostra-as do mesmo dia – ficamos varados de pasmo. É por isto que Proust dizia que nossa memória habitualmente não dá lembranças cronológicas: – ... *mais comme un reflet où l'ordre des parties est renversée*...(Nava, 1972, p.304).

Conforme a teoria freudiana, “a economia psíquica equilibra-se entre o “princípio do prazer” ou da preservação – a força dos *arkhai* – e a “pulsão destruidora”, a força do esquecimento” (Derrida, 2001, p.22-23). Transitando entre o esquecer e o lembrar, o resgate do passado representa sempre uma falta pois é impossível recuperá-lo como foi. O trabalho de restauração do memorialista, que constrói seu texto com os fragmentos do que restou, é semelhante ao processo da memória que também é sempre facetada, “é um

cabedal infinito do qual só registramos um fragmento (Bosi, 1998, p.39). Tal processo pode, às vezes, ser irritante e doloroso e exige muita paciência e persistência do escritor de memórias, já que não depende da sua vontade: “às vezes não adianta violentar e *querer* lembrar. Não vem. A associação de idéias parece livre, solta, mas há uma coação que a compele e que também nos defende” (Nava, 1972,304).

Assim, a memória é construída sobre estes dois movimentos antagônicos e complementares e desempenha um duplo papel: trazer para o presente o que restou do passado e principalmente preparar o futuro: “Sem ela, teríamos medo do futuro como de um *grande buraco*” (Tadié, Jean Marc e Tadié Yves, 1999, p.11). Isto porque a memória é imaginativa e “longe de ser um reservatório de lembranças intactas, nós reconstituímos e transformamos, insensivelmente mas sem cessar, nosso passado em função de nossa personalidade presente e de nossa projeção para o futuro” (Tadié, Jean Marc e Tadié, Yves, 1999, p.15).

Se, por um lado, “lembrar provoca o esquecimento”, como deseja o memorialista, por outro, “*esquecer* é fenômeno ativo – *esquecer* é capítulo da memória e não sua função antagônica” (Nava, 1972, p.304). Para Supervielle, o esquecimento “é o anjo que vela sobre a livre circulação de nossas imagens e escolhe entre as que nos convêm e as outras” (Supervielle apud Tadié, Jean Marc e Tadié, Yves 1999, p.230). O esquecimento funciona, nesse caso, como véu protetor que busca evitar a dor e o sofrimento, o que permite retomar e completar a citação de Nava: “a memória é exímia. Desvia na hora certa e suprime o couro, para evitar o divã de couro empapado de lágrimas” (Nava, 1972, p.304).

Tal afirmativa coaduna-se com o texto de Freud “Além do princípio de prazer”, no qual ele estabelece uma correlação entre a memória (entendida como memória involuntária) e a consciência. Segundo Freud, “a resistência do ego consciente e inconsciente funciona sob a influência do princípio de prazer; ela busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido” (Freud, 1974, p.33). Nesses momentos, a memória age como o aparelho psíquico e exerce uma função protetora.

O prazer de escrever mistura-se com a angústia de escrever: “fazer memórias é um ato extremamente sofrido. Não é um deleite. É torturante a evocação de duendes, coisas passadas. Não é agradável remexer no baú de ossos” (Nava, Entrevista *Jornal da Bahia*, 4/08/1976).

É importante fazer a distinção entre memória e lembrança: “enquanto a memória tem por função proteger as impressões, a lembrança visa a desintegrá-las. A memória é essencialmente conservadora ao passo que a lembrança é destruidora” (Reik apud Benjamin, 1979, p.156). O texto do memorialista representa um espaço fronteiro e vai ser construído, por um lado, a partir de fragmentos de imagens adormecidas que ele precisa tirar do esquecimento e, por outro, pelas lembranças, “espécie de relíquias secularizadas que emergem incessantemente de experiências já mortas no tempo para celebrar o auto-retrato de uma época” (Starling, 1998, p.40). Em oposição às imagens, as lembranças costumam expressar “alguma coisa que vai se deteriorando ao longo dos anos, suplemento de um passado que afundou na memória em rigidez cadavérica” (Starling, 1998, p.41).

A lembrança, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (impossível) em que o escritor de memórias mantivesse intacto o

sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. Nava parte da recuperação da memória de seus antepassados, de uma época anterior à sua existência. As lembranças fragmentadas, que completarão as lacunas desse tempo anterior ao seu, só podem ser preenchidas com vozes de outros, só podem ser documentadas por outras narrativas, por “suplementos artificiais da memória” que as deixarão eternamente incompletas, ao mesmo tempo que terão sempre a possibilidade de receberem dados novos para complementá-las, nunca completá-las. Daí poder-se concluir que o estatuto da memória é necessariamente fragmentário e lacunar e supõe, como origem, a inevitável amnésia.

A escrita: uma leitura de si

Ao longo das *Memórias*, o leitor acompanha o narrador na descida às “camadas profundas” (Nava, 1978, p.25), no encontro com sua própria identidade e neste percurso a escrita é utilizada também como possibilidade para chegar às suas grandes verdades. Para isto, passa da análise dos outros a uma análise de si mesmo. O memorialista se volta para o passado no intuito de passar a vida a limpo, transformando sua escrita em um processo clínico que desempenha, às vezes, função terapêutica.

Esse processo exige hiperacuidade por um lado e, por outro, uma maior intensidade de vida. Essas duas qualidades estão na base de toda introspecção e, no caso de Nava, trata-se de uma introspecção dolorosa por causa da intensidade das imagens que ela fornece; dissecar seu passado significa dissecar também suas angústias.

Desde o início do curso de medicina, Nava toma consciência da responsabilidade de ser médico, “o profundo sentido dramático que tem a profissão de médico – já que seus motivos são a dor e a morte” (Nava, 1978, p.311). Assim, se por um lado a escrita das *Memórias* permite extravasar o que ficara reprimido durante toda a vida, por outro, ela se torna a grande aliada do médico-escritor, uma espécie de antídoto contra a morte, a possibilidade de vencer o tempo enfim, a chama que o mantém vivo: “Se hoje tivesse de parar de escrever, seria homem morto” (Nava apud Holanda, *O Globo*, 24/04/1981). Nava dá vida ao que escreve ao deixar impressos/escritos restos do passado que resistiram “ao escoamento do tempo e à usura que ele traz”, transformando as *Memórias* em “uma maneira de se fazer existir” através de sua obra (Hardivilliers, 2004, p.54).

Escrever para não morrer

Várias razões levaram Nava a escrever. E se o amor pela história, pela tradição e o desejo de contribuir para a coletividade incentivaram o médico, a necessidade “de fazer confidências, de tentar deixar consignado o espírito de um período” e a “necessidade freudiana de fazer a catarse, a confissão” (Nava, Entrevista com Otto Lara Resende, *O Globo*, 5/06/1983) motivaram o memorialista. Além disso, Nava confessa que escrevia para deixar uma marca “para se perpetuar, para manter viva a sua chama, não virar meramente pó” (entrevista com Otto Lara Resende, *O Globo*, 5/06/1983).

Em outros momentos escrever possibilita ao memorialista mergulhar em seu interior e a escrita autobiográfica funcionaria como uma espécie de distração que

“fingindo aproximar o sujeito de si mesmo, o distanciaria e assim o libertaria, pelo menos durante um certo tempo, de suas angústias” (Vilain, 2005, p.20).

Nava considerava o médico, em seu papel social, como porta-voz da sociedade, que deveria trabalhar para cuidar do paciente mas quando começa a escrever memórias, “torna-se seu próprio paciente e passa a trabalhar para sua saúde e, secretamente para sua salvação” (Danou, 1994, p.12). Neste caso, a escrita revela o que foi recalado, aproximando-se da psicanálise.

No início de *Baú de Ossos*, o memorialista estabelece um pacto com o leitor para que tome como verdadeiras suas palavras transfiguradoras de uma realidade vivida e contaminada pela imaginação. E pede um voto de confiança: “há que ter confiança no instinto profundo de minha alma, de minha carne, do meu coração – que rejeitam como coisa estranha o que sentem que não é verdade ou que não pode ser verdade” (Nava, 1972, p.41). Escrever memórias significa “fazer subir das profundas um mundo desaparecido” e só quem ousou dar “esse mergulho no passado pode compreender o que há de lancinante e doloroso na nossa obra de exumadores” (Nava, Entrevista *Jornal do Brasil*, 13/06/1976). Deste modo, “por mais alegre, sereno e fácil que pareça o livro, ele tem justaposto, o lado oposto da sua composição – sempre feita de angústia, suor, lágrimas e sangue” (Nava, *Jornal do Brasil*, 13/06/1976). No acerto de contas com o passado o sofrimento, o medo e o fascínio andam juntos, “tudo é feito com muita violência” (entrevista *O Globo*, 15/05/1984). A escrita das *Memórias* é comparada a um “parto dolorido, não pelo esforço de escrever mas por aquilo que representa para mim. Uma coisa doída e posta para fora à custa de muito esforço” (Rouchou, *Revista Ipiranga* n°77, abril-maio-junho 1983).

Nesse sentido, as *Memórias* poderiam ser consideradas como uma forma de terapia em que o paciente volta às cenas traumatizantes de sua vida para ressignificá-las pois, “relatar, trazer à memória é desesperadamente tentar livrar-se” (Santos, 1999, p.32). Todavia, remexer no passado é como dar um tiro no escuro pois não se tem o poder de controlar o que será desenterrado e, à medida que os tempos remotos vão ganhando vida, as lembranças boas e ruins ressurgem na mesma proporção, podendo causar tanto alegria quanto sofrimento.

Escrever torna-se útil por possibilitar extravasar o que ficou reprimido, passando “da distração ou simplesmente do prazer do espírito a um questionamento de si” (Cambronne, 2004, p.40). O reencontro com passado permite ao memorialista libertá-lo e, principalmente, libertar-se dele, definitivamente.

O arqueólogo da memória

Segundo Sérgio Miceli, há memorialistas que escrevem para testemunhar uma época, conferindo às suas memórias o valor de documento histórico, para outros, “a elaboração das memórias constitui a oportunidade de reafirmar o domínio completo do ofício de escritor” e há ainda aqueles que “recorrem em suas memórias a todo tipo de insulto para acertar contas com as injustiças e os desacertos de que se sentem vítimas” (Miceli, 2001, p.84). Possivelmente Nava foi movido por estes e outros motivos mas, nas inúmeras entrevistas que deu, hesitava sempre um pouco diante das razões profundas que o levaram a escrever as *Memórias*.

Havia, certamente o desejo de se reencontrar: “Minhas memórias foram produzidas porque eu queria ter – roubando aqui o pensamento de Proust – esse encontro urgente, capital, inadiável comigo mesmo” (Nava, 1978, p.284). Havia também a vontade de contar a história de sua geração e, para isso, Nava traça um verdadeiro panorama da vida política, cultural e social de um período da história brasileira através de um narrador que faz da “prosa autobiográfica a crônica de uma época” (Aguiar, 1998, p.15).

Walter Benjamin compara o trabalho do memorialista ao do arqueólogo que, para se aproximar do passado soterrado, deve agir como “um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo” (Benjamin, 1987, p.239). Benjamin associa os fatos às camadas que “apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação” (Benjamin, 1987, p.239). A comparação procede e dialoga com o método que Nava utiliza para explicar a reconstrução do passado através da memória: assim como o arqueólogo “que da curva de um pedaço de jarro conclui de sua forma restante” (Nava, 1972, p.41), o memorialista também parte do fragmento para reconstruir o que se perdeu: “Um fato deixa entrever uma vida; uma palavra, um caráter” (Nava, 1972, p.41). Do mesmo modo, cada objeto que pertenceu aos entes queridos é suficiente para desenterrar e ressuscitar seus mortos: “Toco estes objetos como se o fizesse a mãos, testas, cabelos mortos” (Nava, 1981, p.36).

Se, por um lado, um simples objeto tem o poder de trazer de volta o passado, por outro, é impossível, para o memorialista, recuperar na totalidade as coisas e as pessoas porque delas “só ficam lembranças fragmentárias” (Nava, 1972, p.40). O passado, em sua integralidade, está irremediavelmente perdido: “é impossível restaurar o passado em

estado de pureza. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas” (Nava, 1977, p.221). Esta explicação de Nava assemelha-se à concepção de Descartes, que compara a memória a um pedaço de cera que tem a capacidade de gravar e guardar as impressões. Entretanto, a conservação das impressões e das idéias nunca é intacta, estando sujeita a modificações, da mesma forma que “o pedaço de cera deixado ao sol começa a derreter e apaga algumas impressões gravadas” (Tadié, Marc e Tadié, Jean-Yves, 1999, p.11), a memória também não devolve exatamente o que lhe foi confiado.

Assim, consciente dessa impossibilidade de completar a paisagem, por faltarem peças que “deixam buracos nos céus, hiatos nas águas, rombos nos sorrisos, furos nas silhuetas interrompidas e nos peitos que se abrem nos vácuos” (Nava, 1972, p.41), o escritor de memórias, como quem vai compondo um *puzzle*, necessita preencher, com pedaços de lembranças e com sua imaginação, os vazios que impedem as peças de se encaixarem.

Marc Tadié e Jean-Yves Tadié em *O Sentido da memória* também compararam a tarefa do memorialista à dos arqueólogos na reconstituição de uma cidade antiga: “de algumas pedras, eles fazem uma casa; de colunas quebradas, um templo; de fragmentos de canalizações, termas. Pouco a pouco eles permitem imaginar a vida, os espetáculos, as artes” (Tadié, Marc e Tadié, Jean-Yves, 1999, p.10). Todavia, eles recriam um “cenário mudo pois os gritos do circo calaram-se para sempre, a voz de Cícero não ressoa mais nos locais doravante freqüentados pelos turistas” (Tadié, Marc e Tadié Jean-Yves, 1999, p.10). É preciso o trabalho “da imaginação para resgatar a afetividade, o sofrimento e o

amor” (Tadié, Marc e Tadié, Jean-Yves, 1999, p.10), para dar vida novamente ao que estava soterrado.

O processo de restauração do passado, no qual o memorialista reconstrói intencionalmente uma coerência perdida de que sobrou algum elo, que ele tenta resgatar, foi também evocado por Paul Ricœur:

rastros são vestígios de passagens, mas que permanecem como restos que remetem a dois registros temporais heterogêneos. Por um lado, para poder funcionar como substituto, um rastro deve ser um sinal deixado por alguma coisa no presente cujo contexto passado não existe mais; por outro, o rastro existe apenas para quem considera tal sinal como signo presente de uma coisa ausente, como vestígio de uma passagem que também não existe mais (Ricœur apud Miranda, 1995, p.112).

Escrever memórias seria, assim, seguir um rastro e significa “efetuar a mediação entre o *não-mais* da passagem e o *ainda* do signo: o passado não é só negativamente o que acabou, mas o que foi e que, por ter sido, é preservado no presente” (Ricœur apud Miranda, 1995, p.112). A memória teria o papel de trazer para o presente o que permanece do passado que, sem ela, seria como um grande vazio. As *Memórias* podem ser consideradas como um olhar lançado na direção do tempo, em permanente deslocamento, do presente para o passado e concretizam a mediação entre o que já foi e o que ainda resta. Cabe ao memorialista compor, no corpo da escrita, o esqueleto que só lhe chega fragmentado porquanto o universo das *Memórias* é “um universo em pedaços, cujos pedaços contêm outros universos, também eles, por sua vez, em pedaços” (Poulet, 1992, p.41).

O memorialista : entre a ficção e a história

O leitor das *Memórias* depara-se, às vezes, com passagens em que o narrador dá uma pausa na narrativa para explicar os mecanismos da memória e se explicar como narrador de memórias. Como definir o memorialista? Seguindo a linhagem dos escritores-críticos Charles Baudelaire, Marcel Proust, Paul Valéry e Machado de Assis, Nava também reflete sobre o fazer literário. Ele define o memorialista como aquele que ficcionaliza a matéria rememorada:

Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança, onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo-argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança-manipulados pela imaginação criadora. Só há dignidade na recriação. O resto é relatório (Nava, 1977, p.288).

Nava reivindica para si a condição de escritor memorialista que pratica sua arte em terreno híbrido, isto é, “ter um pé na história e outro na ficção” (Nava, 1978, p.406); “o memorialista é forma anfíbia de historiador e ficcionista e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar nas possibilidades oceânicas de sua interpretação” (Nava, 1976, p.166).

Nesse sentido, Nava se aproxima da concepção de Georges Gusdorf, que define o memorialista não como historiador mas como “uma testemunha da história” pois “memórias propõem-se a ser crônica pessoal do acontecimento histórico” (Gusdorf, 1991, p.251). Assim, a diferença principal entre o escritor de memórias e o historiador é que o primeiro “toma a direção e organiza as coisas segundo a perspectiva própria de um indivíduo particular. Já o historiador está determinado pela abstração do seu ponto de

vista próprio e reivindica uma objetividade da qual o memorialista está dispensado” (Gusdorf, 1991, p.251). Ou na opinião de Juarez Távora, citado por Nava em *Beira-mar*, “o memorialista conta o que quer, o historiador deve contar o que sabe” (Nava, 1978, p.378).

Nava dá sua receita: “tomo quatro ou cinco pedaços de verdade, acrescento uma parte de imaginação e, tirando conclusões, faço uma construção verossímil” (Nava, Entrevista *O Estado de São Paulo*, 17/12/1972). Enquanto o historiador “tem de dizer a verdade”, o memorialista “interpreta a verdade à sua maneira, de acordo com sua emoção” (Nava, Entrevista *Jornal da Bahia*, 4/08/1976), sendo seu compromisso com a sinceridade já que “escrever memórias é (também) um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo” (Nava, 1978, p.198).

No entanto, essa sinceridade, não raramente, causa problemas a quem se propõe a escrever memórias “sendo leal consigo mesmo – há que fazer tábua rasa das imposições familiares, das vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social. Impõe-se a tomada cilicial do que João Ribeiro batizou a “filosofia do exílio” (Nava, 1978, p.198). Ao se propor a escrever, não apenas suas memórias mas, sobretudo, desestruturar para reconstruir uma época, o memorialista deve estar preparado, não só para “o isolamento necessário ao trabalho, mas principalmente para a ruptura com os próximos” (Nava, 1978, p.198-199) e o afastamento voluntário de muita gente. Sem dúvida, as famílias não apreciam quando um de seus membros busca “dizer suas verdades em vez de fixar a história coletiva do clã” (*La Faute à Rousseau*, junho 2006, p.25).

Nava afirma que não teve remorso pelo que escreveu sobre certos parentes seus: “Sim. Porque para mim eles perdem o caráter de criaturas humanas no momento em que

começo a escrevê-los. Nessa hora eles viram personagens e criação minha” (Nava, 1978, p.199). A observação é importante por explicar a técnica do memorialista que, ao misturar história e invenção, memória e imaginação, imprime a seu relato “um cunho de efabulação e o leitor o recebe como matéria de romance” (Candido, 1989, p.61).

Sem esse caráter ficcional, as pessoas citadas em seus livros permaneceriam simples pessoas e jamais teriam alcançado a dimensão de personagens: “Se queremos fazer um retrato ou descrever uma pessoa, nós precisamos sair de dentro do limite de convenção, desligar aquela pessoa das convenções sociais e transformá-la em personagem nosso” (Nava, Entrevista *Revista Status*, janeiro 1977, p.11 a 16).

Antonio Candido define a personagem como “um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (Candido, 1995, p.55). Como a construção da personagem é semelhante ao conhecimento que temos dos seres, isto é, fragmentário, os entes de ficção ou personagens são também abordados de modo fragmentário no romance que “nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes” (Candido, 1995, p.55).

Pode-se dizer que Nava concebeu as pessoas em seus livros não mais como seres humanos individuais, mas como grandes personagens, apreendidas em sua complexidade, e é por isso que elas ganham tanta força. É com o tratamento ficcional, “que dá ares de invenção à realidade” (Candido, 1989, p.61), que o memorialista retorna ao passado.

Sua arte consiste em “transfigurar, explicar, interpretar o acontecimento” (Nava, Entrevista a José Mário Pereira Filho, *Diário do Nordeste*, 9/07/1983). O essencial não é verificar a veracidade do fato, mas traduzir a emoção por ele provocada: “essa emoção,

desprezível para o historiador, é tudo para o memorialista” (Nava, 1976, p.166). A questão que se coloca para o memorialista é saber “Como interpretar o acontecido, o vivido, o FATO – já que ele, verdadeiro ou falso, visão palpável ou só boato tem importância igual – seja um, seja outro. Porque sua relevância é extrínseca e depende do impacto psicológico que provoca” (Nava, 1976, p.166).

Em várias passagens das *Memórias*, Nava interrompe o fio narrativo para dialogar com o leitor, buscando justificar-se enquanto escritor de memórias e, ao mesmo tempo, ser fiel ao “contrato de leitura” que estabeleceu com seu leitor. O subtítulo, *Memórias*, logo abaixo do título, é importante por determinar o pacto de leitura desejado pelo autor. Segundo Maria Lúcia Lepecki, “é o pacto de leitura estabelecido a partir da indicação “História” ou “Romance”, que nos faz aceitar como científico um texto, como imaginado o outro” (Lepecki, 1984, p.15).

Nava sela com seu leitor um pacto autobiográfico. Segundo Philippe Lejeune, “o pacto autobiográfico é o compromisso que assume um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) dentro de um espírito de verdade” (Lejeune, 2005, p.31). Pode-se considerar que as *Memórias* fazem parte das “escritas de si” apesar de o narrador, às vezes, sair de cena para colocar como personagem principal “o fato. E sobretudo o tempo” (Nava, Entrevista *Jornal da Bahia*, 4/08/1976). O compromisso de Nava com a sinceridade estaria próximo da concepção de André Gide sobre o gênero memorialístico: “As Memórias são sempre apenas meio sinceras, por maior que seja a preocupação com a verdade: tudo é sempre mais complicado do que se diz” (Gide, 1972, p.278).

Há, todavia, uma diferença entre memorialismo e autobiografia. Segundo Philippe Lejeune, os limites entre autobiografia e memorialismo não são bastante nítidos; as memórias possuem quase todas as características essenciais da autobiografia. O que muda nas memórias é o fato de a narrativa da vida do autor ser contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados. No texto autobiográfico, “o tema tratado é o da vida individual, o da história de uma personalidade” (Lejeune, 1996, p.14). Ou nas palavras de Wander Miranda “a autobiografia propriamente dita seria uma auto-representação (o indivíduo assume papel preponderante no texto) e as memórias uma cosmo-representação” (Miranda, 1992, p.37); porém a distinção entre os dois gêneros não é muito nítida e o mais comum é a sua interpenetração.

O pacto de leitura é um crédito de confiança que o leitor concede ao narrador na primeira pessoa, no sentido de que a experiência narrada é por ele recebida como experiência vivida e expressão de uma verdade. E isso só é possível porque o memorialista confere um caráter, ao mesmo tempo, verídico e verossímil às suas *Memórias* pois tem a arte de “juntar à verdade o verossímil que não é senão um esqueleto de verdade encarnado pela poesia” (Nava, 1972, p.67).

Assim, influenciado pelo subtítulo *Memórias* o leitor inicia a leitura de *Baú de Ossos*. Porém, logo de início, depara-se não propriamente com a experiência de vida de Pedro Nava, mas com a biografia dos seus antepassados. Para essa tarefa, Nava é obrigado a remover a terra e dar vida novamente ao que estava enterrado desde o século XVIII. Certamente, ao iniciar sua escavação, o arqueólogo da memória estava consciente do esforço gigantesco que teria de exigir da sua imaginação para reconstituir os fatos que,

evidentemente, só lhe chegaram através de uma documentação esparsa e aleatória. Esse desafio talvez também tenha motivado Nava a escrever suas *Memórias*.

O leitor naveano, que teve acesso a *Território de Epidauro e Capítulos*, ao começar a leitura de *Baú de Ossos* sente-se tomado, não raras vezes, por uma estranha sensação de *déjà-vu* ao verificar que inúmeros temas e procedimentos, esboçados na obra médica, retornam, de maneira mais elaborada, nas *Memórias*: o uso da enumeração, o elogio médico, o gosto pela genealogia e pela biografia e o desejo de reconstruir o passado. Nava interfere, dá sua opinião e imprime sua memória pessoal no trabalho do historiador para mostrar que tal procedimento foi incorporado pelo memorialista e passou a fazer parte de seu método de reconstrução do passado. No capítulo “Médicos Suburbanos de Ontem e de Hoje” (Nava, 1947, p.63), de *Território de Epidauro*, tem-se uma amostra da entrada do memorialista no texto do historiador:

Eu não conheço nada mais irritante, nada mais dolorosamente injusto que, – o ar de superioridade adotado por certos médicos, engrenados no carreirismo elegante – quando se referem ao colega do subúrbio. Talvez não houvesse importância no fato, se não se misturasse a isso a tendência mais grave de considerar o profissional dos bairros como uma espécie de inimigo público. (Nava, 1947, p.63).

Nessa passagem Nava faz uma pausa na história da medicina para criticar as atitudes de médicos que ele considerava “incompetentes, antiéticos e maus companheiros” e que, na obra memorialística foram denominados médicos-marrons. Eles representam seus desafetos e foram impiedosamente caricaturados. Do outro lado, encontram-se os médicos-brancos, “competentes, éticos e bons companheiros” (Aguiar, 1998, p.149). Para descrevê-los, Nava trocou a caricatura pelo retrato, deixando claro o sentimento de admiração e simpatia:

O que é de admirar, no médico de subúrbio, é a existência, dentro de circunstâncias esterilizantes, de um grupo numerosíssimo de colegas distintos, extremamente aptos, quando não realmente notáveis, que vivem mais ou menos ignorados dentro do vasto sertão cujos marcos avançados estão na Estação da Leopoldina, na Praça da Bandeira e no Largo do Estácio (Nava, 1947, p.64 – 65).

O elogio desses médicos está diretamente relacionado com sua experiência ao chegar ao Rio de Janeiro para trabalhar no Serviço Externo, o “apanha cachorros”, que ele descreveu minuciosamente em *O Círio-Perfeito*. Nava fala deles com respeito e coloca-se como integrante desse grupo.

Memórias de Morte

Se a obra médica de Nava prefigura sua obra memorialística, as *Memórias* estão impregnadas de Medicina e de todo um universo composto de histórias de doenças, nomes de remédios, vocabulário científico, descrições minuciosas de doenças e doentes, citações de médicos e livros de medicina. Em entrevistas à imprensa, Nava sempre insistiu sobre o caráter médico-literário desta obra: “Quem ler com a preocupação da análise literária alguns dos meus trabalhos médicos verá que minhas memórias têm a mesma técnica e o mesmo espírito de detalhe que pus nos escritos científicos e profissionais (Nava, Entrevista à *Revista Ipiranga*, 1983).

A citação reafirma sua dupla identidade: como a obra médica não deixa de ser obra literária, as *Memórias* são escritas através do olhar do médico. Em *Beira-mar*, obra que tem como eixo temático dominante a Medicina e a Literatura, Nava fornece a chave para entender uma evolução que culminou com a união indissolúvel do médico e do

literato. De fato, este tomo das *Memórias* dá acesso àquele período extremamente importante da sua vida que é justamente o da formação médica e literária, ocorrida concomitantemente, o que contribuiu para a interpenetração de suas duas faces: Nava médico, Nava escritor. É importante analisar a fecundidade dessa interação através da reflexão filosófica e sociológica que ele deixa transparecer em toda essa obra.

O anatomista da memória

As aulas de Anatomia foram determinantes não só para o estudante de medicina como para sua vida toda: “o estudo da Anatomia Humana e a manipulação do cadáver nos anfiteatros (permitiram – lhe) aprender não só ciência como também a dominar o nojo pela podridão e o terror do Morto” (Nava, 1978, p.72). Segundo Philippe Ariès

o sucesso quase mundano da anatomia não se explica somente pela curiosidade científica. Ele responde a uma atração pelas coisas mal definidas, no limite da vida e da morte, da sexualidade e do sofrimento, sempre suspeitos aos olhos das morais claras dos séculos XIX e XX que os colocaram em uma nova categoria, da perturbação e do mórbido (Ariès, 1977, Tome II, p.79).

O mórbido nasceu no século XIX de uma aproximação entre Eros e Thanatos. Prossegue Ariès: “deixamos então o mundo dos fatos reais, como eram as dissecações nos gabinetes de anatomia, para entrar no mundo cerrado e secreto do imaginário” (Ariès, 1977, Tome II, p.79). Nesse mundo a morte não é mais “o instrumento da necessidade mas é animada por um desejo de prazer. Ela é ao mesmo tempo, morte e volúpia” (Ariès, 1977, Tome II, p.79), um misto de sofrimento e prazer.

No anfiteatro de anatomia os estudantes de medicina, aterrados pelo medo e, ao mesmo tempo, “cheios de uma alegria tumultuosa”, entregavam-se à dissecação dos cadáveres. O cadáver humano, segundo Julia Kristeva, “representa a concentração máxima de abjeção e fascinação” (Kristeva, 1980, p.175), ele “é o máximo da abjeção; é a morte infestando a vida. Abjeto” (Kristeva, 1980, p.11-12). Situados entre a atração e a repulsa, os jovens médicos eram “obrigados a meterem a mão diretamente na frialdade azeda dos mortos magros ou no macio rançoso da adiposidade dos mais gordos” (Nava, 1978, p.93).

Eram como bonecos. Assim queríamos acreditar. Entretanto, profundamente, surdamente, sentíamos que estávamos manejando corpos nos quais palpitara uma vida. A idéia da própria morte se entremostrava nos fundos da consciência de cada um mas era recalçada pelo transbordamento de vida que subia na forma duma alegria tumultuosa, do entrechocar de palavrões, do raconto das anedotas porcas e do castigo da morte no morto – pela profanação (Nava, 1978, p.93).

Vísceras atiradas em batalha, mameões, beiços, narizes, dedos, pênis, ninfas, clitóris, escrotos, e testículos furtivamente metidos nos bolsos dos colegas e principalmente na bolsa das colegas. Inútil as medidas disciplinares contra essas mutilações que obedecem a razões psicológicas profundas e descarregam de agressividade os que vão ser médicos e que assim são purgados, nos anfiteatros anatômicos, da necessidade mais que humana de agredir, atacar, esmagar e estraçalhar o indefeso. E nada mais indefeso que o cadáver, o agonizante, o doente grave (Nava, 1972, p.213).

No livro *L'Homme devant la mort*, Philippe Ariès explica que o homem comprimiu a natureza, considerada como “um mundo de aniquilamento e violência”, construindo uma muralha feita de moral, religião, direito, economia, disciplina e tecnologia. Entretanto, esse muro possuía dois pontos fracos: “o amor e a morte, por onde transudava sempre um pouco da violência selvagem” (Ariès, Tome II, 1977, p.102). No

anfiteatro anatômico, o jovem anatomista assiste “ao passar da (nossa) própria vida – de corpo presente, *praesente cadavere...*”(Nava, 1976, p.329). Pode-se dizer que o contato com a morte através do cadáver vai revelar o lado selvagem e duramente reprimido do estudante de medicina, tornando inúteis “as medidas disciplinares contra essas mutilações que obedecem a razões psicológicas profundas” (Nava, 1972, p.213). O futuro médico, impossibilitado de controlar sua natureza, descarrega-a então com agressividade, “atacando, esmagando, desnarigando, desorelhando, desbeijando, capando e estraçalhando” os cadáveres, “tentando soterrar a noção incômoda e sempre presente da Morte, DENTRO DE NÓS” (Nava, 1978, p.139). Ou, nas palavras de Ariès, “a natureza, que se acreditava vencida, refluíu no homem, entrou pelas portas abandonadas, tornando-o selvagem”(Ariès, Tome II, 1977, p.104).

A presença do cadáver causa no estudante ao mesmo tempo fascínio e terror, proporcionando uma “visão bastante corpórea da existência” (Aguiar, 1998, p.124). O corpo humano atrai tanto pela beleza quanto pelo macabro:

Ele (o corpo) é sempre admirável. Admirável no crescimento, no milagre da adolescência, na saúde plena e na eutímia da idade madura, da vida em sua pujança, seu transbordamento na reprodução. Igualmente admirável na impotência, nos desequilíbrios da velhice, na senectude, na cacoquimia, na doença, na desagregação e na morte. Tudo isso tem harmonias correlatas e depende de trabalho tão complexo para criar como para destruir, para fazer a vida e fabricar a morte (Nava, 1978, p.332).

Nava apresenta as duas trajetórias do corpo humano que transborda vida e morte, como acentua Freud em “Além do Princípio do Prazer”:

se tomarmos como verdade o fato de tudo o que vive morrer por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda vida é a morte’ e, voltando o olhar para trás, que ‘as coisas inanimadas existiram antes das vivas’. O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte (Freud, 1974, p.56-57).

Nesse ensaio, Freud estabelece os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, da luta entre Eros e Thanatos. Como aponta Ana Cristina Chiara em “Sobre a Morte na obra de Pedro Nava”, ao “reconhecer no ser humano a tendência do organismo vivo em manter a nível zero o investimento libidinal para obtenção de prazer”, Freud formula o raciocínio de que, “na verdade a pulsão de vida é um adiamento daquela tendência do organismo em retornar ao estado de in-animado” (Chiara, 1989, p.51). Já em 1920, quando era interno no Colégio Pedro II, durante uma enquete feita aos alunos, à pergunta ‘o que pensas da morte?’ Nava responde: “A morte é a cessação completa da força de coesão que une as moléculas do nosso corpo; é o relâmpago que separa o orgânico do inorgânico, é a suprema felicidade” (Nava, Entrevista a Carlos Paiva Gonçalves, 2/9/1920)

Para Freud, “os instintos sexuais são os verdadeiros instintos de vida pois estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida e os instintos do ego são aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte” (Freud, 1974, p.65). A concepção do Nirvana para os budistas é uma das representações dessa tendência porque, segundo Freud, o “princípio do Nirvana é o esforço para reduzir, manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos” (Freud, 1974, p.76), o que leva ao instinto de morte. Do mesmo modo, “o sono simula em vida esse desejo de morte e a fantasia de volta ao útero materno também está ligada a essa idéia” (Chiara, 1989, p.51).

A oposição vida-morte manifesta-se no discurso de Nava sob várias formas. Em um certo momento, a morte apresenta-se como uma doce e suave volta ao seio materno. A imagem do repouso no seio materno é evocada quando se refere a Ascânio Lopes: “

Entrou no dia 10 de janeiro de 1929 – a Morte Triunfante – e o menino cerrou mansamente os olhos como em seio materno reachado” (Nava, 1978, p.235).

Em outra passagem, a característica vitalista de Nava leva-o a neutralizar aquela oposição, ao admirar as manifestações de vida mesmo quando se trata de um cadáver em putrefação que representa, em última análise, a morte da morte:

O cadáver estourara da barriga e as tripas luziam como balões cravejados da ourivesaria fervilhante de milhares de moscas. O corpo inchava tanto que perdera a forma humana. Parecia um balão e o zumbido dos insetos fazia sair dele zumzoeira como a de um órgão sustentando e mantendo nota que não fosse mais parar. Aquilo não cabia no *envelope* de pinho e empestava tudo. Foram o Joaquim, o Otaviano e o Seu Domingos que deram jeito naquele defunto animado da vida maldita da putrefação (Nava, 1978, p.79).

Tal descrição remete ao poema “Uma carniça” de Charles Baudelaire:

Zumbiam moscas sobre esse pútrido ventre,
De onde em bandos negros e esquivos
Larvas se escoavam como um grosso líquido entre
Esses trapos de carne, vivos.

Isso tudo ia e vinha, assim como uma vaga,
Ou se espalhava a borbulhar;
Dir-se-ia que esse corpo, a uma bafagem vaga,
Vivia a se multiplicar
(Baudelaire, s/d, p.47).

Do mesmo modo que o poeta francês, Nava utiliza o registro estético para jogar com os dois termos da oposição: ao transmutar horror (morte) em beleza (vida), o objeto hediondo transforma-se em verdadeira obra de arte:

Eram formidáveis degenerescências de tecidos, fantásticas alterações de órgãos, inflamações prodigiosas, ateromasias espantosas e sobretudo os mais **lindos tumores**. Um, **belíssimo**, estava em um recipiente maior, continha uma cabeça inteira, decepada cerce como a de um guilhotinado. Mostrava uma metade de

expressão dolorosa do lado direito e todo o lado esquerdo era de partes inidentificáveis pois avultava enorme, estufado, pálpebras distendidas por um blastoma que transformara essa metade numa caricatura hedionda. Era um sarcoma orbitário (Nava, 1978, p.145 grifos nossos).

Ao descrever os tumores, Nava aproxima-se da abjeção pois extrai uma forma de beleza no que, em um outro contexto, seria repugnante; a beleza cadavérica pela qual sentira-se atraído desde que percorreu “o fabuloso livro de Testut e nos embasbacávamos principalmente com as pranchas de Devy, Dupret, Boulenaz, Deruaz, Amiel e Blanadet, autores dos desenhos e gravados dos músculos” (Nava, 1978, p.94). O então estudante de medicina e desenhista interessava-se profundamente pelo corpo humano e apaixonou-se pelas gravuras onde se via: “o *David* de Miguel Ângelo, o *Perseu* de Canova, os Pugilistas de Canova, O *Hércules* castigando *Diomedes*, o corpo ululante do *Laocoonte*, o *Efebo de Subiaco*” (Nava, 1978, p.94). O fascínio exercido pelas reproduções de grandes artistas “nos quadros clássicos das dissecações de Rembrant ou no mais dramático do escalpelamento de Gérard David (...) os mortos evocados por Carco na sua descrireconstrução do Patíbulo de Montfaucon” (Nava, 1978, p.93) certamente influenciaram o desenhista: “minha mania pela morfologia humana era tal que, numa fase paralela de produção de desenhos, eu só fazia figuras de esfolados” (Nava, 1978, p.94).

A presença da Anatomia, disciplina básica do curso de Medicina, “é um dos índices da importância que o discurso médico tem nas memórias” (Miranda, 1994, p.150). Além do médico, a Anatomia marcou sobretudo, e de maneira definitiva, o memorialista influenciando diretamente seu método de criação.

O convívio diário com os doentes e as doenças levaram, certamente, o estudante de Medicina a uma reflexão sobre a vida: “Mais que o Dante descendo aos Infernos eu ia

ser guiado dali por diante por dois virgílios – a Morte e a Doença rindo de mim e zombando de todos os esforços” (Nava, 1978, p.358). A descida aos infernos é comparada aos plantões que fazia como residente da Santa Casa:

Vendo minha participação a úlcera de estômago também me chamou. Depois o menino do noma, depois foram a desarticulação coxo -femural, a apendicite supurada fedendo pela drenagem, o tumor de crânio trepanado, a hérnia estrangulada e o diabético que ia perder os pés gangrenados na manhã seguinte (Nava, 1978, p.358).

Nessa passagem, Nava personifica as doenças e descreve seus efeitos exigindo que o leitor o acompanhe em sua visita às enfermarias, pois foi aí que fez o grande aprendizado da vida: “Aprendi ali mais que com os livros” (Nava, 1978, p.359). Deste modo, Nava parte de cada paciente individual para retratar o sofrimento e a morte, comuns a todo ser humano, o particular tendendo assim a uma dimensão universal.

A grande obsessão, para não dizer o grande fascínio de Nava, entretanto, foi sempre a morte “com que passara a conviver na Faculdade” (Nava, 1978, p.123) e, posteriormente, na sua obra de memorialista, cujo universo está povoado de mortos. Com base nesta convivência, Nava reflete sobre a morte como elemento inerente à condição humana, num questionamento existencial e metafísico.

Nava descreve com impiedade a transitoriedade da matéria corporal; e, ao admirar o funcionamento do corpo humano, torna-se um “bruxo dissecador” na expressão de Ana Cristina Chiara e transforma sua obra em um testemunho “da terrível constatação da matéria que nos governa acima de nosso desejo de permanência” (Chiara, 1989, p.59).

Em *Beira-mar*, há o face a face do anatomista com seus cadáveres. As inúmeras descrições de cadáveres confirmam sua atração pelo corpo humano em decomposição. Segundo Régis Debray, o cadáver é “uma presença/ausência, eu próprio como coisa,

ainda meu ser mas no estado de objeto” (Debray, 1994, p.29). O cadáver seria a outra face do corpo vivo, situando-se em um lugar fronteiro já que não se trata mais de um ser vivo, mas também não é uma coisa.

Para Julia Kristeva, o cadáver, o abjeto “não é um ob-jeto que se encontra na minha frente, que designo ou imagino. Do objeto, o abjeto não tem senão uma qualidade, a de se opor ao sujeito”. (Kristeva, 1980, p.9). Ele é o corpo podre, sem vida, “tornado dejetivo, elemento perturbador entre o animado e o inorgânico, transição, duplo inseparável de uma humanidade cuja vida se confunde com o simbólico: o cadáver é a poluição fundamental” (Kristeva, 1980, p.127). O impacto causado pelo contato com o cadáver vai revelar o pavor que o estudante de Medicina, ainda inexperiente, tinha pela morte:

Mentimos a nós mesmos e acabamos convencidos que aqueles defuntos que manejamos são simples carne inerte como a dos açougues. Medo de quê? Entretanto bem no fundo conservamos o horror do contato cadavérico. Dominei, conscientemente, esse pânico. Entretanto, estava subconscientemente, sempre aterrado com o que fazia! (Nava, 1978, p.73).

Segundo Freud, “a insuficiência do nosso conhecimento científico a respeito da morte leva-nos a pensarmos ainda como selvagens acerca desse tópico. Daí, o primitivo medo da morte estar ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação” (Freud, 1976, p.301-302). Em Nava, o medo da morte transforma-se em tentativa de enfrentamento, ele tenta ocultar esse pavor olhando a Morte nos olhos.

Desse confronto nasce a tentação de dar vida ao que estava morto. É nesse momento que se encontra o anatomista reconstituindo seus cadáveres, dando vida a seus fantasmas (parentes, mestres, amigos e desafetos).

Nava considerava o prazer como antídoto da morte. Assim, para suportar a presença inevitável da morte, Nava recorre, na expressão de Joaquim Aguiar, ao “culto inveterado do prazer” (Aguiar, 1998, p.124) na ânsia de esquecer o momento final. O esquecimento, como função da memória, funciona aqui como escudo protetor que busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação da consciência da própria morte. Como aponta Freud, “a representação e a imitação artísticas (...) como na tragédia, por exemplo, não poupam aos espectadores as mais penosas experiências, e, no entanto, podem ser por eles sentidas como altamente prazerosas” (Freud, 1974, p.29). Essa experiência prazerosa é vivida por Nava ao descrever as aulas de dissecação:

Ria-se de tudo – do grotesco dos cadáveres inclusive, das caricaturas simiescas em que o tempo, a putrefação insistente, o ressecamento das extremidades, o capricho dos fungos iam transformando em coisas as figuras de início humanas que manipulávamos. E não era menor agente de transformação a nossa descarga de agressividade às vezes desorelhando, desnarigando, desbeijando, capando os defuntos, fendendo-lhes as bochechas e abrindo-lhes bocarras de gárgula. Tudo isto compondo o grotesco com que tentávamos soterrar a noção incômoda e sempre presente da Morte. Entretanto ela estava ali, junto de nós, inexoravelmente DENTRO DE NÓS. Dentro de nós que queñamos nos dar a ilusão do eterno e da perenidade da vida. Era dessa latência sinistra que nasciam nossas reações de alegria (Nava, 1978, p.139).

As brincadeiras dos jovens médicos buscam atenuar a presença sinistra da morte “dentro de nós”. Nava adota uma atitude até certo ponto paradoxal: por um lado, ele se diz um pessimista em relação à vida, devido, certamente, a esse contato diário com a morte e, sobretudo, “porque o mundo é mau e a humanidade incomparavelmente pior” (Nava, entrevista a Carlos Paiva Gonçalves 2/9/1920), por outro, ele se revela um grande gozador dos prazeres mundanos

O Defunto

Em 1938 Nava publicou “O Defunto”, longo poema que rompeu o silêncio do escritor e representou sua primeira manifestação literária relevante depois de sua participação no Movimento Modernista mineiro dos anos 20. O poema teve sucesso ao ser publicado. Em 1945, Pablo Neruda, de passagem pelo Rio de Janeiro, disse que em matéria de poesia nada o impressionou mais do que “O Defunto” do Dr. Pedro Nava (Nava, *O Globo*, 20/5/1984). Em 1946 Manuel Bandeira o incluiu em sua *Antologia de Poetas Bissextos Contemporâneos*: “*O Defunto* é Nava cem por cento. O Nava insatisfeito da vida, que, por temer a morte mais do que ninguém, pintou-a, melhor que ninguém, a morte “nua e crua”, a morte “com mau-gosto” (Bandeira, 1946, p.5). Vinícius de Moraes também se pronunciou: “Pedro Nava é um criador da idéia sinistra do defunto que todos nós carregamos conosco.(...) um ser terrível, um perturbador da ordem, um russo” (In Bandeira, 1946, p.5).

Com efeito, “O Defunto” é peça fundamental na medida em que antecipa um dos temas essenciais da obra memorialística de Nava que teria início quase 40 anos mais tarde: a obsessão pela morte.⁵ Assim, da mesma forma que a obra médica antecipa o

⁵ “Nogueira Moutinho foi, provavelmente, o primeiro a reconhecer os ecos desse poema no interior das *Memórias*”. CF. Davi Arrigucci Jr., “MóBILE da Memória”, em *Enigma e Comentário*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.88.

método de trabalho do futuro memorialista, “O Defunto” anuncia o *memento mori*, a presença sombria da morte que retorna periodicamente em sua obra memorialística.

Nava foi certamente “herdeiro das doutrinas materialistas dos modernos representantes das ciências naturais, provavelmente difundidas, entre outros, nos cursos de Patologia Geral” (Arrigucci Jr., 1987, p.90). Seu professor de Patologia Geral, Henrique Marques Lisboa, “fazia alarde de seu materialismo” mas, diz Nava, “apesar de tudo o que ali ouvi, quando me sondei bem – sinto-me vitalista e mais discípulo de Montpellier que da Escola de Paris” (Nava, 1978, p.244). Acreditando que a “vida antecede à organização” (Nava, 1978, p.245), Nava reluta em aceitar no todo as “lições de materialismo científicista que recebeu” (Arrigucci Jr.,1987, p.91) e refere-se à leitura de velhos livros de seu pai de que lhe restou “esse farrapo vitalista que me prende mais fortemente que uma corrente de ferro a uns molambos de crença informe que conservo e de que não consegui me libertar” (Nava, 1978, p.245). O materialismo “profundamente incutido em seu espírito” torna-se mais visível sobretudo “no modo como acompanha o destino natural da matéria para a destruição” (Arrigucci Jr.,1987, p.92).

Acostumado a dissecar cadáveres e sendo profundo observador da morte, o autor faz descrições de decomposição de corpos. Seu primeiro contato com a putrefação marcou-o para o resto da vida. Ainda menino, Nava enterrou um macaco, morto por seu primo. Dias depois, foi ver como estava: “recuei de horror e nojo diante da massa peluda, pegajosa, estufada e fervilhando da vida de mil vermes dentro da orquestração das moscas zumbindo. Desprendia um cheiro tão poderoso que me fez cambalear. Era aquilo! A putrefação” (Nava, 1977,p.62). Essa imagem impregnou-se em sua memória: “quando estudei Medicina Legal, fixei suas fases sucessivas e hediondas. Transformei esse

conhecimento, ai de mim! no suplício indiano que me faz sofrer não só a morte como a desagregação cotidiana e sabida dos meus mortos” (Nava, 1977, p.62). E a partir de então Nava transformou-se em uma espécie de vidente, capaz de visualizar a putrefação de seus mortos: “É como se os estivesse vendo, hora por hora, através da terra translúcida. Essa vidência me envenena e penso sem parar no festival indecente das vidas que nascerão da morte da minha carne” (Nava, 1977, p.62).

Em seu livro “O Homem diante da Morte”, Philippe Ariès diz que

as imagens da morte e da decomposição não significam nem o medo da morte nem do além, ainda que tenham sido utilizadas para esse fim. Elas são o sinal de um amor apaixonado pelo mundo aqui de baixo, e de uma consciência dolorosa do fracasso ao qual a vida do homem está condenada (Ariès, Tomo I, 1977, p.131).

O corpo em decomposição, que horrorizou o menino e em seguida atraiu o estudante de medicina para as aulas de dissecação, vai, finalmente, ser ressuscitado através da memória. Assim Nava apresenta em sua obra uma “visão estética do mórbido”, na expressão de Arrigucci, “como se quisesse retratar a morte em detalhes,— ‘a morte com mau gosto’—, conseguindo captar, no entanto, uma difícil poesia do sinistro. Parece voltar à atmosfera lírica e patética dos versos de O Defunto” (Arrigucci Jr., 1987, p.92).

O Defunto

Quando morto estiver meu corpo,
Evitem os inúteis disfarces,
Os disfarces com que os vivos,
Só por piedade consigo,
Procuram apagar no Morto
O grande castigo da Morte.

Não quero caixão de verniz
Nem os ramalhetes distintos,
Os superfinos candelabros

E as discretas decorações.
Quero a morte com mau-gosto!

Dêem-me coroas de pano.
Dêem-me as flores de roxo pano,
Angustiosas flores de pano,
Enormes coroas maciças,
Como enormes salva-vidas,
Com fitas negras pendentes.

E descubram bem minha cara:
Que a vejam bem os amigos.
Que não a esqueçam os amigos.
Que ela ponha nos seus espíritos
A incerteza, o pavor, o pasmo.
E a cada um leve bem nítida
A idéia da própria morte.
Descubram bem esta cara!

Descubram bem estas mãos.
Não se esqueçam destas mãos!
Meus amigos, olhem as mãos!
Onde andaram, que fizeram,
Em que sexos demoraram
Seus sabidos quirodáctilos?

Foram nelas esboçados
Todos os gestos malditos:
Até os furtos fracassados
E interrompidos assassinatos.

— Meus amigos! olhem as mãos
Que mentiram às vossas mãos...
Não se esqueçam! Elas fugiram
Da suprema purificação
Dos possíveis suicídios.

— Meus amigos, olhem as mãos!
As minhas e as vossas mãos!
Descubram bem minhas mãos!

Descubram todo o meu corpo.
Exibam todo o meu corpo,
E até mesmo do meu corpo
As partes excomungadas,
As sujas partes sem perdão.

— Meus amigos, olhem as partes...
Fujam das partes,
Das punitivas, malditas partes ...
E, eu quero a morte nua e crua,
Terrífica e habitual,
Com o seu velório habitual.
— Ah! o seu velório habitual!

Não me envolvam em lençol:
A franciscana humildade
Bem sabeis que não se casa
Com meu amor da Carne,
Com meu apego ao Mundo.

E quero ir de casimira:
De jaquetão com debrum,
Calça listrada, plastron...
E os mais altos colarinhos.
Dêem-me um terno de Ministro
Ou roupa nova de noivo ...
E assim Solene e sinistro,
Quero ser um tal defunto,
Um morto tão acabado,
Tão aflitivo e pungente,
Que sua lembrança envenene
O que resta aos amigos
De vida sem minha vida.

— Meus, amigos, lembrem de mim.

Se não de mim, deste morto,
Deste pobre terrível morto
Que vai se deitar para sempre
Calçando sapatos novos!
Que se vai como se vão
Os penetras escorraçados,
As prostitutas recusadas,
Os amantes despedidos,
Como os que saem enxotados
E tornariam sem brio
A qualquer gesto de chamada.

Meus amigos, tenham pena,
Senão do morto, ao menos
Dos dois sapatos do morto!
Dos seus incríveis, patéticos
Sapatos pretos de verniz.
Olhem bem estes sapatos,
E olhai os vossos também.

Urca, Rio, 23-VII-38

“O Defunto” remete à sua morte vista de fora, como se Nava testemunhasse o próprio velório. Em *Chão de ferro e Galo das Trevas*, o memorialista explica a composição do poema, que não foi fruto da inspiração, ao contrário, foi sendo elaborado aos poucos, a partir de lembranças de morte que marcaram sua vida.

Assim, ao rememorar as primeiras férias em Belo Horizonte, após o primeiro ano de estudos no colégio Pedro II, o então garoto e alguns amigos entraram em uma casa onde velava-se um morto: “O corpo estava exposto na sala da frente, de casaca, entre tocheiros e crepes, grandes mãos calçadas de luvas de pelica da mesma brancura amarelada de sua face de gesso máscara de Beethoven” (Nava, 1976, p.109). Esta visão

foi como um choque para o menino que saiu dali “pesado da carga de ‘O Defunto’ – de que só me aliviei um pouco, quando escrevi nos ainda futuros 1938: vinte e dois anos de gestação” (Nava, 1976, p.109). Escrever “O Defunto” possibilitou libertar-se do trauma sofrido pelo menino. Neste caso, pode-se dizer que a escrita tem uma função, “não terapêutica, mas metafórica: ela desloca, ela exhibe o que está inibido ou recalcado” (Verlet, 2004, p.32).

Em *Galo das Trevas*, Nava explica a primeira estrofe que foi inspirada em um *habitué* de bordel que o Egon surpreendeu no corredor do prostíbulo em Belo Horizonte: “onde andaram e que fizeram aquelas munhecas...A pergunta tatuou-se dentro da cabeça do segundo (o doutor Egon) naquela noite de 1929. Exatamente nove anos depois, completar-se-ia a gravidez de *O Defunto*” (Nava, 1981, p.397).

Meus amigos, olhem as mãos!
Onde andaram, que fizeram,
Em que sexos demoraram
Seus sabidos quirodáctilos?

Foram nelas esboçados
Todos os gestos malditos:
Até os furtos fracassados
E interrompidos assassinatos.

No anexo de *Galo das Trevas*, Nava retoma a elucidação do poema, desta vez para explicar que as roupas do morto não saíram de sua imaginação, elas foram inspiradas pelo seu encontro com Washington Pires, na época ministro da Saúde de Getúlio Vargas. Nava procurou-o para pedir emprego. Apesar da resposta negativa, a figura do ministro impressionou-o: “Lembrava um gaúcho daqueles tempos, um noivo pronto para o altar. Jamais pude esquecê-lo naquela sua glória que apagava a de Salomão.

E foi sua figura (...) que eu tive presente e deixei nos versos do meu *O Defunto*” (Nava, 1981, p.479).

E quero ir de casimira:
De jaquetão com debrum,
Calça listrada, plastron...
E os mais altos colarinhos.
Dêem-me um terno de Ministro
Ou roupa nova de noivo ...

Mais adiante, ainda no mesmo anexo, Nava revela que foi na Urca, no sótão da casa de seus tios Heitor e Bibi onde ele morava, que no dia 23 de julho de 1938, “dum jato, rejeitei de mim *O Defunto*” (Nava, 1981, p.484) depois de um longo período de gestação.

Todavia, “O Defunto” não foi feito apenas de recordações e remete a vários escritores, particularmente a François Villon, de quem Nava sentia-se muito próximo; o poeta francês tem o mesmo gosto pelo macabro, a mesma obsessão e o medo da morte. Villon é citado em diversas epígrafes, o seu *Testament* abre a segunda parte do quinto volume das *Memórias*.

“O Defunto” lembra a descrição da cena de extrema união de Madame Bovary, de Flaubert. Observa-se a mesma preocupação em descrever com detalhes o corpo pelas partes: as mãos de Emma “que se deleitavam com os contatos suaves” (Flaubert, s/d, p.109) sugerem a manipulação erótica. As mãos do defunto naveano também aludem ao sexo “ Olhem as mãos! Onde andaram, que fizeram, em que sexos se demoraram seus sabidos quirodáctilos?” (versos 27 a 31). Tanto no caso de Emma quanto no do defunto há uma confissão e um certo sentimento de culpa. O padre pede perdão para Emma e

entrega sua fiel nas mãos de Jesus Cristo; em “O Defunto” “os termos “excomungadas”, “sujas”, e “sem perdão”, também sugerem um sentimento de culpa” (Bueno, 1997, p.90). A maneira de dispor os mortos no caixão com suas vestimentas de festa também parece dialogar com o livro de Flaubert: Emma “com seu vestido de noiva, os sapatos de cetim (...) cobriram-na com a grinalda” (Flaubert, s/d, p.117) poderia casar-se com ‘O defunto’ “de casimira, de jaquetão com debrum, calça listrada, plastrom e os mais altos colarinhos. (...) um terno de ministro ou roupa nova de noivo...” (versos 62 a 67). Como Flaubert, Nava evoca roupa de noivo para seu defunto, como se estivesse vestido para casar, *Eros* e *Thanatos*, unidos para sempre. Do mesmo modo, há uma estranha semelhança na maneira de dispor os corpos mortos; enquanto o corpo de Emma foi coberto por “uma grande peça de veludo verde” (Flaubert, s/d, p.117), Nava queria a “Morte com mau gosto”, com “as coroas de panos, as flores do roxo pano, enormes coroas maciças com fitas negras pendentes” (versos 11 a 17), uma morte “travestida de exuberância barroca” (Chiara, 1989, p.98).

Nava reivindica para si uma morte barroca onde “as roupas mundanas em sua exacerbação de enfeites faziam esquecer a caveira e o esqueleto que compunham o lado melancólico do Barroco” (Sant’Anna, 2000, p.221). O cuidado com os mínimos detalhes na descrição da disposição de seu corpo dentro do caixão – “flores de pano roxo”, “casimira, jaquetão com debrum, calça listrada, plastrom”; “terno de ministro, roupa nova de noivo”; “sapatos pretos de verniz” – revela no autor uma grande preocupação com o visual que, segundo Affonso Ávila “é um aspecto comum a todas as manifestações do Barroco nas Minas do século XVIII” (Ávila, 1971, p.197). Através do uso sistemático de verbos relacionados com a visão – que “a (minha cara) *vejam* bem os amigos”; “*olhem* as

mãos”; “*descubram* bem minhas mãos”; “*exibam* todo o meu corpo”; “*olhem* as partes”; “*olhem* bem estes sapatos e *olhai* os vossos também” – Nava busca deliberadamente a sugestão ótica, “a necessidade programática de suscitar, a partir do absoluto enlêvo dos olhos, o embevecimento arrebatador e total dos sentidos” (Ávila, 1971, p.197).

O poema revela-se, além disto, como forma de disfarce onde o morto fica em segundo plano servindo apenas de “instrumento para o vivo falar de si” (Aguiar, 1998, p.132). Assim, “O Defunto”, pelo tom autobiográfico, pela angústia obsessiva da solidão e da morte, pode também ser lido como uma antevisão da própria morte, antecipando a carta enviada a alguns amigos em 1975, na qual Nava explica detalhadamente os procedimentos que desejava para seu funeral ⁶. Esse desejo possibilita considerá-lo como uma premonição “dos possíveis suicídios...”(verso 41) que acontecerão quase 50 anos mais tarde. Nota-se que Nava adotou o Testamento, prática muito utilizada na Idade Média, segundo Philippe Ariès, e que consistia em deixar por escrito, em testamento, os desejos do morto para seu velório e enterro.

Assim, enquanto em “O defunto” Nava exige toda a pompa fúnebre barroca para seu velório, na carta enviada aos amigos em 1975, o médico-escritor, já mais velho, parece sentir a presença da morte e, humildemente, pede simplicidade: “Não importa que me vistam (...); Desejo que me dêem o caixão dos pobres (...); Nada de enterro pomposo” (Nava, *O Globo*, 6/11/1999), humildade que pode ser considerada uma herança do século XVIII que consistia em uma “vontade de simplicidade dos funerais” (Ariès, 1977, Tomo II, p.178). A carta de Nava aos amigos pode também ser vista como um costume antigo. Isto é, na metade do século XIX, “época de inflamação sentimental”,

⁶ Matéria sobre a morte de Pedro Nava. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1984.

era comum que as pessoas exprimissem seu desejo de ser enterrado junto aos seus. Segundo Philippe Ariès, “essas instruções não eram dadas em um testamento. Quando eram escritas, o que não era muito freqüente, elas eram confiadas a uma carta fora do testamento” (Ariès, 1977, Tomo II, p.179). Declara Nava: “Quero ser sepultado (faço questão disto) no Cemitério de São Francisco Xavier (Caju) com minha Mãe ou meu Pai” (Nava, *O Globo*, 6/11/1999).

Um último aspecto relevante é a exigência de Nava de que seu corpo seja embalsamado: “Faço absoluta questão desse embalsamamento pois atravessei a existência aterrado com a idéia de ser sepultado vivo” (Nava, *O Globo*, 6/11/1999). Esse desejo resgata o “pânico universal” que “tomou conta dos espíritos à idéia de ser enterrado vivo” e que “se manifestou pela primeira vez nos testamentos, mais ou menos na metade do século XVII” (Ariès, 1977, tome II, p. 105-106).

E “o possível suicídio”, anunciado no poema, vai se transformar em “trágica realidade” (Aguiar, 1998, p.134) em 13 de maio de 1984. Antecipando a natureza, com um único tiro, Nava coloca um ponto final na sua longa trajetória e vai ao encontro da Morte.

Memórias Rebeldes

A tradição memorialística brasileira comporta duas correntes principais: uma, que se limita à experiência privada de um indivíduo, e outra, que se reduz a uma simples coleção de fatos inseridos arbitrariamente na trama de uma história pessoal. Segundo José Paulo Netto, o gênero memorialístico, conduz, com raras exceções, “a um beco-sem-

saída” pois raramente os “produtos memorialísticos ultrapassam o princípio lírico-subjetivo do gênero” (Netto, *Diário Mercantil*, 17/09/1973).

Na década de 1970 houve um surto memorialista no Brasil, que se apresenta como um “fenômeno típico de qualquer sociedade que vive debaixo de censura férrea onde os escritores, poetas e músicos fogem através de relatos longe de seu tempo e espaço” (Lopes, *Diário da Tarde*, 20/08/1979). Com a abertura política e “a volta dos ex-exilados ao país, o *boom* da escrita autobiográfica não tardaria a ter lugar na história da literatura contemporânea” (Sousa, 2004, p.19). O retorno dos exilados políticos traz também a narrativa de tipo autobiográfico e o relato “descuida-se das relações familiares do narrador/personagem centrando todo o interesse no envolvimento político do pequeno grupo marginal”, na experiência vivida (Santiago, 1989, p.32). Os textos memorialistas desse período apresentam-se em dois grupos: “o dos exilados e os que herdaram dos velhos modernistas” (Santiago, 1989, p.32). Nava integrou o segundo grupo, cuja ambição era a de “recapturar uma experiência não só pessoal como também do clã senhorial em que se inseria o indivíduo” (Santiago, 1989, p.33).

Dentro da vaga memorialista dos anos 1970 destaca-se também a obra de Antônio Carlos Villaça *O nariz do morto*, livro publicado em 1970 ao qual se seguiram *O anel* (1972), *O livro de Antonio* (1974) e *Monsenhor* (1975). Em *O nariz do morto*, considerado sua obra-prima, Villaça relata sua crise existencial nos anos passados no mosteiro. Trata-se ainda de memórias no sentido tradicional, isto é, uma coleção de episódios de sua vida pessoal.

Nesse mesmo ano de 1970, José Paulo Netto chama a atenção para a publicação – estranhamente interrompida – de *Memórias de um escritor* (antecedidas de *Memórias de*

um soldado) de Néelson Werneck Sodré que “mostrava concretamente a possibilidade de relatos autobiográficos cujo valor imanente se inscrevesse, simultaneamente, ao nível do histórico e do literário”, rompendo assim, com o “princípio lírico-subjetivo” do gênero ao resolver o problema da “literariedade na assunção da historicidade” (Netto, *Diário Mercantil*, 17/09/1973). É nessa mesma linha que José Paulo Netto situa a primeira parte das *Memórias* de Pedro Nava, que merece “mérito idêntico embora obtido através de procedimentos muito diversos, e de uma postura histórica distinta” (Netto, *Diário Mercantil*, 17/09/1973).

Em 1972, a publicação de *Baú de Ossos* causou impacto com uma memorialística que é “também interpretação e essa interpretação é fruto da imaginação” (Nava, Entrevista ao jornal *Correio das Artes*, 26/06/1983). Tal procedimento conferiu à sua obra um ar ficcional e o leitor habituado “a receber a verdade sob o aspecto da ficção quando chega às partes onde os acontecimentos já estão sob controle de memória do Narrador, não nota qualquer mudança essencial entre as duas esferas” (Candido, 1989, p.62). Carlos Drummond de Andrade (*Boitempo* 1968 e *Menino Antigo* 1973) e Murilo Mendes (*A idade do Serrote* 1968) também escreveram obras memorialistas na mesma época “criando o tempo da infância e refletindo sobre a estrutura patriarcal e latifundiária mineira” mas não se propuseram “a realizar uma narrativa de dimensão épica e monumental da forma como o texto de Nava se notabilizou” (Sousa, 2005, p.15).

De fato, Nava não se filiou à tradição e construiu sua obra memorialística à sua moda: “Eu sempre tive medo de escrever minhas memórias *à maneira de*. Eu quero fazer – boa ou má – a memorialística à minha moda” (Nava, entrevista ao jornal *Correio das Artes*, 26/06/1983). Quando começou a escrever *Baú de Ossos* declarou ter cortado de

suas leituras “tudo quanto é memória, para não ter a tendência a imitar, para não cair na tentação de fazer algo semelhante” (Nava, Entrevista a Lourenço Dantas, *O Estado de São Paulo*, 15/02/1981). Pedro Nava coloca-se à margem e entra no rol dos dissidentes, ao inserir-se em um grupo que reformulou o gênero memorialístico pois inscreve “seus relatos autobiográficos, simultaneamente, ao nível do histórico e do literário” (Netto, 16 e 17/09/1973), como ressaltou José Paulo Netto. Ao declarar estar “fazendo uma obra que não se pode situar dentro do memorialismo ortodoxo” (Nava, In: Caminha, 1995, p.14), Nava não se filia “nem na tradição restante do memorialismo do século XIX, com Taunay, Joaquim Nabuco, Helena Morley nem na do século XX, com Gilberto Amado, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos, Afonso Arinos de Melo Franco entre outros” (Arrigucci Jr., 1987, p.74).

Apesar do esquema genérico da autobiografia, comum a toda obra memorialística, o aspecto autobiográfico assume, nas *Memórias*, uma feição muito particular que a afasta dessa tradição. Eneida Maria de Sousa afirma que *Baú de Ossos* “propiciou a releitura do cânone literário brasileiro” pois com a estréia de Nava “descortina-se novo panorama para as letras nacionais, no qual se mesclam a história e a ficção, a tradição e o novo, com o objetivo de ampliar a concepção de escrita memorialista e de modificar o estatuto do texto literário” (Sousa, 2004, p.19). Nava não só resgatou um gênero que se encontrava “em baixa, mas este se impõe como referência para a história, a política e a cultura das primeiras décadas do século XX” (Sousa, 2004, p.19). Apesar de serem antes de tudo um depoimento pessoal, as *Memórias* naveanas são também documento de uma época “graças ao domínio de uma língua e de uma cultura que lhe permite chancelar como seu um patrimônio comum” (Dimas, In: *O Estado de São Paulo*, 18/09/1976). Nava lança-se

na empreitada de “um grande afresco no qual o itinerário autobiográfico faz as vezes de um ponto de vista objetivo a respeito dos destinos paralelos de uma família, de uma geração, de uma classe, de uma nação e, por essa via, de toda a sociedade” (Miceli, 2001, p.84-85).

De modo geral, o discurso autobiográfico e memorialístico se legitima como coroamento de uma obra já produzida e canonizada; interessa divulgar a trajetória de vida de um artista já consagrado pela crítica. Na literatura brasileira, as *Memórias* de Nava constituem, entretanto, um caso à parte porque, como observou Marília Rothier Cardoso, “os seis volumes que a compõem, é que produziram o escritor. Seu bom acolhimento, no espaço público, não foi preparado por nenhum romance ou livro de poesia” (Cardoso, 2001, p.40), apesar de já ter publicado dois livros sobre a história da medicina, poemas e crônicas. O fato de sua obra memorialística pretender dar conta de uma época e “tematizar lembranças aproximou-o do leitor comum, que se viu impelido a escrever-lhe como a um amigo, de igual para igual” (Cardoso, 2001, p.40). Possuindo um arquivo considerável construído ao longo de sua vida, Nava estava sempre pronto para acrescentar dados novos à sua coleção: “se me fazem uma revelação que interesse às minhas memórias, ao desenvolver do meu trabalho (...) geralmente eu tomo nota, saio sempre com um papel no bolso” (Nava, In: Caminha, 1995, p.18). As notas selecionadas em fichas transformavam-se em material possível para sua obra sempre aberta e em construção. Recebia de tudo: fotos, livros, recortes ou simplesmente impressões de leitura, “numa comovente prova de admiração” (Castro, *Diário do Nordeste*, 17/06/1984) de seus inúmeros leitores. Para esses leitores, as *Memórias* “funcionam, invariavelmente,

como espelho, onde os leitores-missivistas se miram para a modelagem de seus próprios perfis” (Cardoso, 2001, p.41).

Assim, trata-se de um memorialista ímpar, que não encontra seu lugar em nenhuma daquelas duas correntes da memorialística tradicional. As *Memórias* são o resultado de uma visão do mundo muito particular e, apoiando-se em fatos vividos, sua obra não perde o caráter de criação. De fato, ela enriquece o gênero memorialístico ao inaugurar uma nova forma de expressão literária em que “memória e imaginação se fundem como elementos essenciais ao processo de criação” (Scalzo, *O Estado de São Paulo*, 3/6/1984).

Em seu artigo “Memoria y Tradición”, o escritor argentino Ricardo Piglia diz que “os fragmentos e os tons de outras escrituras voltam como recordações pessoais” (Piglia, 1991, p.60). Tal procedimento assemelha-se à “estrutura dos sonhos onde restos perdidos reaparecem às vezes com mais nitidez que as recordações vividas” (Piglia, 1991, p.60). As *Memórias* seguem estrutura semelhante na medida em que o memorialista é um narrador de fatos, “um contador de coisas passadas; mas, pela interpretação que pode fazer do tempo, ele entra um pouco na ficção – não na de invenção, mas na de contar o verossímil, o possível” (Nava, In: Caminha, 2003, p.16).

A reconstrução desse passado faz-se através da representação de outros. Na verdade, a voz do narrador é apenas uma entre as múltiplas vozes que formam o universo das *Memórias* “eu sou pretexto para contar aqueles fatos. Em minhas memórias, sempre murcho a minha presença” (Nava, Entrevista a Lourenço Dantas, *O Estado de São Paulo*, 15/2/1981). Apesar de conduzir o fio de seu relato, o narrador tem como objetivo maior dar voz aos outros, imprimindo um caráter pluralista à sua obra. No universo das

Memórias, cada objeto pode representar um outro, cada fato acontecido pode evocar ou representar um outro. O mergulho no passado representa a busca de um mundo que não existe mais e, certamente, nunca existiu; de fato, esse mundo é uma construção do próprio Autor. Nava opta, não pelo simples autobiografismo ou pela simples historiografia, mas pelo que José Paulo Netto denominou “recuperação ficcional”, isto é, a “reconstrução seletiva e o testemunho crítico de um tempo através de uma personalidade” (Netto, 1973). As *Memórias* são feitas de fragmentos, ruínas do passado que o memorialista reconstrói no desejo de representar algo que se perdeu.

Um outro aspecto relevante da excepcionalidade de Nava “reside na sua ruptura com o nosso memorialismo apologético ao fixar, em traços indeléveis e deliciosos, a ambiência e a estrutura humana de uma comunidade provinciana em cujo apogeu já emergiam as sementes da decadência” (Netto, 1973). Pode-se dizer que Nava reescreve a história ao devassar a intimidade das “grandes famílias”, “dos benfeitores e beneméritos”, desmistificando e revelando um universo já em decadência (Calou Filho, *Diário da Tarde*, 13/08/79). Essa sociedade decadente revela a fragilidade e a caducidade do que aparenta ser sólido, deixando entrever o espectro de sua ruína.

Nava transformou sua obra memorialística em um gênero híbrido que se aproxima “do ensaio histórico-sociológico construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil” (Candido, 1976, p.130). Segundo Antonio Candido, é a essa forma de investigação que “devemos a pouco literária *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana, a obra de Gilberto Freyre e as *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda” (Candido,

1976, p.130). O fato de romper com a tradição cronológica e descritiva própria do gênero memorialístico e ter também uma grande preocupação pela intensa pesquisa histórica e um grande interesse sociológico pela sociedade em que vivia permite situá-lo no grupo desses escritores-ensaístas que, transitando entre a verdade histórica e a criação literária, empreenderam um esforço de explicação do Brasil, muito dentro do espírito da época de composição de seus livros.

Inúmeras razões dificultam o enquadramento da obra literária de Nava no gênero canônico, memórias. As particularidades de sua obra levaram Arrigucci Jr. a dizer “ser outra a família espiritual desse memorialista *sui generis*” já que seu projeto, “implícito nas *Memórias*, é o de uma narrativa enorme, de uma forma épica capaz de documentar o vasto conteúdo da formação sócio-cultural brasileira” (Arrigucci Jr.,1987, p.76-77). Sua obra revela “afinidades íntimas com obras e autores, também completamente diferentes entre si, como *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Hollanda e *O Ateneu*, de Raul Pompéia”(Arrigucci Jr., 1987, pp.74-75)⁷.

A semelhança de Nava com Gilberto Freyre se dá, por um lado, na mistura de história pessoal com “a reconstituição histórico-cultural do passado do país” (Arrigucci Jr., 1987, p.75), porém em sentido inverso. O memorialista parte da autobiografia, “enlaçando a história íntima do indivíduo à história dos grupos” e transforma sua obra no “espaço mais amplo e complexo das relações sociais e históricas” enquanto em Freyre, a evocação “reverte no presente e se faz ao mesmo tempo história íntima do autor”

⁷ Sobre a influência de Gilberto Freyre, Raul Pompéia e Sérgio Buarque de Hollanda nas *Memórias*, consultar o artigo “Móvil da Memória” de Arrigucci Jr. in: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 73-78.

(Arrigucci Jr., 1987, p.75). Por outro lado, os documentos que os dois autores utilizam é de natureza mesclada e heterogênea: “jornais, revistas, diários íntimos, anúncios, receitas de cozinha e tantos outros documentos inusitados” (Arrigucci Jr., 1987, p.75).

José Guilherme Merquior, analisando as semelhanças entre as obras do memorialista e do sociólogo, concluiu que “Gilberto Freyre é o Nava do patriarcado” (Merquior, 1981, p.272). A afirmação causa certo estranhamento à primeira vista porquanto cronologicamente Nava e as *Memórias* vêm depois de Gilberto Freyre e *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e mocambos* (1936). Todavia, na comparação de Merquior, o efeito é como se “Nava tivesse criado o modelo ao qual, antes mesmo de existirem as *Memórias*, se ateu Gilberto Freyre em sua análise do patriarcado brasileiro”, o memorialista seria “o geral e paradigmático, e o mestre de Apicucos a ilustração particular desse modelo, embora seja anterior a ele” (Cançado, 2003, p.149). Essa leitura não-linear da história literária que privilegia o que vem depois foi apontada por escritores e críticos como Jorge Luís Borges, Ítalo Calvino, Michel Butor e Octavio Paz entre outros. Para Borges, “todo escritor cria seus precursores. Sua obra modifica nossa concepção do passado, como haverá de modificar o futuro” (Borges, 1960, p.203), isto é, “a existência do posterior não é consequência mas pode ser até mesmo condição de existência do anterior, já que o posterior permite a leitura de aspectos anteriormente invisíveis do anterior” (Perrone-Moisés, 1998, p.33). Nesse sentido, a obra memorialística naveana pode ser lida como “uma força de ação póstuma que sobrevém ao já irremediavelmente havido”(Cançado, 2003, p.140), o que levou José Maria Cançado a

denominá-la “Memória Vidente”⁸, isto é, “memória não replicante, que não coincide com a reminiscência, mas abre e faz fremer, nos quadros do passado e também nos temas da nossa formação, as marcas de uma alteridade e o rosto de outros sujeitos – fantasmas irrefutáveis do que somos” (Cançado, 2003, p.202-203).

As *Memórias* apresentam também, sob vários aspectos, afinidades com *O Ateneu*, como observou Arrigucci Jr. Um primeiro traço comum com o livro de Pompéia está na mescla da ficção com a memória, na forma confessional da “Crônica de saudades”, subtítulo de *O Ateneu* “mas que também define, em larga medida, o que são as *Memórias*” (Arrigucci Jr., 1987, p.82). O tema dos dois escritores é a evocação das experiências vividas nos tempos de colégio. Em *Balão Cativo e Chão de Ferro*, que relatam a vida do memorialista no internato do Colégio Pedro II, Nava revela a semelhança com Raul Pompéia: “Tudinho como no *Ateneu* de mestre Pompéia” (Nava, 1976, p.6). Além das epígrafes, em alguns momentos o memorialista enxerta trechos de *O Ateneu* que se integram harmoniosamente em seu texto:

Os colegas começavam a dormir. *Alguns afetavam um esboço comovedor de sorriso ao lábio; alguns a expressão desanimada dos falecidos, boca entreaberta, pálpebras entrecerradas, mostrando dentro a ternura embaciada da morte.* Mas... com todos os diabos! Isso é *Ateneu*, não é meu, é Chácara do Mata e nós estamos em meio século dos depois ou mais, estamos no Campo de São Cristóvão (Nava, 1977, p.284).

Outros pontos comuns aos dois escritores são o estilo e o gosto pela caricatura. Afrânio Coutinho diz que “o frenesi com que Pompéia escreveu *O Ateneu* terá sido o maior responsável por sua *melée* estilística” (Coutinho, 2004, p.178). A afirmativa

⁸ Um estudo aprofundado desse tema está no livro *Memórias videntes do Brasil – A obra de Pedro Nava*, José Maria Cançado, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

caracteriza também perfeitamente as *Memórias*. Pompéia e Nava privilegiam o toque impressionista com “notações concernentes a elementos pictóricos ou gráficos” no qual “o pormenor, os gestos, os tiques, o particular” importam mais do que o geral (Coutinho, 2004, p.180). O dom da observação e a “ótica do desenhista” transformaram os dois escritores em exímios caricaturistas das palavras.

O Ateneu está impregnado na memória de Nava de tal modo que algumas descrições de Raul Pompéia poderiam perfeitamente fazer parte das *Memórias*. Veja-se o exemplo: “Dentre as suíças, como um gorjeio no bosque, saía um belo nariz alexandrino de dois hemistíquios, artisticamente longo, disfarçando o cavalete da cesura, tal qual os da última moda no Parnaso”(Pompéia, 1973, p.98).

Ao descrever o professor de geografia do Colégio Pedro II, Nava retoma o traço caricaturesco de Pompéia:

olhá-lo era como fitar a cabeça da Medusa. Tinha a face toda serpenteada de veiazinhas roxas cujos cursos, confluências, estuários, embocaduras e deltas se multiplicavam no nariz a pique e nas bochechas sensíveis como dunas ao vento. Toda a superfície de sua pele era cheia de velhas cicatrizes de acne juvenil, de furúnculos e bexigas – que faziam de sua testa e queixo uma sucessão de montanhas e vales, uma teoria de picos, talwegues, escarpas, encostas, ravinas, erosões, gargantas, ocos e declives (Nava, 1976, p.11).

Além de *Casa Grande e Senzala* e *O Ateneu*, as *Memórias* de Nava aproximam-se também de *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda. Ambos os autores demonstram a mesma “preocupação que aparece escorada por uma visada teórica e interpretativa desvencilhada do passado e, ao contrário, nitidamente empenhada em reconhecer os entraves com que sua herança emperrava o processo de modernização do país” (Arrigucci Jr, 1989, p.77). Sérgio Buarque de Holanda buscou redescobrir e reconhecer o país e destacou o familismo como “a causa enfermiza dos nossos males e do nosso descompasso político e econômico (Cançado, 2003, p.123). Nava também entra no

mundo brasileiro pelo familismo e, ao contrário da tendência memorialística caracterizada pela reprodução de “uma concepção de mundo repleta de tradicionalismo e, comumente, conservadora” (Arruda, 1988, p.33), na obra naveana a memória familiar, não é um “gesto de auto-reparação mas é a decisão de tudo recompor (...), de decalar o solo histórico-familiar, de *quarupizar* esse solo e seus mortos nele enterrados, que ele ceda” (Caçado, 2003, p.128).

Assim, ao documentar o extenso conteúdo da formação sócio-cultural brasileira, Nava confere um aspecto múltiplo às *Memórias*, pois a história de sua gente mistura-se à história de outros grupos, a autobiografia desliza para a biografia e a experiência vivida se confunde com a imaginação e transforma sua obra em uma mescla de saberes. Nava pode ser considerado um escritor híbrido que reúne em si características do historiador, do sociólogo, do médico e do escritor. Essas diversas assinaturas permitiram-lhe misturar observação e imaginação, documento e memória, língua culta e fala oral. Essa mescla de conhecimentos, ao neutralizar as fronteiras entre pares contraditórios, resultou em uma obra que não se confina à simples demarcação dos limites da memória.

Considerações Finais

A hipótese deste trabalho, feita a partir da Apresentação, foi estabelecer uma relação indissociável entre a obra médica e as *Memórias*. Apesar de terem sido escritas em épocas diferentes e versarem sobre temas igualmente diferentes, elas têm em comum o fato de terem sido escritas por um narrador cujas características fundamentais, isto é,

ser médico e escritor, alternam-se ao longo da obra, dando-lhe unidade na sua grande diversidade.

Assim, partindo de *Território de Epidauro* e *Capítulos da história da medicina no Brasil*, e rastreando as pistas deixadas pelo narrador, foi-se, aos poucos, revelando a dupla presença do literato por detrás do historiador de medicina e do médico por detrás do memorialista. Essas duas facetas de Nava apresentam-se de tal modo imbricadas que, observando atentamente, pode-se dizer que Nava sempre escreveu memórias. Seus livros de medicina podem ser considerados memórias médicas que funcionam como ponto de partida para as memórias pessoais do autor e contêm todas as raízes que germinaram em sua obra memorialística.

A unidade da obra naveana se deu através da literatura. De fato, foi a presença do escritor que possibilitou ao historiador ultrapassar seus limites e transformar sua obra médica em obra literária, “antecipando em *Território de Epidauro* o escritor de memórias que viria a ser duas décadas depois” (Resende, *O Globo*, 19/06/1976). O cunho literário evidenciado em sua obra médica está intimamente ligado ao procedimento que consiste em completar com a imaginação poética as insuficiências do arquivo documental e mesclar seus “relatos autobiográficos simultaneamente, ao nível do histórico e do literário” (Netto, *Diário Mercantil*, 16 e 17/09/1973), construindo uma historiografia cultural na qual se aliam ficção e poesia.

A publicação de *Baú de Ossos* inseriu Nava na retomada da tradição memorialística que, como observou Eneida de Sousa, “representava para a crítica a necessidade de refletir sobre conceitos até então recalcados pela vanguarda literária, tais como o de tradição, de memória e de autobiografia” (Sousa, 2000, p.14).

Distanciando-se, no entanto, de escritores consagrados como Carlos Drummond de Andrade (*Boitempo e Menino Antigo*) e Murilo Mendes (*A idade do Serrote*), que já haviam realizado obras de teor memorialístico, Nava inaugurou uma nova narrativa ao dar uma dimensão monumental a seu texto, transformando as *Memórias* em “referência para a história, a política e a cultura das primeiras décadas do século XX” (Sousa, 2000, p.14). A obra de Nava apresenta-se como testemunho de uma época e não apenas como relato autobiográfico, mas deixa transparecer, através de um olhar crítico, um desejo de resgate de origem. Assim, sua história da medicina busca as origens da Medicina no Brasil, revelando as raízes da profissão que escolheu para “incluir o eu num todo fulgurante: a tradição médico-científica do país” (Aguiar, 1999, p.154). Do mesmo modo, nas *Memórias* esse desejo de enraizamento jorra com a mesma força e vai-se revelar no esforço do memorialista em dar uma explicação do Brasil e traçar o retrato de uma geração e de uma época no intuito de testemunhar um momento cultural brasileiro do qual ele participou. Nava revelou seu lado modernista e subjetivo ao buscar o contato direto com a realidade brasileira, situando-se em um território fronteiro ao acionar dispositivos alternativos em relação à tradição sem, no entanto, abrir mão de sua herança culta e iluminista.

Transitando entre o arquivo morto do passado e sua formação modernista que rompe com o passado parasitário, Nava transforma seu texto memorialístico em lugar possível para o diálogo, aparentemente impossível entre presente e passado. Nava está possuído pelo que Jacques Derrida denominou “mal do arquivo”, isto é, “ter a paixão e a nostalgia da origem, o desejo infinito da memória e do esquecimento” nas palavras de Eneida Sousa (Sousa, 1998, p.81). No entanto, essa nostalgia apresenta-se, em sua obra,

como uma operação de desejo de resgate existencial que se reconstrói no presente. É do presente que o memorialista olha o passado e sua recuperação se faz através de fragmentos esparsos. Tal prática arqueológica distingue-se do resgate da origem pois está fraturada e depende de outras vozes para reconstruir o que foi. Situado assim, entre o desejo de buscar sua raiz e a impossibilidade de realizá-lo, o memorialista, empenhado na reconstituição do passado, mesmo sabendo-a impossível, constrói uma obra rizomática, uma obra aberta, imprevisível, que configura a procura pelas origens, ainda que inalcançáveis. Tal procedimento faz de sua obra um produto híbrido, pois nela os saberes diversos misturam-se aos acontecimentos vividos, cabendo ao memorialista processar a triagem dos elementos múltiplos que encontram em seu texto um ponto de convergência.

O que impressiona em Nava é sua capacidade de dar um cunho literário a tudo o que escrevia. Embora a medicina tenha cerceado temporariamente o gênio literário de Nava, não o destruiu. Ao contrário, ele voltou com a força de "um aneurisma que se rompe". Trata-se da vitória do gênio literário que constitui a essência do autor e que faz dele um eleito, um visionário sobre as condições conjunturais da existência (estudante, médico, família tradicional, momento histórico e literário), por definição secundárias mas, não obstante, indispensáveis à visibilidade do gênio literário.

Este trabalho objetivou traçar o percurso de um memorialista que, devido à sua formação médico-literária, sempre conciliou o médico e o escritor: "Ser médico ajuda a ser escritor" (Nava, Entrevista *Fatos e Fotos*, nº 794, 7/11/1976). Assim como a literatura foi fundamental para sua obra médica, a medicina enriqueceu sua escrita memorialística instituindo a precisão da palavra, a meticulosidade clínica e a observação visual, características essenciais para "um bom diagnóstico" (WYLER, *Jornal do Brasil*.

Caderno B, 4/06/1983). Pode-se dizer que a obra de Nava é uma trajetória do médico que cura ao médico que se cura ao transformar traços mnemônicos em escrita terapêutica.

Referências Bibliográficas

- ACTES DU SÉMINAIRE DU CENTRE DE RECHERCHE TEXTE/HISTOIRE DE L'UNIVERSITÉ DE CERGY-PONTOISE. *Arts littéraires, arts cliniques*. Textes réunis et présentés par Romuald FONKUA, Brigitte GALTIER, Caroline JACOT GRAPA. Université de Cergy-Pontoise-Centre de Recherche Texte/Histoire, Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- ADORNO, Theodor W. Adorno. "O ensaio como forma". Org. Gabriel Cohn. Coordenação Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1986. p.167-187.
- AGUIAR, Joaquim Alves de. "O médico historiador e o memorialista". In: *Novos Estudos*, Cebrap, nº 53, pp.151-165. São Paulo, 1999.
- _____. *Espaços da memória- Um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Edusp, 1998.
- ALI RAMADAM, Zacaria Borge. In: J.C. ISMAEL. *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.
- ALMEIDA, Guilherme. *Flores das "Flores do Mal"*. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.

- ALVIM, Thereza Cesario. “Pedro Nava, um mineiro de propósito” *O Estado de São Paulo*, 17/12/1972.
- ANDRADE, Maria Soares e SIMÕES, Maria Izabel. *Dicionário de Mitologia Greco-Romana*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6.ed., São Paulo: Martins, 1978.
- _____. *Namoros com a medicina*. 4ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- _____. *Correspondente Contumaz* (cartas a Pedro Nava). 1925-1944. Edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori e ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentidos da Formação*. Três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ARIÈS, Philippe. *L’homme devant la mort. Le temps des gisants* Tome I. Paris: Seuil, 1977.
- _____. *L’homme devant la mort. La mort ensauvagée* Tome II. Paris: Seuil, 1977.
- ARRIGUCCI Jr. David. “Dentro do texto, dentro da vida”. In: *Ensaio sobre Antonio Candido*. Organizadoras: Maria Angela D’Incao e Eloísa Faria Scarabôto. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. “Móvil da memória” In: *Enigma e Comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Minas: tempo e memória. O eixo e a roda, FALE/UFMG, v.6, julho 1988.
- ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia de poetas bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1946.
- BARATA, Celso. “Memórias de mestre”. *Veja*, São Paulo: Abril, 16/09/1981.
- BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e artifício- iberismo e barroco na formação americana*. Apresentação de Luis Werneck Vianna. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BASBAUM, Cláudio. In: JC Ismael *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.
- BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du mal*. Tradução Guilherme de Almeida: *Flores das “Flores do Mal”*. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. 2.ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.

- _____. Rua de mão única. *Obras escolhidas* volume 2. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Charles Baudelaire*. Trad. Jean Lacoste, Paris: Payot, 1979.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- _____. “A literatura comparada e as literaturas periféricas” In: *Limiares críticos-Ensaio de Literatura Comparada*. pp.39-44. MARQUES, Reinaldo, BITTENCOURT, Gilda Neves. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- BOLLE, Willi. “Gêneros literários urbanos:Berlim, Paris, São Paulo”. In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº132, Rio de Janeiro, jan.-mar., 1998. pp.75-94.
- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Tradução de Regina A. Machado. Organização de texto Maria Andréa Loyola e Regina A. Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BORGES, Jorge Luís. *Otras Inquisiciones*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1960.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 6ª edição, 1998.
- BPI - BIBLIOTHÈQUE CENTRE POMPIDOU. *Littérature et médecine ou les pouvoirs du récit*. Colloque organisé avec le soutien de Institut UPSA de la douleur. Paris: Bpi/Centre Pompidou, 2001.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1996.

- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª edição, 1997.
- BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da memória. Uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- BURKE, Peter. *A escrita da História*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- CALOU FILHO, José Ivan. Juiz de Fora, *Diário da Tarde*, 13/08/79.
- CAMBRONNE, Chantal. “En analyse. L’écriture n’est pas une thérapie” In: *La Faute à Rousseau* nº 36, Ambérieu-en-Bugey, Imprimerie Chirat, juin 2004.
- CAMINHA, Edmilson. *Pedro Nava: em busca do tempo vivido*. Teresina: Corisco, 2003.
- CAMPOS, Haroldo. “Da razão antropofágica: a Europa sob o signo da devoração”. In: *Colóquio/Letras* nº 62, São Paulo: julho 1981.
- CANÇADO, José Maria. *Memórias videntes do Brasil- A obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5ª edição. São Paulo: Nacional, 1976.
- _____. “Poesia e ficção na autobiografia” In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª edição, São Paulo : Ática, 1989.p.51-69.
- _____. “A Nova Narrativa”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, pp.199-215.
- _____. “A vida ao rés-do-chão”. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

- _____. *Textos de Intervenção*. Seleção, apresentação e notas Vinícius Dantas., São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2002.
- _____. “Prólogo”. In: MARTINS, Carlos Benedito (org.). *Diálogos entre o Brasil e a França. Formação e cooperação acadêmica*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2005.
- CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida e SALLES GOMES, Paulo Emílio. *A personagem de ficção*. 9ª edição, São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1995.
- CARDOSO, Marília Rothier. “O memorialista como colecionador”. In: *Memórias Mineiras. Pedro Nava e outros textos*. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação do CES/JF, dez.2001.
- _____. “Arquivos em confronto” *Gragoatá* nº15, Niterói, EdUFF, 2º semestre 2003. pp.43-53.
- CASTELLO, José. *Artes da cura e da mistificação. Valor*, São Paulo: março 2004.
- CASTRO, Tarso de. “Pedro Nava, somente”. Fortaleza-Ceará, *Diário do Nordeste*, 17/06/1984.
- CHIARA, Ana Cristina de Rezende. “Um homem no limiar- Sobre a morte na obra de Pedro Nava”. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras, PUC, 1989.
- CHNAIDERMAN, Miriam. “Memória: ideograma e montagem” In: *Identidade e memória*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 95: 5/8 out.-dez.,1988, pp.65-72.

- Colloque *Littérature et Médecine ou les pouvoirs du récit*. Paris: BPI/ Centre Pompidou, 2001.
- COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.
- CORDEIRO, Hésio. In: Loyola, Maria Andréa. *Médicos e Curandeiros. Conflito Social e Saúde*. São Paulo: Difel, 1984.
- CORNEJO-POLAR, Antonio. “Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes” In: *Revista Iberoamericana*, vol.LXIII, nº 180, julio-setiembre, 1997, pp.341-344.
- COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A Literatura no Brasil*. Direção: Afrânio Coutinho; co-direção Eduardo de Faria Coutinho. 7.ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- CURTIUS Ernst R. *Literatura européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp, 1996.
- DAIBERT, Arlindo. *Caderno de escritos: Arlindo Daibert*. Organização de Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1995.
- DANOU, Gérard. *Le corps souffrant. Littérature et Médecine*. Collection dirigée par Murielle Gagnebin. L’or d’Atalante. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1994.
- _____. “Sur les écritures de la maladie” In: *Actes du Séminaire Arts littéraires, arts cliniques*. Université de Cergy-Pontoise, 2003.
- _____. “Littérature et médecine” In: *Littérature et médecine ou les pouvoirs du récit*. Paris: BPI/ Centre Pompidou, 2001.

- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. vol.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- _____. *Kafka, pour une littérature mineure*. Paris: Minuit, 1975.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIMAS, Antônio. “Um modelo para nossas memórias”. In: *O Estado de São Paulo*, 18/09/1976.
- DONSOUZIS Sevasty Gomes e FROTA, Marcelo Oliveira. “Asclépio, o Deus grego da Medicina” In: Suplemento Cultural, Jornal brasileiro de medicina, vol.77, nº 91, setembro 1999, pp.6-10.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Carta de Drummond sobre Território de Epidauro. Rio de Janeiro: 6 de setembro de 1947 (Arquivo Casa Rui Barbosa).
- FIGUEIREDO, Eurídice e GLENADEL, Paula. *O francês e a diferença*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Introduction, notes, sommaire, bibliographie et appendice Bernard Ajac. Paris: Garnier Flammarion, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18ª edição. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *O Nascimento da Clínica*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9ª edição. São Paulo: Loyola, 2003.

- _____. A escrita de si. In:– *O que é um autor?* Trad. Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2002.
- FREIRE, Geraldo de Campos. In: JC Ismael, *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.
- FREUD, Sigmund. “Além do Princípio do Prazer” In: *Obras Completas*. 1º edição, 1920, v.XVIII. Tradução Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. “O Estranho” In: *Obras Completas*. Tradução Jaime Salomão. São Paulo: Imago, 1976.
- FRIAS, Ivan. *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.
- FRIEDMANN, Antonio Américo. In: J.C. Ismael. *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin Os cacos da História*. Tradução: Sônia Salzstein. Editora Brasiliense, São Paulo, s/d.
- GARCIA, Celina Fontenele. *A escrita Frankenstein de Pedro Nava*. Fortaleza, Edições UFC, 1997.
- GIDE, André. *Si le grain ne meurt*. Paris, Gallimard, 1972.
- GLISSANT, Edouard. “La poétique de la relation”. In: *Le discours antillais*. Paris, Seuil, 1981.
- _____. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- GRAGOATÁ, Revista do programa de Pós-Graduação em Letras, (2º semestre 2003) n.15, Niterói: EdUFF, 2003.

- GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Paris: Editions Odile Jacob, 1991.
- HARDIVILLIERS, Axel. “Graphomanie” In: *La Faute à Rousseau* n° 36, Ambérieu-en-Bugey, Imprimerie Chirat, juin 2004
- HOLANDA, Gastão. “O escritor e seu alter-ego”. *O Globo*, 24/04/81.
- HOSSNE, William Saad. In: J.C. Ismael. *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.
- JAY, Martin. “The uncanny nineties” In: *Cultural semantics: Keywords of our time*. Massachussettes: University of Massachussettes Press, 1998.
- J.C. ISMAEL. *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.
- KAUFMANN, Vincent. “Le médecin, le prêtre et l’hystérique” In: *Littérature et médecine ou les pouvoirs du récit*. Paris: BPI/ Centre Pompidou, 2001.
- KLUG, Wilmar Artur. In: JC Ismael: *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.
- KRISTEVA, Julia. *Pouvoirs de l’horreur. Essai sur l’abjection*. Paris: Seuil, 1980.
- LA FAUTE À ROUSSEAU Revue de l’association pour l’autobiographie et le patrimoine autobiographique n. 42. Ambérieu-en-Bugey: juin 2006.
- LA FAUTE À ROUSSEAU Revue de l’association pour l’autobiographie et le patrimoine autobiographique n. 26. Ambérieu-en-Bugey: février 2001.
- LA FAUTE À ROUSSEAU Revue de l’association pour l’autobiographie et le patrimoine autobiographique n. 34. Ambérieu-en-Bugey: octobre 2003

- LA FAUTE À ROUSSEAU Revue de l'association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique n.36. Ambérieu-en-Bugey: juin 2004
- LAPLANCHE, Jean et PONTALIS, J.B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1967.
- LE GOFF, Jacques, LADURIE, Emmanuel Le Roy, DUBY, Georges, CERTEAU, Michel, VEYNE, Paul, ARIÈS Philippe, NORA, Pierre e outros. *A Nova História*. Trad. Ana Maria Bessa. São Paulo: Edições 70, 1986.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1996.
- _____. *Je est un autre*. Collection poétique. Paris: Seuil, 1980.
- _____. *L'Autobiographie en France*. Paris: A. Colin, 1971.
- _____. *Signes de vie. Le pacte autobiographique 2*. Paris: Seuil, 2005.
- LE MOING, Monique. *A solidão povoada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- LEPECKI, Maria Lucia. Artigo “O romance português contemporâneo na busca da História e da historicidade”. Fondation Calouste Gulbekian. Paris, Centre Culturel Portugais, 1984.
- LIMA, Raquel Esteves. “A crítica literária na Universidade brasileira”. Tese de Doutorado em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1997.
- LOPES, Neusa Pereira. “Nava: a tranqüila sabedoria de uma vivência”. In: *Diário da Tarde*, Juiz de Fora, 20/08/1979.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. “A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam”. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no*

- Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- LOYOLA, Maria Andréa. *Médicos e Curandeiros. Conflito Social e Saúde*. São Paulo: Difel, 1984.
- LUKÁCS, George. Sobre la esencia y forma del ensayo. In: *Obras Completas*, vol. I., Barcelona, Buenos Aires, México, D.F., Ediciones Grijalbo, 1975, pp.15-39.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000
- MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- _____. *As idéias e as formas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIRANDA, Wander Melo. “A poesia do reesvaziado” In: *Cadernos da escola do legislativo*, 4. Belo Horizonte, julho/dezembro 1995.
- _____. “Memória e nação” In: *Cenário - Revista de Psicanálise e Cultura*, nº3, Belo Horizonte: Editora Santa Edwiges, 1994.
- _____. *Corpos escritos. Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp, 1992.
- _____. Cidades da memória em Drummond e Nava. *Quadrant nº8*, Montpellier, 1991, pp.175-178,

- NAVA, Pedro. *Território de Epidauro. Crônicas e histórias da história da medicina*. Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1947.
- _____. *Capítulos da História da Medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Médico Cirúrgico, 1949.
- _____. “O Doutor Torres Homem”. Manuscrito. Acervo de Pedro Nava, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- _____. *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá Ltda, 1972.
- _____. *Chão de Ferro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. *Balão Cativo*. 3º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- _____. *Beira-mar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- _____. Recado de uma geração [prefácio]. *A Revista*, Belo Horizonte, (Edição fac-similar. v.1, n.1-3, jul.-ago. 1925, jan.1926), 1978 B.
- _____. *O Círio Perfeito*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983.
- _____. *Território de Epidauro. Crônicas e histórias da história da medicina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, Londrina: EDUEL, 2004.
- _____. *A Medicina de Os Lusíadas e outros textos*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2004 B.
- _____. *Cera das Almas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- _____. *Galo das Trevas: As Doze Velas Imperfeitas*. 2º edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

- _____. Catálogo da Exposição *Pedro Nava, o alquimista da memória*. Org. Marília Rothier Cardoso e Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003 B
- _____. “Memória, Pontuda é a lança que agride o seu exumador”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, domingo, 13/06/1976.
- _____. Entrevista a Carlos Paiva Gonçalves 2/09/1920.
- _____. Entrevista concedida a Estácio Medeiros. “Memórias; a dor que dói, punge e dilacera”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Caderno de Cultura, n.156, p.2-3, 5 de junho 1983.
- _____. Entrevista concedida a Cora Rónai Vieira, *Jornal de Brasília*, 28/04/1974.
- _____. Entrevista a José Mário Pereira Filho. Fortaleza, *Diário do Nordeste*, 9 de julho de 1983.
- _____. Entrevista concedida a José Márcio Mendonça, revista *Status*, janeiro 1977, pp.11-16.
- _____. Entrevista à revista *Veja* (páginas amarelas) 17-04-74.
- _____. Entrevista concedida a Ricardo Azambuja Arnt, revista *Ele & Ela*, nº 103, novembro 1977.
- _____. Entrevista ao *Informativo oficial da Sociedade Brasileira de Reumatologia*, ano VII- abril/maio/junho- 1983.
- _____. Entrevista *Jornal da Bahia*, Salvador, 4 agosto, 1976
- _____. Entrevista Revista *Fatos e Fotos*, nº 794, 7/11/1976.
- _____. Entrevista *O Globo*, 10/04/1982.

- _____. Entrevista *O Globo*, 15/05/1984
- _____. Entrevista a Lourenço Dantas. *O Estado de São Paulo*, ano I, nº 36, p.8, 15/02/1981
- _____. Entrevista *Correio das Artes*, João Pessoa, 26/06/1983
- _____. Entrevista *Estado de São Paulo*, 17/12/72
- _____. Entrevista *Folha de São Paulo*, 15/05/1984.
- _____. Entrevista a *Revista Manchete*, 1984.
- _____. Entrevista a Remy Gorga Filho *Jornal do Brasil*, 4/11/1972
- _____. Entrevista *Jornal do Brasil, Caderno B*, 4/11/1972
- _____. Entrevista *Revista Visão*, vol. 42, nº 2, 29/01/1973, p.77.
- _____. Entrevista *Jornal do Brasil*, 7/01/1976
- _____. Entrevista *O Globo*, Rio de Janeiro, 20/5/1984
- _____. Entrevista *O Globo*, Rio de Janeiro, 24/04/1981
- _____. Entrevista com Otto Lara Resende. “Pedro Nava, 80 anos memoráveis”. Rio de Janeiro, *O Globo*, domingo, 5/06/1983.
- _____. Entrevista à *Revista Ipiranga*, nº77, abril/maio/junho, 1983.
- NETTO, José Paulo. “As Memórias de Nava”. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora Domingo e Segunda-feira, 16 e 17 de setembro de 1973.
- NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

- PANICHI Edina e CONTANI Miguel. Pedro Nava e a construção do texto. São Paulo: Ateliê Editorial e Londrina (Paraná): EDUEL, 2003.
- PASSOS, Gilberto Pereira. In: *Revista História Viva*. “A Herança Francesa”. Edição especial temática nº 9, São Paulo: Editorial Duetto, 2006.
- PEREIRA Maria Luiza Medeiros, Tese de Doutorado “Das aparas do tempo às horas cheias”. Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem ds Universidade Estadual de Campinas, 19/12/2001.
- PERES, Fernando da Rocha. *Correspondente Contumaz: Cartas a Pedro Nava, 1925-1944/ Mário de Andrade*; edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PETER, Jean Pierre. Histoires d’histoire de la médecine: pour un examen exploratoire. In: *Littérature et médecine ou les pouvoirs du récit*. Paris: BPI/ Centre Pompidou, 2001.
- PIGLIA, Ricardo. Memoria e tradición”. Anais do Congresso Abralic, 2, Belo Horizonte, 1990.pp.60-66.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Três, 1973.
- POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Tradução Ana Luiza B. Martins Costa. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- PROUST, Marcel. *Journées de lecture*. Paris: UGE 10/18, 1993.
- RESENDE, Otto Lara. *O Globo*, 19 de junho de 1976.
- _____. “Zero absoluto”. *O Globo*, 20/05/1984.

- RONCARI, Luiz. Ensaio e erro. Língua e Literatura (Ensaio). São Paulo, *Revista dos Departamentos de Letras* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. v.17, p.65-74, 1989.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 5ª reimpressão, 1998.
- ROUCHOU, Joëlle. “Pedro Nava: a busca do tempo vivido”. *Revista Ipiranga*, nº77, abril/maio/junho, 1983.
- SALOMÃO, Margarida. Uma categoria de investigação: a saudade – sobre o memorial de Nava. Juiz de Fora, *Cadernos de divulgação cultural*, nº1, ano1, fevereiro 1974.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Barroco: do quadrado à elipse*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso Latino-Americano”. In: *Uma Literatura nos Trópicos: Ensaio sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. Modernidade e Tradição Popular. *Revista brasileira de Literatura Comparada*. Niterói, março 1991.
- _____. “Atração do mundo”. Gragoatá, nº 1, Niterói: EdUFF, 2º Sem., 1996. pp.31-54.
- _____. “Prosa atual literária no Brasil”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTOS, Roberto Corrêa. *Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a história, a vida, o exterior*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SCALZO, Nilo. “No passado, a descoberta do presente”. *O Estado de São Paulo*, 3/6/1984.

SCHER PEREIRA, Therezinha “Modos de narrar- o tema da identidade, o estatuto e a perspectiva do narrador em três romances contemporâneos”. Tese de doutorado em Literatura Brasileira. UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

SCLIAR, Moacyr. *A paixão transformada- História da medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 1998.

_____. *O olhar médico: crônicas de medicina e saúde*. São Paulo: Editora Ágora, 2005.

_____. *Jornal da Unicamp*, 24 a 30 de maio 2004, p.9.

SEGALEN, Victor. *Œuvres complètes*. Édition établie et présentée par Henry Bouillier. Paris: Robert Laffont, 1995.

SÉNÈQUE. *Lettres à Lucilius: sur l'amitié, la mort et les livres*. Paris: Pocket, Collection Agora, Les classiques, 1990.

SHILLER, Paulo. In: J.C. Ismael. *O médico e o paciente: breve história de uma relação delicada*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.

SOUSA, Eneida Maria. Males do arquivo. MARQUES, Reinaldo e BITTENCOURT, Gilda Neves (org.), *Limiares críticos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p.81- 88.

_____. “Grafias de arquivo” *Suplemento literário*. nº59 - Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Maio, 2000.

_____. *Pedro Nava, o risco da memória*. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004.

- _____. *Pedro Nava: trechos escolhidos. 1903-1984*. Apresentação de Eneida Maria de Sousa. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- SPITZER, Leo. La enumeración caótica en la poesía moderna. In: *Lingüística e historia literária*. Madrid: Gredos, 1955, pp.295-346.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel. “Nas asas do instante- sobre o uso de imagens em Grande Sertão: Veredas”. In: *Imagens do Grande Sertão- Arlindo Daibert*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Juiz de Fora: Editora UFJF, 1998.
- STAROBINSKI, Jean. “ Plaidoyer pour des humanités médicales” In: *Littérature et médecine ou les pouvoirs du récit*. Paris: BPI/ Centre Pompidou, 2001.
- SUPERVIELLE, Jules. apud TADIÉ, Jean-Yves, TADIÉ, Marc. *Le sens de la mémoire*. Paris, Gallimard, 1999.
- TADIÉ, Jean-Yves, TADIÉ, Marc. *Le sens de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1999.
- VALE, Wanda Arantes. “A contribuição da obra de Pedro Nava para a História da medicina brasileira (1890-1940)”. In: *Memórias Mineiras Pedro Nava & Outros Textos*. Juiz de Fora, Publicação do Programa de Pós-Graduação de CES-JF. Volume 3, nº5, out.2001.
- VERLET, Agnès. “Une fonction réparatrice”. In: *La Faute à Rousseau*, Paris, juin 2004.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora UNB, 1982.
- VILAIN, Philippe. *Défense de Narcisse*. Paris: Grasset & Fasquelle, 2005.

WYLER, Vivian. “Pedro Nava: oitenta anos divididos entre a medicina, a pintura, a literatura, o amor pelo Rio e um ‘rabelesiano’apetite de viver”. *Jornal do Brasil. Caderno B*, 4/06/1983.

WINCKLER, Martin. *En soignant, en écrivant*. Paris: Indigène éditions, 2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)